FOLHA DE S.PAULO

HÁ 100 ANOS UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

ANO 101 ★ Nº 33.899 | SEGUNDA-FEIRA, 24 DE JANEIRO DE 2022 | R$ 5,00

Eduardo Knapp/Folhapress

RELÓGIOS ICÔNICOS MARCAM A HISTÓRIA DA CIDADE DE SÃO PAULO, QUE COMEMORA 468 ANOS AMANHÃ

Instalado nos anos 1960, no topo do Conjunto Nacional, o mostrador digital se tornou símbolo da avenida Paulista; há contadores quebrados e escondidos na paisagem urbana Cotidiano B2 e B3

Jardiel Carvalho/Folhapress

GUARUJÁ LOTA COM TEMPERATURA E SOM NAS ALTURAS

Na Enseada, banhistas aproveitam sensação térmica de 35°C e trocam as pequenas caixas Bluetooth pelas grandonas; uso dessas caixas de qualquer tamanho é proibido por lei Cotidiano B4

População de rua cresce 31% em SP durante pandemia

São 31,9 mil pessoas sem teto na cidade, das quais 8,9 mil estão com ao menos um familiar, quase o dobro de 2019

O número de famílias que moram nas ruas da cidade de São Paulo quase dobrou durante a pandemia. Em 2021, segundo dados de um censo realizado pela gestão de Ricardo Nunes (MDB), havia 31.884 pessoas sem-teto, das quais 8.927 afirmaram viver com ao menos um familiar, ante 4.868 dois anos antes.

O levantamento mostrou que 28,6% dos entrevistados afirmaram viver na rua em família, percentual superior aos 20% de dois anos antes.

Ao todo, esse contingente da população da capital aumentou 31% em relação à pesquisa realizada em 2019. Em relação a 2015, quando havia 15.905 de paulistanos sem teto, o número dobrou.

Carlos Bezerra, secretário de Assistência e Desenvolvimento Social do município, reconhece a necessidade de reestruturação do sistema de acolhimento. Segundo ele, a pasta pretende ampliar o número de centros para diversificar os serviços e vai oferecer moradias temporárias para famílias em situação de rua. Cotidiano B1

Após crise, indústrias voltam a estocar matérias-primas

Depois de anos mantendo estoques baixos de matérias-primas, empresas voltaram a ter insumos parados em armazéns. Sem as garantias de preço e prazo do pré-pandemia, os empreendimentos retomaram os estoques para evitar o risco de um pedido não ser atendido por falta de material.

Dificuldades ainda assombram as empresas, mesmo decorridos quase dois anos desde o início da crise que desorganizou as cadeias de abastecimento. Em dezembro, 83% das micro e pequenas indústrias de São Paulo relatavam alta de preços em matérias-primas, segundo o Datafolha. Mercado A13

Papéis de Alckmin e Dilma suscitam desgastes no PT Poder A4

A pandemia em 23.jan

Dados das 20h

POPULAÇÃO VACINADA

No Brasil

Ao menos uma dose (dose única ou 1ª dose)	78,2%
1º ciclo vacinal completo (dose única ou 2ª dose)	69,0%
Dose de reforço	18,5%

Nos estados

	Ao menos uma dose	1º ciclo completo	Dose de reforço
SP	84,8%	79,0%	30,8%
PI	84,9%	75,8%	13,2%
MG	79,8%	73,1%	19,8%

ESTÁGIO DA DOENÇA

Óbitos

Média móvel 292 ↑ 137,9%*

Em 24 h 166

Total 623 145

Casos ↑ +347,1%* (acelerado)

*Variação em relação a 14 dias

País registra mais mortes por Covid entre 0 e 4 anos

Crianças nessa faixa etária são mais vulneráveis ao novo coronavírus que as de 5 a 11 anos, público-alvo do plano nacional de vacinação. De 0 a 4 anos, óbitos podem ter chegado a 3.249 casos, enquanto internações devem ter atingido 93 mil desde o início da pandemia. Saúde B5

ENTREVISTA DA 2ª

Walter Belik

Volta do Brasil ao Mapa da Fome é retrocesso inédito

Um dos criadores do programa Fome Zero, o economista afirma que o governo Bolsonaro conduz uma política deliberada de desmonte de iniciativas contra a fome no país. A11

Lygia Maria

Criticar conceito não é ser racista

A carta de jornalistas da Folha contra artigos de Antonio Risério e Demétrio Magnoli comete falácia retórica ao igualar críticas ao identitarismo à relativização do Holocausto. A imprensa deve ser criticada, mas com honestidade intelectual. Opinião A2

Passa a escrever às segundas

Esporte B6

Dá para ser técnico sem ter jogado bola

Ilustrada C1

Estética 'old money' seduz jovens no TikTok

Chile busca bebês sequestrados e vendidos na ditadura Mundo A9

EDITORIAIS A2

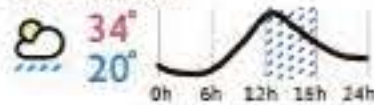
Mais uma farra

Sobre pagamento de indenizações a procuradores.

Favela ocupada

A respeito de programa para comunidades do Rio.

ATMOSFERA

São Paulo hoje

	Hoje	Amanhã
Rio	22 35	21 36
Brasília	18 30	18 29
Ribeirão	21 34	21 33

ISSN 1414-5723

opinião

FOLHA DE S.PAULO
UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA
Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

João Montanaro

EDITORIAIS

editoriais@grupofolha.com.br

Mais uma farra

Gasto milionário com indenizações a procuradores expõe dificuldade para limitar privilégios

De tempos em tempos, a revelação de despesas milionárias com altos servidores choca os menos familiarizados com os privilégios das corporações da elite do Estado.

Desta vez, noticiou-se que o pagamento de verbas indenizatórias no Ministério Público Federal atingiu R$ 123 milhões no ano passado, acima dos montantes de 2020 (R$ 110 milhões) e 2019 (R$ 109 milhões), em valores corrigidos.

A exorbitância da cifra fica mais evidente quando se observam casos individuais: como publicou O Estado de S. Paulo, há contracheques mensais acima dos R$ 400 mil. O próprio procurador-geral da República, Augusto Aras, recebeu R$ 70 mil em indenizações.

Os valores são obviamente muito maiores que os já vultosos salários dos procuradores, que chegam a R$ 37,3 mil —enquanto o teto oficial para todo o serviço público brasileiro é de exatos R$ 39.293,32.

Tal limite é descaradamente contornado, em especial nos órgãos do sistema de Justiça, por meio de auxílios, abonos e outros penduricalhos extrassalariais que se tornam parte da remuneração efetiva e são tidos como direitos adquiridos por seus beneficiários.

No Ministério Público Federal, a benesse mais custosa —somando R$ 63,4 milhões em 2021— foi a conversão da esdrúxula licença-prêmio (o direito a três meses de descanso remunerado a cada cinco anos de trabalho) em dinheiro, conforme autorizado em 2017 pelo conselho nacional da instituição.

Práticas do gênero não têm apenas impacto simbólico —o que não seria pouco. Elas contribuem para que a despesa pública brasileira com o aparato judicial (Judiciário, Ministério Público, defensorias e advocacia) chegue a 1,5% do Produto Interno Bruto, patamar não encontrado em nenhum outro país.

Os abusos são mais difíceis de combater quando seus beneficiários têm o poder de decisão. Em 2014, o ministro Luiz Fux, do Supremo Tribunal Federal, estendeu um auxílio-moradia de R$ 4.377 mensais a todos os magistrados e procuradores, incluindo os que residiam na cidade onde trabalhavam.

A norma absurda só foi revista em 2018 —e sob a condição de que o teto salarial do funcionalismo fosse reajustado em 16,38%.

São exemplos que recomendam algum ceticismo quanto a tentativas de regulamentar o teto, há anos em debate no Congresso Nacional. Um projeto já aprovado pelo Senado foi modificado pela Câmara dos Deputados no ano passado e retornou à Casa de origem.

Parece difícil levar os parlamentares, muito suscetíveis ao lobby dos servidores, a aprovar um texto rigoroso. Mais ainda, é improvável que as corporações não venham a buscar novos meios de driblar os limites a seus privilégios.

Favela ocupada

Novo programa para comunidades do Rio deve ser visto com cautela, sobretudo em ano eleitoral

Na última quarta (19), as comunidades de Jacarezinho e Muzema, no Rio, amanheceram aos sons de uma megaoperação policial. Ao todo, 1.300 agentes, 800 militares e 500 civis, além de um helicóptero, blindados e reforços nas vias expressas, deram início ao programa Cidade Integrada, lançado pelo governador Cláudio Castro (PL).

Conforme as primeiras informações disponíveis, a iniciativa tem o objetivo central de retomar territórios —do tráfico de drogas, no caso do Jacarezinho, e da milícia, em Muzema. Outras metas incluem melhorias de espaços públicos, reforma de habitações, ações sociais e de geração de emprego.

Segundo o governo fluminense, serão desembolsados de início R$ 500 milhões no programa. Em entrevista no sábado (22), Castro chegou a declarar que a polícia do estado —sobre a qual, recorde-se, pesam casos de corrupção e violência letal— deverá se reinventar.

Desnecessário apontar que promessas e intenções do gênero devem ser encaradas com cautela, sobretudo em ano eleitoral. Resultados iniciais favoráveis não garantem progresso duradouro.

Tome-se a história das Unidades de Polícia Pacificadora, projeto implantado em 2008 na gestão de Sérgio Cabral (MDB). Por algum tempo, celebrou-se o sucesso das UPPs em reduzir o domínio armado em pequenas comunidades e em permitir a inserção de equipamentos públicos e programas sociais em áreas de favela outrora negligenciadas.

Os avanços, no entanto, dissolveram-se na década seguinte, com a insuficiência de recursos públicos, corrupção e abusos policiais. Em particular, o caso do Complexo do Alemão exemplifica como uma ideia promissora resultou em elefantes brancos e volta da violência.

Não há atalhos em segurança pública. Palco da operação mais letal da história do Rio de Janeiro, que resultou em 28 mortos em maio do ano passado, o Jacarezinho tem todos os motivos para temer uma política de confrontos.

Ocupar militarmente comunidades não propiciará, de uma hora para outra, um ambiente mais seguro. Requer-se planejamento integrado entre prefeitura e governo do estado, combinando policiamento e investimento social.

Sem persistência em trazer os moradores das regiões para participar da formulação da política que os afeta, o que sobrará será tão somente uma cidade ocupada —e, ainda assim, temporariamente.

O que pode dizer um jornal?

Lygia Maria

Em jornalismo, há uma regra chamada fairness ("equidade", em português) que é conhecida como "ouvir os dois lados" sobre uma questão —o que não significa dar mesmo peso aos dois lados. Fairness é um método de investigação: ouvem-se os dois lados para conhecer melhor o objeto, mas, no texto, o jornalista precisa explicitar qual é a visão unânime, ou mais aceita, no campo investigado.

Em um texto sobre astronomia, não faz sentido dizer que a Terra talvez seja plana porque há leigos que acreditam nisso. O mesmo vale para a política editorial: não é justificável publicar artigos defendendo que a Terra é plana. Em ciências exatas, é mais fácil encontrar consensos sobre determinados objetos (há imagens provando que nosso planeta é um globo, por exemplo).

Porém, algo diferente se verifica nas ciências humanas. O conceito de "mais-valia", criado há mais de 100 anos por Marx, ainda não é unanimidade no campo da economia. Imagine, agora, conceitos bem mais recentes, como "racismo estrutural", "lugar de fala", "gênero neutro" etc.

Criticar o conceito de "mais-valia" não implica apoiar exploração de trabalhadores, quer dizer apenas que esse não seria o melhor conceito para abordar a questão. Da mesma forma, criticar o conceito de "racismo estrutural" não significa negar a existência do racismo, apoiá-lo ou relativizá-lo. Esses conceitos ainda estão em disputa no campo das ciências humanas e a imprensa acerta ao dar espaço para esse debate.

Assim, a carta aberta de jornalistas da **Folha** contra a publicação de artigos de Antonio Risério e Demétrio Magnoli comete falácia retórica quando iguala críticas a conceitos/práticas do identitarismo —realizadas por esses pesquisadores— à relativização do Holocausto (um fato histórico documentado) e ao terraplanismo (uma crença irrelevante para a ciência). A imprensa não é intocável e deve ser criticada, mas sem moralismos e com honestidade intelectual.

Tudo que é bom é branco?

Ana Cristina Rosa

Desde que fui convidada a ocupar este espaço, tenho sido criticada acerca da opção por abordar preferencialmente temas relacionados à negritude. Houve vezes em que fiquei baqueada. Noutras tive vontade de rebater. Diante da falácia acerca de um delirante racismo de negros contra brancos, agradeci por ter mantido meu propósito.

O racismo é uma realidade cruel e excludente que faz parte do cotidiano da maioria da população brasileira. O sistema que garante a perpetuação das imensas desigualdades lembra um câncer em fase tão avançada que em certos momentos parece um desafio impossível de ser suportado.

Quem é negro sabe o quanto dói ser julgado, preterido e perseguido em razão da cor da pele. Infelizmente ainda há quem tente extirpar nossa humanidade. Mas, na condição de seres humanos, pessoas negras têm defeitos, preconceitos, ambições, sofrem. E resistem. Há séculos.

Sendo o racismo um sistema estruturante de dominação com base num conceito absurdo de superioridade racial que mantém pretos e pardos em desvantagem social, econômica e cultural —e não se trata de uma mera querela semântica, embora a semântica seja muito importante—, não é razoável imaginar a existência de racismo reverso num país hierarquizado de maneira a manter os negros em condição de subalternidade desde os tempos em que o Brasil era uma colônia.

Recorro ao lúdico, rememorando uma entrevista do pugilista Muhammad Ali, astro dos ringues e gigante na defesa dos direitos civis dos afro-americanos, para a BBC na década de 1970. Na ocasião, ele citou um diálogo que teve com a mãe, na infância, para chamar a atenção da audiência da televisão para a pauta racial nos EUA.

"Sempre fui curioso e perguntava à minha mãe: Por que tudo que é bom —Jesus, os anjos, o papa, Papai Noel (...)—, é branco, e tudo que é ruim —o Patinho Feio, o gato que dá má sorte (...)—, é preto? Foi aí que eu entendi que algo estava errado." É disso que se trata.

Francisco acaba de entrar

Ruy Castro

Num fim de tarde outro dia, o papa Francisco achou uma brecha em seus compromissos no Vaticano. Dispensou os seguranças, tomou um carrinho dirigido por um funcionário e foi a uma loja de discos em Roma, chamada Stereosound. Conhecia-a desde quando era o cardeal Bergoglio, arcebispo de Buenos Aires, e ia à Itália a serviço. Imagino o espanto de Tiziana, a proprietária, ao ver quem estava entrando —não o Sumo Pontífice, chefe religioso de bilhões, mas o velho amigo, fã de Mozart e Beethoven.

Imagino também o prazer de Francisco ao se chegar às gôndolas, repassar os discos, constatar que já tinha tudo ou surpreender-se com alguma novidade —hipótese mais provável, já que os papas não têm muito tempo para acompanhar os catálogos das gravadoras. Como sua visita foi rápida, não se sabe se teve tempo para a grande delícia das lojas do gênero: socializar com os clientes, discutir preferências, saber de um lançamento secreto, ouvir uma fofoca sobre este ou aquele artista.

Não sou religioso nem tenho autoridade para palpitar, mas, de todos os papas de que já fui contemporâneo, não consigo pensar em outro que fizesse algo parecido. Pio 12, Paulo 6º e Bento 16 eram azedos demais; João 23, muito velhinho; João Paulo 1º mal esquentou o trono; e João Paulo 2º não se passaria por uma loja de discos, iria direto ao show ao vivo. Só Francisco me parece ainda capaz de se dar a essa prática tão singela e hoje rara: tirar um disco do invólucro, botá-lo no prato e clicar o botão de play.

Tiziana presenteou-o com um CD de música clássica. Ele aceitou e agradeceu. Mas não nos esqueçamos que, na vida real, Francisco se chama Jorge Mario e é argentino. No passado, o ronco bandido de um bandoneón na Boca não lhe foi estranho.

Quem sabe ele não preferiria um CD do Sexteto Mayor, com "Adiós Nonino"? Julio Sosa, com "Cambalache"? Virginia Luque, com "Nostalgias"? Edmundo Rivero, com "Garufa"?

STF pós Bolsonaro

Marcus André Melo

Professor da Universidade Federal de Pernambuco e ex-professor visitante da Universidade Yale. Escreve às segundas

O hiperprotagonismo do STF na última década foi produzido por diversos fatores dentre os quais o papel que cumpre como corte criminal, como argumentei nesta **Folha**. É claro que outros fatores e episódios singulares —como o impeachment presidencial e iniciativas parlamentares conexas— também contribuíram.

Mas a sobrecarga da agenda do Supremo que levou a sua politização e alta visibilidade pública deve-se à sua atuação como juízo criminal em um quadro de escândalos ciclópicos de corrupção. Não há nas atuais democracias corte suprema que possua jurisdição criminal como o STF, que acumula tais funções com as de corte recursal e constitucional.

Após 2019, esse protagonismo muda de chave e volta-se para a contenção do iliberalismo bolsonarista, o que fez com grande efetividade até agora. Paradoxalmente, o sucesso dessa contenção decorre, como tem argumentado Diego Arguelles, de sua atuação na esfera criminal.

O protagonismo da corte é reativo e deflagrou iniciativas hiperbólicas nesta esfera, como exemplificado pelo inquérito contra as fake news instaurado de ofício por seu presidente. Mas as prisões inéditas de parlamentares vão na mesma direção, e sugerem que a resposta do STF não se restringe ao Executivo e conta com apoio do Legislativo; e, mais importante, da opinião pública em virtude da atuação do tribunal na pandemia.

É paradoxal que a agenda de reforma institucional do STF antes incluía a redução de seu papel na esfera criminal e sua especialização na jurisdição constitucional em um quadro em que este papel se robusteceu. No cenário pós Bolsonaro, portanto, esta questão retornará independente da identidade dos dois novos ministros que assumirão em 2023.

Também é contraintuitivo que a mudança de chave tenha ocorrido simultaneamente com o recuo do apoio do STF à Lava Jato, para o que dois fatores foram decisivos. O primeiro: quando as ações desta última passaram a mirar membros individuais da instituição, o que deflagrou a mudança de comportamentos em relação à operação pelo vasto impacto disruptivo que elas embutiam.

O segundo devido à virulenta investida do novo governo contra o tribunal e os ministros Barroso e Moraes, o que produziu surpreendente unanimidade na resposta institucional. A despeito de mudanças em sua composição, a metáfora que utilizei —de onze ilhas a um continente— parece ainda apropriada.

Face a esta investida —a maior ameaça já enfrentada pela Corte pós 1988— o STF escolheu priorizar o combate, em detrimento do apoio à Lava Jato. A escolha de qual batalha travar foi estratégica. Assim o hiperprotagonismo não arrefecerá.

TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias debates@grupofolha.com.br
Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

Os resultados do 'ambientalismo de resultados'

Ministro prefere fazer o que o bolsonarismo faz de melhor: mentir e distorcer

Marcio Astrini

Secretário-executivo do Observatório do Clima, rede que reúne 70 organizações da sociedade civil

Tão modesto quanto competente, o ministro Joaquim Leite (Meio Ambiente) se esqueceu de mencionar em seu artigo nesta **Folha** (17/1) o principal resultado do "ambientalismo de resultados" praticado em sua gestão: em três anos, o governo Jair Bolsonaro deixou que 56 mil km² de florestas na Amazônia e no cerrado virassem fumaça. É quase meia Inglaterra. Bolsonaro foi o primeiro presidente a ter três altas sucessivas na devastação da Amazônia num mesmo mandato. Um resultado e tanto!

Também passou longe da retrospectiva de Leite o fato de que o Brasil foi o único país do G20 a aumentar emissões de gases-estufa no ano de 2020, quando a pandemia fez a poluição despencar. E que o governo foi processado por ter adotado uma meta climática que reduzia a ambição, violando o Acordo de Paris. E que o número de multas do Ibama no ano passado foi o menor em duas décadas, fato comemorado pelo presidente. O declínio da fiscalização é política pública.

"Resultados", sim — para o crime. O ministro preferiu gastar linhas neste espaço fazendo o que o bolsonarismo faz de melhor: mentir e distorcer.

Diz, por exemplo, que "lançamos o maior programa de pagamento por serviços ambientais do mundo". É uma referência ao programa Floresta+, criado em 2018 com US$ 96,5 milhões obtidos por reduções de desmatamento alcançadas no governo Dilma Rousseff (PT) entre 2014 e 2015.

Além de não ser o maior programa do gênero no mundo — o pagamento por serviços ambientais de Nova York, iniciado em 1997, chegou a US$ 1,5 bilhão—, o Floresta+ passou quase três anos sem sair do papel desde que Ricardo Salles assumiu o ministério. Somente no fim de 2021 a iniciativa selecionou beneficiários. O site do programa informa, sem pudor, que há seis pessoas recebendo os pagamentos. Você leu certo: seis.

Nas concessões de unidades de conservação o ministro faz caridade com chapéu alheio. Celebra o "novo modelo de concessões", omitindo que este começou a ser implementando com Michel Temer (MDB). Cabe aqui um elogio a Ricardo Salles: esta foi uma rara política ambiental existente que ele não destruiu. Resultado é isso aí!

Sobre lixões a céu aberto, embora a cifra mencionada pelo ministro seja correta, não há como atribuir a redução exclusivamente ao governo federal, já que há ações de estados e municípios nesse setor. O prazo original da Política Nacional de Resíduos Sólidos para fechar todos os lixões do país era 2014.

[...]

Falando em resultado, Joaquim Leite podia ter contado que o tratado Mercosul-União Europeia está engavetado desde 2019 por conta da política antiambiental do Brasil. Ou ainda que o Fundo Amazônia, iniciativa pioneira em defesa da floresta, continua paralisado, com mais de R$ 3 bilhões em caixa, enquanto a motosserra canta

O ministro engana ao falar de um suposto "trabalho integrado" entre ministérios que "fortaleceu o combate a incêndios e desmatamento". O próprio vice-presidente Hamilton Mourão admitiu em novembro que não conseguiu fazer integração nenhuma. O combate ao desmatamento é uma mentira de fazer corar terraplanistas: sob Bolsonaro, a destruição da Amazônia cresceu 76%. No cerrado, o aumento foi de 17%.

Sobre a participação do Brasil na COP26, é difícil saber de que Brasil Leite está falando. Decerto não o que foi para a Conferência do Clima sabendo que o desmatamento na Amazônia havia atingido sua pior marca desde 2006, mas optou por esconder os dados do mundo. Nem o do funcionário do Ministério do Meio Ambiente Vicente Aguilar, que intimidou a estudante Txai Suruí depois que esta discursou na COP em defesa dos direitos indígenas.

Aliás, falando em resultado, Joaquim Leite podia ter contado que o tratado Mercosul-União Europeia está engavetado desde 2019 por conta da política antiambiental do Brasil. Ou ainda que o Fundo Amazônia, iniciativa pioneira em defesa da floresta, continua paralisado, com mais de R$ 3 bilhões em caixa, enquanto a motosserra canta.

Em toda essa realidade paralela, o mais incrível é tentar saber a quem Leite ainda acha que engana. A "passagem da boiada" já levou à suspensão de acordos, a boicotes e, neste ano, a uma sinalização da Black Rock de que só voltará a investir no Brasil quando o governo mudar. Após três anos, o único resultado que o mundo espera do atual governo é uma derrota nas urnas em outubro próximo.

A responsabilidade dos partidos nas fraudes à cota de gênero

Diante de tanto dinheiro público, cobrar apego à lei não é nenhuma demasia

Luiz Carlos dos Santos Gonçalves e Vera Lúcia Taberti

Procurador Regional da República, é auxiliar da Procuradoria Regional Eleitoral de São Paulo

Promotora de Justiça, é assessora Eleitoral do procurador-geral de Justiça de São Paulo

Este texto se contrapõe ao artigo "Dizimando a justiça" (15/1), de Hélio Schwartsman, publicado nesta **Folha**. O colunista critica a orientação do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) de cassar toda a chapa proporcional de candidatos quando houver prova da fraude das candidaturas femininas fictícias. Clamando por um "senso de proporcionalidade nas punições", Schwartsman, em comparação infeliz, fala dos generais romanos dizimando tropas covardes e de nazistas executando dez civis para cada soldado alemão morto pela resistência.

Os fatos são mais prosaicos. Os partidos políticos brasileiros mostravam desapreço por chapas plurais nas disputas para vereador ou deputado. Lançavam chapas exclusivamente masculinas ou com algumas poucas mulheres. Isso fez de nosso país um dos mais desiguais do mundo em relação à participação feminina. De acordo com relatório do Fórum Econômico Mundial (Global Gender Gap Report - 2021), o Brasil ocupa o 108º lugar em relação à igualdade de gênero na política.

A lei passou, então, a prever uma cota feminina, de modestos 30%, nas chapas proporcionais. Infelizmente, partidos usaram ardis para burlar essa regra. Inscreviam candidatas que nem sabiam que o eram, ou que não faziam campanha, ou que faziam campanha para terceiros e nada arrecadavam. Ao julgar o "caso José de Freitas", em 2016, o TSE equiparou tal prática à fraude, permitindo que fossem propostas as ações eleitorais correspondentes.

Os partidos políticos exercem um papel-chave nas candidaturas, em especial nas proporcionais. Elas não são independentes. Cabe às siglas demonstrar a regularidade, inclusive documental, das convenções que realizaram e da escolha de candidatos, sob pena de toda a lista ser considerada inválida. É o Demonstrativo de Regularidade dos Atos Partidários (Drap). A decisão do TSE de 2016 apenas considerou que, quando há fraude no cumprimento da cota de gênero, o Drap é irregular, com as mesmas consequências que adviriam de outras irregularidades na convenção partidária: a perda do registro dos candidatos.

[...]

Os partidos políticos exercem um papel-chave nas candidaturas, em especial nas proporcionais. Elas não são independentes. Cabe às siglas demonstrar a regularidade, inclusive documental, das convenções que realizaram e da escolha de candidatos, sob pena de toda a lista ser considerada inválida

A questão trazida pelo colunista foi debatida no TSE, em 2020, no "caso Valença do Piauí": se a perda de mandato abrangeria apenas os que tivessem colaborado para o engodo ou se, como já ocorre nos demais vícios do Drap, alcançaria todos os eleitos. Era um caso difícil, pois, a despeito da fraude, mulheres haviam sido eleitas para a Câmara Municipal local. A decisão do tribunal reafirmou sua jurisprudência, indicando a obrigação dos partidos de atender a todos os requisitos legais e constitucionais da chapa de candidatos que optam por lançar.

Com tanto dinheiro público dado às legendas, exigir responsabilidade, cuidados e apego à lei não é uma demasia. Candidaturas dependem de atos e decisões partidárias, o que não parece ser uma novidade.

Vê-se, portanto, que não se trata de uma "responsabilização coletiva" nem se "viola o contrato básico da democracia" — expressões altissonantes, mas desapegadas da realidade fática e jurídica da situação. Trata-se da consequência de um mau passo de alguns partidos que não acreditam na igualdade essencial entre os gêneros.

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor leitor@grupofolha.com.br
Cartas para al. Barão de Limeira, 425, São Paulo, CEP 01202-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço

Primeiro dia de vacinação contra a Covid em São Paulo em crianças sem comorbidades Rivaldo Gomes - 22.jan.22/Folhapress

Vacina sim

"Ministério da Saúde defende hidroxicloroquina e diz que vacina não funciona" (Saúde, 22/1). Nesse desgoverno obscurantista, se dependermos das determinações dos sujeitos que por ora tem cargos no Ministério da Saúde, estaremos perdidos.

Beatriz R Alvares (Campinas, SP)

*

Este Ministério da Saúde é uma piada de mal gosto. Negar a eficácia da vacina a favor deste besteirol implantado pelo pseudo cientista negacionista Bolsonaro é ir na contramão do que diz o mundo e contra as provas de que a imunização através da vacina (cara ou não) que salva vidas.

Luiz Eduardo Menezes (São Paulo, SP)

*

O atual desgoverno propalava que as estruturas governamentais estavam aparelhadas por ideologia. Hoje vemos que está aparelhada pela ignorância.

Adelino Francisco Costa (Osasco, SP)

*

O artigo é confuso. Na prática o MS implementou com sucesso uma das maiores campanhas de vacinação do mundo. Mais de 90% da população adulta do Brasil está completamente vacinada. O resto é mimimi.

João Braga (Marília, SP)

*

Foge, foge, papão feio, que o menino é muito meu. Deixem o bicho papão gritar. Vacinem suas crianças. Elas são o caminho, a felicidade e a vida.

Teresa Fernandez (Belo Horizonte, MG)

Eleições presidenciais

"Lula busca figuras históricas do PSDB e fala em mutirão para governar" (Poder, 22/1). Que essa chapa vingue para colocar a nação nos trilhos novamente.

Zizi Paul (São Paulo, SP)

*

Lula nunca mais nem daqui a mil anos! Carta Virada! Partido que quer se perpetuar no poder não é democracia e sim democracia falsa.

João Lima (Fortaleza, SP)

*

A direita não tem o que oferecer ao eleitor, pois já vendeu tudo o que tinha para vender, e esfolou tudo que tinha de esfolar do trabalhador. Deveriam se esconder atrás do muro da incompetência, e deixar aqueles que já demonstraram capacidade em governar, como é o caso do PT e PSDB.

Antonio Catigero (São Paulo, SP)

Ambiente

"Rio Pinheiros, em SP, já tem água mais limpa e deve ganhar parque até o fim do ano" (Cotidiano, 22/1). Se isso é verdade, é sinal que pode ser feito. E se pode, por favor, deem continuidade aos outros rios. E tratem também das praias do estado de São Paulo, vergonhosamente cobertas de esgoto.

Marcia Herrmann Ferrari (São Paulo, SP)

Gabinete feminino

Fiquei encantado com o ministério escolhido pelo presidente eleito no Chile, Gabriel Boric. Sempre fui, e acredito estar certo, favorável que as mulheres, tenham os cargos mais importantes nos ministérios.

Eduardo del Pozzo Modolin (Juiz de Fora, MG)

Investigação

"Deputados articulam CPI contra Moro por atuação em setor privado" (Mônica Bergamo, 23/1). Como disse um internauta, o Moro é o borracheiro que ganha dinheiro consertando os pneus furados por pregos que ele mesmo espalhou na rua.

Théo Bastos (São Paulo, SP)

*

Que absurdo! Enquanto não for provado que Moro atuou na Lava Jato para quebrar as grandes empresas, são, no mínimo, inaceitáveis essas ilações. Imagine acusá-lo de ter causado prejuízo aos cofres públicos. Essas grandes empresas ganharam muito dinheiro para fazer grandes obras em muitos países.

Maria Telma Falcão Carvalho (São Paulo, SP)

*

Moro realmente está tocando o terror. Todos se pelando de medo. Sabem que se Moro for para segundo turno a mamata dos políticos corruptos acaba. Chega a ser ridículo.

Ana Silvia Peixoto P Machado (São Paulo, SP)

*

CPI já no lombo dos justiceiros de Curitiba. Desmascaremos os "homens de bem", ou melhor, de bens. Os agentes da destruição do Brasil, quebraram empresas altamente rentáveis, de projeção internacional, e isso custou milhares de empregos e divisas ao país.

Evandro Luiz de Carvalho (Rio de Janeiro, RJ)

Copa São Paulo

"Clássico da Copinha tem invasão de campo, e faca é encontrada no gramado" (Esporte, 22/1). O jogo final da Copinha 2022 com torcida única é um disparate. Não é justo, pois fere o direito genuíno dos torcedores, razão da existência do futebol. Há somente duas opções justas: jogo com a presença igual das duas torcidas; ou jogo sem a presença das torcidas. De outra maneira, resulta tendencioso e sem sentido.

João Carlos Araujo Figueira (Rio de Janeiro, RJ)

*

Até quando o estado vai ter que arcar com a segurança de eventos esportivos milionários? Policiamento em volta da região que recebe o jogo está certo, mas, dentro dos estádios deveria ser toda privada. Afinal a entrada é gratuita?

Michely Milhomem Pereira (Palmas, TO)

Crise energética

"Luz mais cara já força 22% dos brasileiros a atrasar a conta para comprar comida" (Mercado, 22/1). E o Congresso acabou de aprovar lei subsidiando os ricos para gerarem energia solar às custas dos pobres até 2045.

Salete Conceição Possebon (Santa Maria, RS)

*

Vamos ver se os governadores de esquerda tem sensibilidade social e zeram os impostos estaduais sobre a energia elétrica. Alguém viu Flavio Dino, Rui Costa e Fátima Bezerra proporem isso? Ficam todos quietinhos, e sentando o pau no Bolsonaro.

Olavo Cardoso Jr. (Marília, SP)

PAINEL | **Fábio Zanini**

painel@grupofolha.com.br

Menos exposto

Com o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva liderando as pesquisas por margem confortável, o PT defende a redução do número de debates previstos na campanha presidencial. Dirigentes partidários querem que veículos formem "pools" para estes eventos, com o argumento de que a quantidade de convites já é grande e deverá crescer ainda mais nos próximos meses. Essa realidade, alegam, acabaria restringindo muito o tempo para a campanha de rua e viagens pelo país.

FORA DE ÁREA Em 2006, Lula faltou ao último debate do primeiro turno, da Rede Globo, fato que foi explorado por adversários e acabou sendo decisivo para que ele tivesse de disputar a rodada final da eleição. Ironicamente, contra Geraldo Alckmin, à época no PSDB, hoje seu vice mais provável.

ESQUENTA O PT pediu ao TSE para veicular 8 inserções de TV em abril, 12 em maio e 20 em junho, com o intuito de já reforçar a pré-campanha de Lula. O mote é resgatar a "felicidade" e o "orgulho" dos brasileiros nos anos em que a legenda governou o país.

DNA 1 No ano do centenário do PCB, seus descendentes passam por momentos atribulados. O PC do B tem recebido críticas internas pela dificuldade em se atualizar e pode perder lideranças. O deputado Orlando Silva (SP) deixou a direção nacional, da qual fazia parte desde 1997. Ele e a ex-deputada Manuela D'Ávila (RS) podem sair do partido.

DNA 2 Já o Cidadania, que no passado foi PCB e PPS, corre o risco de não cumprir a cláusula de desempenho, e por isso tenta compor uma federação. MDB, PSDB, Podemos e PDT são as opções consideradas pelos ex-comunistas.

UP Apesar da queda de popularidade, Jair Bolsonaro (PL) teve bom desempenho nas redes sociais entre 17 de dezembro e 20 de janeiro, segundo análise do FGV-DAPP. Ele liderou interações em Twitter, Facebook, Instagram e YouTube no período. Um dos motivos foi sua internação na virada do ano, sequela da facada que levou em 2018.

BARULHO Lula (PT), que lidera as pesquisas, aparece em segundo lugar, com exceção do YouTube, em que o vice é Ciro Gomes (PDT). O petista gerou engajamento ao defender o direito à alimentação e quando teve encontro com Dilma Rousseff. Já Sergio Moro (Podemos) consegue picos de interações quando defende a Lava Jato e polariza com o ex-presidente.

VÁCUO Entidades conservadoras têm promovido iniciativas referentes ao Bicentenário da Independência, em meio à inoperância do governo. Uma delas é o documentário "Nossa Gente Brasileira", que deve ficar pronto no segundo semestre. Produzido por simpatizantes da monarquia, terá tom de exaltação do Império e crítica ao "golpe republicano".

VERSÃO "O golpe rompeu com um país em franca ascensão, respeitadíssimo no cenário europeu. Em 1889, com a República, começa o ocaso do Brasil", diz a diretora, Cássia Queiroz. O filme terá entrevistas com membros da família real, entre outras.

AGUADO O documentário, em produção há dois anos, é parceria do Instituto Liberdade e Justiça, de Goiás, e do Brasil 200. "Essa data não pode passar em brancas nuvens. Ou o governo vai nos surpreender na última hora, o que não acredito, ou fará algo chocho, o que é lamentável", diz a diretora.

BRECHA Auditores da Receita que atuam como conselheiros do Carf (Conselho Administrativo de Recursos Fiscais) dizem que a manutenção dos sorteios de processos pela cúpula do órgão é uma forma de driblar a paralisação da categoria.

JEITINHO Segundo os auditores, a presidência do Conselho tem realizado os sorteios para mitigar o impacto da greve, uma vez que após a distribuição o conselheiro tem 180 dias para pautar o caso.

LEMBRETE A presidência do Carf diz ter a responsabilidade de realizar os sorteios mensalmente e que a gratificação mensal auferida pelos conselheiros é condicionada à relatoria de processos indicados para a pauta.

INDIGNADOS Um abaixo-assinado em repúdio à nota da Saúde favorável à cloroquina e crítica às vacinas contra Covid obteve mais de 45 mil adesões 24 horas após ser criado. A iniciativa foi de professores da Faculdade de Medicina da USP.

TIROTEIO

"Quando chamado a debater a reforma do Judiciário, Moro faz o usual: deixa de lado os argumentos e prefere atacar o PT

De Pierpaolo Cruz Bottini e Sergio Renault, ex-secretários da Reforma do Judiciário, sobre crítica de Moro ao Ministério da Justiça sob o PT

com Guilherme Seto e Fabio Serapião

GRUPO FOLHA

FOLHA DE S.PAULO ★★★

UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Redação São Paulo

Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Elíseos | 01202-900 | (11) 3224-3222

Ombudsman ombudsman@grupofolha.com.br | 0800-015-9000

Atendimento ao assinante (11) 3224-3090 | 0800-775-8080

Assine a Folha assine.folha.com.br | 0800-015-8000

EDIÇÃO DIGITAL	Digital Ilimitado	Digital Premium
DO 1º AO 3º MÊS	R$ 1,90	R$ 1,90
DO 4º AO 12º MÊS	R$ 9,90	R$ 9,90
A PARTIR DO 13º MÊS	R$ 29,90	R$ 39,90

EDIÇÃO IMPRESSA	Venda avulsa		Assinatura semestral*
	seg. a sáb.	dom.	Todos os dias
MG, PR, RJ, SP	R$ 5	R$ 7	R$ 827,90
DF, SC	R$ 5,50	R$ 8	R$ 1.044,90
ES, GO, MT, MS, RS	R$ 6	R$ 8,50	R$ 1.318,90
AL, BA, PE, SE	R$ 9,25	R$ 11	R$ 1.420,90
Outros estados	R$ 10	R$ 11,50	R$ 1.764,90

*À vista com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

CIRCULAÇÃO DIÁRIA (IVC)

358.659 exemplares (novembro de 2021)

Embates sobre Alckmin, Dilma e alianças desgastam campanha de Lula

Petistas minimizam divisões internas e esperam que decisões do ex-presidente unifiquem a sigla na corrida ao Planalto

Victoria Azevedo e Carolina Linhares

SÃO PAULO Discussões internas no PT a respeito da campanha do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) têm gerado desgaste na sigla, que ainda precisa definir questões como alianças e federação partidária, palanques estaduais e o papel de figuras como a da ex-presidente Dilma Rousseff (PT) e do ex-governador Geraldo Alckmin (sem partido).

Num cenário em que Lula lidera as pesquisas de intenção de voto (marcou 48% ante 22% de Jair Bolsonaro, do PL, no último Datafolha, divulgado em dezembro), petistas minimizam polêmicas e afirmam que dissidentes terão que se enquadrar conforme as decisões do ex-presidente.

Na quarta-feira (19), por exemplo, Lula voltou a indicar que pretende ter o ex-tucano como candidato a vice, algo que Alckmin também almeja.

"Temos visões de mundo diferentes? Temos. Mas isso não impede, se for necessário, construir a possibilidade de colocar as divergências em um lado e as convergências em outro. Não terei nenhum problema em fazer chapa com Alckmin para ganhar as eleições", disse a jornalistas de sites de esquerda.

Aliados de Lula e de Alckmin veem a aliança pavimentada. Por outro lado, a ala mais à esquerda do PT organizou um abaixo-assinado contra o ex-tucano que reúne o endosso de dois ex-presidentes da sigla, José Genoino e Rui Falcão.

O documento lembra que Alckmin apoiou o impeachment de Dilma e o relaciona com o neoliberalismo e forças reacionárias.

Em entrevista à **Folha** que repercutiu entre petistas, Falcão afirmou que Alckmin representa uma contradição a tudo o que o partido propõe e que Lula "não precisa de uma muleta eleitoral".

Presidente do PT em São Paulo, o ex-ministro Luiz Marinho afirma ser crítico da escolha e cobra "reflexão para buscar alternativas". "Não é o [candidato] da minha preferência. Mas não posso ignorar a repercussão nacional e estadual dessa aliança", diz.

"O ponto de interrogação é o que [a aliança] impacta na visão da sociedade. O que significa estar próximo ao Alckmin? É preciso ouvir e conversar bastante. Um vice como José Alencar seria mais frutífero, mas infelizmente não temos", completa.

Presidente do sindicato de professores de São Paulo, a deputada estadual Professora Bebel diz que "gostaria de um nome mais progressista".

"É uma chapa, claro que vai passar pelas instâncias partidárias, mas para mim é difícil engolir. A posição dele é muito de estado mínimo mesmo", diz. A deputada relembra o fechamento de escolas pela gestão Alckmin, que gerou a ocupação de estudantes em 2015. No mesmo ano, o sindicato organizou uma greve que durou 92 dias.

"Quero debater com a minha categoria, sofremos muito no período do Alckmin. O partido tem que abrir o debate e ouvir", afirma à **Folha**.

"O PT ainda não fez esse debate oficialmente. Há opiniões pessoais, é normal. Não há divisão ou prejuízo. Teremos unidade de ação", afirma Marcio Macedo, ex-deputado e da executiva nacional do PT.

Aliados de Lula afirmam que a resistência a Alckmin no PT era previsível, mas é minoritária e tem o papel de marcar posição. O movimento em direção ao centro é defendido como essencial não só para vencer a eleição, mas para garantir governabilidade.

Parlamentares do PT afirmam ainda que, a partir do momento em que Lula fechar com Alckmin, aqueles que resistem serão voto vencido.

Lula também deu a senha ao PT ao tratar de impasses com o PSB em candidaturas estaduais. A formação de uma federação entre PT, PSB, PV e PC do B esbarra em cinco estados: RJ, ES, RS, SP e PE.

Os cenários eleitorais locais são outra fonte de desentendimentos e embates entre petistas. A questão partidária impacta ainda a aliança com Alckmin, que tem convites para se filiar ao PSB, ao Solidariedade e ao PV —as três legendas apoiam a chapa com Lula.

O PSB pleiteia o apoio do PT nesses cinco estados, e a direção petista sinalizou um acordo em três deles. Em São Paulo, o partido não abre mão da candidatura de Fernando Haddad (PT), enquanto os pessebistas mantêm candidatura de Márcio França (PSB).

Em reunião na semana passada, a presidente do PT, Gleisi Hoffmann, e o presidente do PSB, Carlos Siqueira, decidiram pedir ao TSE (Tribunal Superior Eleitoral) mais prazo para a inscrição de federações, o que daria tempo para a resolução desses obstáculos.

Numa posição que vai contra petistas que preferem candidaturas próprias, Lula afirmou, em entrevista, que o PSB terá a prioridade de definir candidato em Pernambuco e no Espírito Santo. Em relação a São Paulo, porém, defendeu Haddad.

"Em algum momento se faz uma avaliação para ver quem tem mais chances. Se for o Márcio França, vamos discutir com ele. Mas eu acho, com toda modéstia, que o PT nunca esteve tão próximo de ganhar o governo do estado, como está agora", afirmou Lula.

A definição de candidaturas no Rio de Janeiro, contudo, foi a que provocou mais celeuma e divisões dentro do PT nos últimos dias.

Enquanto Lula e Gleisi falaram publicamente em apoio a Marcelo Freixo (PSB), o diretório estadual resiste —alguns de seus quadros passaram a cogitar o nome de André Ceciliano (PT), presidente da Assembleia Legislativa.

Uma liderança petista do Rio ouvida pela **Folha** diz que conversas sobre uma candidatura do partido ao governo são um "movimento atabalhoado, extemporâneo e sem futuro", que atrapalha a consolidação da federação, já que o recado de Lula está dado em apoio ao pessebista. Procurado pela reportagem, Freixo não quis comentar.

À reportagem, Ceciliano afirma que é pré-candidato ao Senado e que a prioridade do PT estadual é a eleição de Lula. No entanto, dá um recado a Freixo de que é preciso dialogar com o diretório estadual.

O ponto de interrogação é o que [a aliança] impacta na visão da sociedade. O que significa estar próximo ao Alckmin? É preciso ouvir e conversar bastante. Um vice como José Alencar seria mais frutífero, mas infelizmente não temos

Luiz Marinho
presidente do PT em São Paulo

Unir as esquerdas, de preferência via federação, é uma necessidade nacional, mas é preciso preservar os interesses dos partidos e ter muita sensibilidade no tratamento dessa questão

José Guimarães (PT)
deputado

Dilma é um quadro importante para o Brasil e foi injustiçada. Ela deve ser usada na campanha por simbolizar tudo que os adversários tentaram contra nós: o impeachment sem crime de responsabilidade, a prisão de Lula. Ela encarna a perseguição ao PT

José Eduardo Cardozo (PT)
ex-ministro

Nós não vamos nos afastar da luta contra o racismo, contra o machismo e contra a homofobia

Paulo Teixeira (PT)
deputado federal

"A política fala, conversa. Tem um movimento que quer que eu seja candidato. Mas estou com pé no chão", afirma. "Ter apoio da Gleisi, do [Fernando] Haddad é importante. Mas tem que haver conversa com a base, com a direção partidária do estado."

Membros do diretório estadual também defendem aliança com Rodrigo Neves (PDT), ex-prefeito de Niterói. Essa costura, no entanto, esbarra na candidatura presidencial de Ciro Gomes (PDT-CE), que tem feito oposição a Lula.

Petistas envolvidos na campanha do ex-presidente minimizam as rusgas nos estados. Os conflitos de interesse, dizem, são naturais, mas devem se assentar com o tempo e principalmente diante da perspectiva maior de derrotar Bolsonaro.

"Unir as esquerdas, de preferência via federação, é uma necessidade nacional, mas é preciso preservar os interesses dos partidos e ter muita sensibilidade no tratamento dessa questão", afirma o deputado José Guimarães (PT-PE), que coordena palanques para Lula nos estados.

A respeito do PSB, Guimarães diz que "as questões específicas dos estados não podem se sobrepor à questão nacional". "Esse período de tensão eleitoral é normal, não tem nada fácil, todos têm que abrir mão. Mas na hora certa, vamos fechar a aliança."

A participação de Dilma na campanha de Lula também foi tema de embates internos. O vice-presidente do PT, Washington Quaquá, declarou que a ex-presidente não tem relevância eleitoral. O governo Dilma e a crise econômica que antecedeu o impeachment se tornaram munição de adversários do PT.

A questão surgiu a partir da ausência da ex-presidente no jantar que reuniu Lula e Alckmin em São Paulo, em dezembro. O ex-ministro José Eduardo Cardozo assumiu a culpa e disse que houve um problema de comunicação, não político.

Continua na pág. A5

O ex-presidente Lula (PT) discursa durante congresso da Força Sindical, em São Paulo Carla Carniel - 8.dez.21/Reuters

Continuação da pág. A4

"Dilma é um quadro importante para o Brasil e foi injustiçada. Ela deve ser usada na campanha por simbolizar tudo que os adversários tentaram contra nós: o impeachment sem crime de responsabilidade, a prisão de Lula. Ela encarna a perseguição ao PT", afirma o ministro.

Na sua opinião, a crise econômica do período deve ser "debatida com seriedade". "Se deveu a fatores externos, pautas-bomba. Essa discussão pode ser feita de peito aberto por quem conhece os fatos", diz.

"Dilma vai ter o papel que ela quiser. Ela pode ser uma mensageira internacional, por exemplo, pode contribuir muito", afirma Luiz Marinho.

Outra questão que fez ruído entre petistas foram as declarações de Alberto Cantalice, diretor da Fundação Perseu Abramo, sobre as chamadas pautas identitárias.

Cantalice escreveu no Twitter que o "identitarismo é um erro" e que é uma "pauta criada por ativistas dos Estados Unidos e não tem similaridade com questões brasileiras".

"É a velha síndrome de colonizado que permeia setores 'progressistas'. Confundem a questão central, a desigualdade, e se divorciam da realidade do povo", disse ainda.

"O PT não vai abandonar essas pautas. Defendê-las não significa impedir o debate de temas como a geração de empregos, por exemplo. Os temas estão conectados. A militância está alinhada, quem fez o tuíte que está desalinhado", responde Luiz Marinho.

Para o deputado federal e secretário-geral do PT, Paulo Teixeira (SP), essas pautas são fundamentais. "Nós não vamos nos afastar da luta contra o racismo, contra o machismo e contra a homofobia."

Aliança com PSB prevê Marília Arraes candidata ao Senado por palanque em PE

José Matheus Santos

RECIFE A direção nacional do PT planeja indicar a deputada federal Marília Arraes (PE) como candidata a senadora na composição com o PSB em Pernambuco. O objetivo é consolidar a estratégia da sigla petista de ampliar a bancada no Senado a partir de 2023 e, com isso, facilitar a governabilidade em caso de vitória do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva na eleição presidencial.

PT e PSB tentam selar acordos em disputas estaduais para pacificar a unidade da aliança em torno de Lula na disputa nacional. No encontro desta quinta em Brasília, as direções dos dois partidos defenderam a prerrogativa do PSB de indicar o candidato a governador de Pernambuco porque a legenda comanda o estado desde 2007 - os mais cotados são os deputados federais Danilo Cabral e Tadeu Alencar.

O PT, por sua vez, ainda não tornou pública a intenção, mas quer a vaga do Senado na chapa em Pernambuco. Nos bastidores, a cúpula petista entende que Marília Arraes é a que mais tem viabilidade eleitoral para a função.

O partido do ex-presidente Lula quer aumentar a bancada no Senado de seis para pelo menos nove senadores. Para isso, o PT quer dar carga nas candidaturas do Nordeste, reduto eleitoral do PT. Deverão se candidatar a senador, por exemplo, os governadores do Piauí, Wellington Dias, e do Ceará, Camilo Santana, além do senador Jean Paul Prates, que pode tentar a reeleição no Rio Grande do Norte. Lula e o PT também vão apoiar Flávio Dino (PSB) no Maranhão, visto como aliado de primeira hora.

Em dezembro, o PT de Pernambuco aprovou a indicação do nome do senador Humberto Costa como pré-candidato ao governo. Nos bastidores, a aprovação foi vista como forma de pressionar o PSB a abrir mão da disputa do governo de São Paulo, onde Márcio França e Fernando Haddad são pré-candidatos por PSB e PT, respectivamente.

Na quarta-feira, Lula disse em entrevistas a blogs independentes que, "se o PSB definir um candidato, Humberto está fora (da disputa)".

O grupo de Humberto Costa é majoritário no PT de Pernambuco e refratário à Marília Arraes. Aliados do senador dizem que a preferência do grupo é por indicar o candidato a vice-governador na chapa do PSB, mas o posto não é de interesse da direção nacional do PT, que tem entre suas prioridades ampliar a bancada no Congresso.

Humberto Costa e Marília Arraes são desafetos internos no PT desde 2018, quando o senador fez parte da articulação para rifar a deputada da disputa pelo governo de Pernambuco e reatou a aliança com o PSB para tentar a reeleição no mesmo palanque do governador Paulo Câmara. A tática eleitoral teve aval da direção nacional do PT para impedir que os pessebistas apoiassem Ciro Gomes (PDT).

Em 2020, Humberto foi contra a candidatura própria do PT à prefeitura do Recife. O PSB de Pernambuco considera o senador um dos seus principais aliados.

Além do impasse no PT local, Marília Arraes terá de lidar com resistência a seu nome por parte do prefeito do Recife, João Campos, e da família dele. Marília e João são primos de segundo grau, mas não há um racha na família Campos-Arraes. O entorno do prefeito alega que Marília não faz gestos na sua direção para se viabilizar ao Senado.

Em 2020, os dois foram ao segundo turno na disputa pela prefeitura do Recife, ocasião em que a campanha de João Campos colocou em xeque a fé de Marília Arraes e investiu no antipetismo, inclusive usando como promessa eleitoral não indicar petistas para cargos na administração municipal e lembrando escândalos de corrupção em governos petistas.

À reportagem, Marília Arraes afirmou que está disposta a seguir a estratégia a ser definida pelo ex-presidente Lula e minimizou divergências. "Em um momento em que precisamos derrotar Bolsonaro, a gente tem diálogo com quem quer derrotar Bolsonaro junto com a gente. O projeto local é importante, mas não podemos falar sobre o que está acontecendo em Pernambuco sem discutir o que está ocorrendo no Brasil". A direção do PT argumenta que a prioridade é derrotar Bolsonaro e divergências pontuais devem ser secundárias.

Precedente do STF é usado para travar quebra de sigilo de Moro

TCU quer saber salário de ex-juiz em empresa que trabalha com alvos da Lava Jato

José Marques e Constança Rezende

BRASÍLIA Com base em entendimentos do STF (Supremo Tribunal Federal), a defesa da empresa Alvarez & Marsal tem emperrado tentativa do TCU (Tribunal de Contas da União) de obter, oficialmente, informações sobre os rendimentos de Sergio Moro durante o período em que esteve contratado pela consultoria.

O ex-juiz da Lava Jato assinou contrato para trabalhar como consultor do braço investigativo da Alvarez & Marsal em novembro de 2020, sete meses após deixar o Ministério da Justiça de Bolsonaro.

Esse contrato foi encerrado em outubro de 2021, antes de ele se filiar ao Podemos com a intenção de se candidatar à Presidência da República.

O mistério sobre o salário de Moro na empresa levou a questionamentos de opositores e deve se tornar arma contra ele na campanha eleitoral.

O ex-ministro Sergio Moro (Podemos) em visita ao Senado Adriano Machado - 23.nov.21/Reuters

Desde o início, a ida de Moro para a Alvarez & Marsal é motivo de controvérsia, já que a empresa foi nomeada judicialmente para administrar a recuperação judicial de firmas que foram alvos da Lava Jato.

Enquanto o ex-juiz ainda trabalhava para a consultoria, o TCU abriu um processo, sob a relatoria do ministro Bruno Dantas, para apurar se houve suposto conflito de interesse na atuação de Moro.

Esse processo foi iniciado após representação do subprocurador-geral Lucas Rocha Furtado, que queria saber se houve prejuízos aos cofres públicos a partir de prática ilegítima de "revolving door" — quando políticos ou servidores viram lobistas ou consultores na área em que atuavam.

Em documentos enviados ao TCU, a Alvarez & Marsal expôs que, até dezembro de 2021, recebeu ao menos R$ 42,5 milhões em honorários de empreiteiras investigadas pela Lava Jato ao administrar seus processos de recuperação judicial: a Galvão Engenharia, a OAS e empresas do Grupo Odebrecht.

As empresas alvo da Lava Jato foram responsáveis pela maior parte do lucro da consultoria na área de recuperação e falência no Brasil. Só com a Odebrecht e a Atvos (braço agroindustrial da empreiteira), a consultoria recebe honorários médios de cerca de R$ 1,1 milhão mensais.

No mesmo despacho no qual determinou que a Alvarez & Marsal revelasse essas quantias, Bruno Dantas ordenou que a companhia apresentasse "toda documentação relativa ao rompimento do vínculo de prestação de serviços com o ex-juiz Sergio Moro, incluindo datas das transações e valores envolvidos".

Mas a defesa da Alvarez & Marsal se recusou a apresentar esses dados com base em decisões anteriores do STF.

Um dos precedentes apontados é do plenário de 2008 e foi relatado pelo então ministro Menezes Direito. Outro é da segunda turma, de 2012, relatado por Joaquim Barbosa. Um terceiro, de 2015, teve como relator Luiz Fux, atual presidente do Supremo.

Para a defesa, as decisões apontam que o TCU não pode requisitar informações que causem quebra de sigilo bancário em relações privadas.

"[A legislação] não conferiu ao Tribunal de Contas da União poderes para determinar a quebra do sigilo bancário", diz a decisão de Menezes. "O legislador conferiu esses poderes ao Poder Judiciário (art. 3º), ao Poder Legislativo Federal (art. 4º), bem como às Comissões Parlamentares de Inquérito, após prévia aprovação".

"Embora as atividades do TCU, por sua natureza, verificação de contas e até mesmo o julgamento das contas das pessoas enumeradas no artigo 71, II, da Constituição Federal, justifiquem a eventual quebra de sigilo, não houve essa determinação na lei específica que tratou do tema", acrescentou.

Já Fux flexibiliza o entendimento e diz que "o sigilo de informações necessárias para a preservação da intimidade é relativizado quando se está diante do interesse da sociedade de se conhecer o destino dos recursos públicos".

"Em tais situações, é prerrogativa constitucional do Tribunal [TCU] o acesso a informações relacionadas a operações financiadas com recursos públicos", continuou Fux.

O TCU não faz parte do Poder Judiciário. É um órgão de controle externo do governo federal e auxilia o Congresso no acompanhamento da execução orçamentária.

Ao negar os dados ao TCU, a Alvarez & Marsal diz que os contratos com Moro foram firmados por outras empresas do grupo (os braços de disputas e investigação nos Estados Unidos e no Brasil) e que havia cláusulas de confidencialidade que ficaram vigentes após o distrato.

"A apresentação destes contratos por empresa terceira encerra verdadeira quebra de sigilo de informações privadas, providência que se encontra além dos poderes conferidos a essa E. Corte de Contas, conforme decidido pelo E. Supremo Tribunal Federal", afirmou a empresa.

Segundo o Supremo, continua a empresa, o TCU só "pode quebrar sigilos de operações financeiras que envolvam recursos públicos, o que jamais seria o caso dos autos".

Moro foi procurado pela Alvarez & Marsal em meio a uma série de contratações de ex-autoridades que tinham acesso a dados de investigações, incluindo um ex-agente especial do FBI (a polícia federal americana), um ex-funcionário da NSA (agência de segurança nacional dos EUA) e um ex-vice-chefe da autoridade de regulação prudencial do Reino Unido.

O processo no TCU a respeito de Sergio Moro rendeu, no último mês, trocas de acusações. O setor técnico do órgão não viu conflito de interesses e se manifestou contra a representação e defendeu a atuação da Lava Jato a respeito da Odebrecht.

O procurador que foi sorteado para atuar no caso, Júlio Marcelo de Oliveira, também acusou o colega Lucas Furtado de atuação indevida no processo.

Furtado respondeu que sua atuação "se encontra respaldada nos regulamentos internos", que não havia suspeição no seu caso, mas que deveria ser avaliada a de Júlio Marcelo, por supostamente ser "amigo do responsável em análise (ex-juiz Sérgio Moro)".

Ex-juiz diz que não atuou com alvos da Operação Lava Jato

OUTRO LADO

Procurado pela reportagem, o ex-juiz da Lava Jato e pré-candidato à Presidência, Sergio Moro (Podemos), afirmou que nunca prestou "nenhum tipo de trabalho para empresas envolvidas na Lava Jato" no período em que trabalhou para a Alvarez & Marsal.

"Isso foi deixado claro, a meu pedido, no contrato que assinei com a renomada consultoria norte-americana", afirmou o ex-ministro da Justiça do governo Bolsonaro, por meio de nota.

"Nos meses em que estive na empresa, trabalhei com compliance e investigação corporativa, ou seja, ajudando e orientando empresas a construir políticas para evitar e combater a corrupção."

Ele afirma que a Alvarez & Marsal foi nomeada por um juiz para atuar na recuperação de créditos da Odebrecht e nunca trabalhou nesse departamento da empresa.

"Portanto, os argumentos de que atuei em situações de conflito de interesse não passam de fantasia sem base", acrescentou Moro.

A Alvarez & Marsal informou que tem sete unidades de negócios, que atuam de forma independente. "Em projetos de reestruturação, a Alvarez & Marsal presta serviços para devedores, credores ou atua como administrador judicial, tendo participado dos principais processos de recuperação judicial do país desde o início da operação brasileira, assim como outras consultorias desse segmento."

A empresa também afirma que é o juízo do processo que define a nomeação e os honorários de um administrador judicial, que está sujeita à análise de credores, Ministério Público e demais partes envolvidas no processo.

A Alvarez & Marsal afirma ainda que prestou todos os esclarecimentos solicitados pelo TCU "de forma tempestiva e colaborativa" e que a área técnica demonstrou não haver nenhum tipo de conflito.

"Vale esclarecer, mais uma vez, que Sergio Moro foi contratado para compor o time global de Disputas e Investigações (DI), unidade que não teve resultado incrementado por conta de projetos de reestruturação", disse a empresa.

A Odebrecht afirmou que a Alvarez & Marsal foi escolhida pelo juiz encarregado da recuperação judicial e que ninguém a recomendou para a empreiteira "pelo simples fato de que não compete à empresa escolher o administrador judicial".

OAS e Galvão Engenharia não se manifestaram.

Eduardo Leite perde força para emplacar aliados no Rio Grande do Sul após derrota para Doria

Matheus Teixeira

BRASÍLIA O governador do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite (PSDB), perdeu força após a derrota nacional para João Doria (PSDB-SP) e corre risco de não conseguir emplacar nenhum de seus preferidos na disputa pelo Executivo estadual em 2022.

Inicialmente, a ideia dele era deixar o governo estadual para se candidatar à Presidência da República e lançar seu vice, Ranolfo Vieira (PSDB), que ganharia força porque seria o governador em exercício com a máquina pública na mão.

Depois de perder as prévias tucanas, porém, Leite ficou enfraquecido nas negociações para manter sua base aliada unida e ganhou força a possibilidade de o PSDB abrir mão da candidatura própria para compor uma chapa com o MDB.

O chefe do Palácio do Piratini, então, começou a fazer gestos nos bastidores em favor do atual presidente da Assembleia Legislativa do RS, Gabriel Souza (MDB), que ajudou a emplacar pautas do Executivo no parlamento local e é identificado com o governo.

No entanto, talvez nem isso consiga e há chances de o governador se ver obrigado a apoiar o que, no seu mundo ideal, seria um plano C.

O presidente estadual do MDB, deputado federal Alceu Moreira, é pré-candidato e já disse que não irá sair da disputa em nome dos dois preferidos de Leite.

Diferentemente de Moreira, Souza ainda não se colocou oficialmente como pré-candidato, mas tem trabalhado nos bastidores para buscar apoios e enfrentar o chefe da legenda no RS em uma eventual prévia interna.

Publicamente, ambos dizem que abririam mão de disputar o Palácio do Piratini se o ex-governador José Ivo Sartori, que aparece bem nas pesquisas, aceitasse o desafio, o que, hoje, é visto como improvável.

Esse cenário seria ainda pior para Leite, uma vez que Sartori tentou a reeleição e foi justamente quem o atual governador derrotou no segundo turno de 2018, em uma disputa com trocas de acusações.

Caso as negociações avancem, uma alternativa em discussão é filiar Ana Amélia Lemos, ex-senadora e atual secretária de Leite, ao PSD e lançá-la na disputa para o Senado nesta coligação. Há quem sonhe com o atual governador nesse posto, mas ele tem afirmado que não concorrerá a nenhum cargo em 2022.

Dentro do MDB, apesar das brigas para decidir quem será o candidato da legenda, o sentimento é de otimismo em relação à composição de chapa com um tucano de vice.

O governador do RS, Eduardo Leite (PSDB), em evento das prévias do partido Charles Sholl - 28.set.21/Brazil Photo Press/Agência O Globo

A avaliação interna é que Leite será obrigado a endossar o escolhido do partido porque a sigla tem mais capilaridade no estado e ele precisa de um candidato forte para defender seu legado. Além disso, há uma leitura de que Leite ainda não conseguiu assimilar a derrota para Doria.

As disputas internas, porém, não estão restritas ao MDB. O PSDB também está dividido, e uma ala do partido tem criticado a ideia de não ter candidato e defendido que a legenda deva lançar um nome próprio mesmo que isso resulte em um racha na atual base do governo — que é composta, entre outras siglas, por PSD, União Brasil e Solidariedade.

Esses integrantes da sigla afirmam que pesquisas têm demonstrado que, sem Sartori no páreo, a eleição estaria aberta e que nenhum dos outros nomes do MDB tem popularidade superior a dos postulantes do PSDB.

Também há uma divisão em relação ao nome que representará o partido em 2022, seja na condição de cabeça de chapa ou como vice.

Prova disso é que os diretórios tucanos municipais da região Sul do RS já declararam apoio ao nome da prefeita de Pelotas, Paula Mascarenhas, para sucessão de Leite. Ela já sucedeu o atual governador no Executivo pelotense, e a ideia é que fizesse o mesmo no governo gaúcho.

Leite, entretanto, afirma que a preferência é pelo seu vice e que Vieira é o candidato "natural" do PSDB em uma eleição majoritária.

O governador acredita que os partidos de sua base conseguirão manter a aliança nas urnas e admite que nesse tipo de negociação todas as siglas, incluindo a sua, precisam estar dispostas a eventualmente abrir mão da cabeça da chapa.

Ele também nega que esteja trabalhando em favor do presidente da Assembleia do RS na disputa emedebista.

"Não é verdade, as pessoas conhecem minha linha de conduta. Jamais interferiria em outro partido com tradição política e nem que quisesse conseguiria fazer isso. E, se fosse para interferir, seria em favor do meu partido dentro desse processo", afirma Leita à **Folha**.

O chefe do Executivo gaúcho diz acreditar que não perdeu força nas negociações para sua sucessão após a derrota para Doria.

"Em absoluto porque o sucesso do governo que eu hoje lidero é o que vai ser a força motriz certamente para candidatura que representará esse projeto. Tenho certeza que tenho força política para ajudar a coordenar, mas não impondo nada, o que não é da minha natureza política", diz.

Alceu Moreira, por sua vez, afirma que o MDB trabalha para evitar a necessidade de realização de prévias e que a ideia é chegar a um consenso sobre quem representará a sigla em 2022.

"Nós tínhamos a candidatura natural do Sartori, mas ele tem dito que não quer ser candidato. Então, a segunda candidatura seria a minha pela trajetória política e história que eu tenho. Surgiu nos últimos dias a possibilidade de um menino [Souza] com uma liderança brilhante querer ser o candidato a governador", afirma.

Neste mês, o deputado federal Osmar Terra (MDB-RS) usou as redes sociais para acusar Leite de estar tentando interferir no processo interno de escolha do MDB para as eleições.

Moreira exalta a "longa história no partido" de Terra, mas diz confiar no governador, que afirmou em entrevista recente que não interfere em disputa de outro partido.

Leite também se mostra confiante. Ele diz que os partidos da base têm "aspirações legítimas", mas acredita que "o diálogo ao longo dos próximos meses poderá construir as condições para a unidade".

Rodrigo Pacheco (PSD-MG), senador Pedro Ladeira - 15.dez.21/Folhapress

Indefinição de Pacheco segura formação de palanques em MG

Segundo maior colégio eleitoral do país, estado é alvo de nomes da terceira via

Julia Chaib e Renato Machado

BRASÍLIA Considerado um dos estados-chave na eleição presidencial de outubro, Minas Gerais começa 2022 ainda como uma incógnita em relação aos palanques para os atuais líderes na intenção de voto, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e o atual mandatário, Jair Bolsonaro (PL).

Um dos principais motivos é a indefinição do presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), que é largamente apontado como candidato ao Palácio do Planalto, mas ainda não dá indicações de quando pretende colocar seu bloco na rua —a ponto de alguns no mundo político considerarem que seu momento já passou.

A indefinição do político mineiro barra a movimentação de outras peças no xadrez eleitoral, o que acaba sendo um trunfo nas mãos do senador e também do presidente de seu partido, Gilberto Kassab.

A ofensiva de nomes da terceira via em Minas não é exclusividade dos pessedistas. Outros partidos apostam em alianças para montar uma estrutura no estado, seja para impulsionar candidaturas ou para adquirir poder e barganhar composições de chapa.

Minas Gerais é o segundo maior colégio eleitoral do país. Segundo dados do TSE (Tribunal Superior Eleitoral), nas eleições de 2020, eram 15,8 milhões os mineiros aptos a votarem, o que representava na ocasião 10,7% do total de eleitores brasileiros.

Isso naturalmente levaria os principais candidatos à Presidência a correrem para fechar alianças com os favoritos no estado, mas a situação segue bastante indefinida.

Os dois nomes favoritos para disputar o governo mineiro são os do atual governador Romeu Zema (Novo) e do prefeito de Belo Horizonte, Alexandre Kalil (PSD). No entanto, nenhum dos dois consegue fechar alianças nacionais.

Kalil é o mais afetado com a indefinição de Pacheco. O prefeito da capital mineira já esteve em conversas para alianças com o PDT de Ciro Gomes e o PT de Lula em troca de palanque aos presidenciáveis. No entanto, se veria obrigado a apoiar o presidente do Senado, caso ele efetivamente lançasse sua candidatura.

"O PSD é sem dúvida o maior partido de Minas, com 10 deputados, 2 senadores, muita capilaridade, tem o prefeito de Belo Horizonte. Com certeza o PSD terá projeto próprio e o Kalil é competitivo", afirma o presidente estadual da legenda, Alexandre Silveira.

"Sobre Pacheco, é mais do que natural, tendo em vista que é presidente do Congresso, que ele seja prudente na sua avaliação sobre discutir política eleitoral, o que é super normal. As candidaturas só se colocarão de forma definitiva no final de março, princípio de abril", completa.

Pacheco foi eleito presidente do Senado em seu primeiro mandato e ganhou notoriedade ao liderar ações de enfrentamento à pandemia, em um momento em que o governo optava por propagar o negacionismo. Ao trocar o DEM pelo PSD, no fim de outubro, seu nome entrou nos cenários da disputa pelo Planalto.

No entanto, na mesma medida, ganhou força nos bastidores a versão de que sua candidatura à Presidência serviria apenas para o PSD ganhar poder de barganha e indicar um vice —como o próprio Kassab— para compor chapa.

No fim de 2021, muitos caciques partidários apontaram que o nome de Pacheco perdera força e que ele próprio estava mais discreto em relação às eleições, parando de criticar publicamente o governo federal e o próprio presidente Jair Bolsonaro (PL).

Neste mês, durante o recesso, ele continua optando pela discrição, enquanto os principais candidatos têm participado de eventos, de transmissões na internet e de entrevistas. Os líderes do PSD, no entanto, garantem que o partido terá candidato à Presidência, seja Pacheco ou outro.

Seus aliados relatam que o presidente do Senado apenas optou por recuperar as energias, após um primeiro ano desgastante à frente do Congresso Nacional. A interlocutores mais próximos, Pacheco tem dito que segue com planos de lançar sua candidatura, mas aguarda para fazer uma análise mais completa do cenário.

Acrescenta que dificilmente vai largar a possibilidade de ser reeleito presidente do Senado, em fevereiro de 2023, se considerar que o ônus de uma candidatura seja maior que os benefícios.

> “Sobre Pacheco, é mais do que natural, tendo em vista que é presidente do Congresso, que ele seja prudente na sua avaliação sobre discutir política eleitoral, o que é super normal
>
> **Alexandre Silveira**
> presidente do PSD em Minas Gerais

Enquanto aguarda, no entanto, o presidente do Senado mantém seu poder de barganha eleitoral e trava as alianças em Minas Gerais, não apenas a de Kalil.

Políticos mineiros apontam que o próprio Zema aguarda uma definição de Pacheco, para definir a quem vai ceder palanque, e que por isso se encontra numa situação difícil.

Embora possa lucrar com o apoio de um candidato favorito a nível nacional, também teria muito a perder caso optasse por estar ao lado do adversário de um candidato a presidente de Minas Gerais, que faz questão de exaltar a sua mineirice e que optou por fazer o ato de filiação ao PSD no memorial Juscelino Kubitschek.

Adversários de Zema também apontam que o governador vive uma crise, entre estar ao lado ou não de Jair Bolsonaro. Ao mesmo tempo, Zema recebeu em Belo Horizonte o ex-ministro Sérgio Moro (Podemos) para discutir apoio.

"Bolsonaro em Minas decidiu apostar na candidatura de Romeu Zema. E depois, já governador, frequentou o Palácio do Planalto, uma vez por mês, pelo menos. Com a queda de popularidade, o que acontece? Ele começou a fugir do presidente", afirma o senador Carlos Viana (MDB-MG), que recentemente deixou o PSD e se tornou um dos nomes cotados para concorrer ao governo de Minas, de olho no eleitorado conservador.

A eventual candidatura de Viana também representa o avanço em Minas de outra sigla que lançou nome para o Palácio do Planalto no campo da terceira via, mas que também mantém aberta a possibilidade de compor chapa e por isso busca ativos políticos nos estados.

O MDB lançou a senadora Simone Tebet (MDB-MS), mas seu nome já vem sendo associado a dobradinhas com o candidato do PSDB, o governador João Doria, e também com o ex-juiz Sergio Moro.

"O MDB está decidido a ter candidatura própria em Minas, até por uma questão de fortalecer a chapa para deputados federais", afirma o senador, que avalia que o fator travando as alianças está mais relacionado com o voto dos conservadores, que teriam ficado órfãos com o esfriamento da relação entre Zema e Bolsonaro.

Celso Rocha de Barros
Excepcionalmente, o colunista não escreve nesta edição.

STJ convoca sessão extraordinária em fevereiro sobre trabalho presencial

Frederico Vasconcelos

SÃO PAULO O Superior Tribunal de Justiça (STJ) publicou convocação para uma sessão extraordinária do Pleno, às 16h do dia 1º de fevereiro, para discutir o retorno das atividades presenciais no tribunal.

A sessão será realizada de forma híbrida e terá início logo após a sessão da Corte Especial que marca o início do ano judiciário no STJ. O ato foi assinado pelo vice-presidente, ministro Jorge Mussi, no exercício da presidência, após diálogo com o presidente Humberto Martins, que está em férias.

Ministros do STJ estão preocupados com o aumento de novos casos de Covid-19 no Brasil e dificilmente será retomado o trabalho presencial no início de fevereiro.

Algumas turmas já decidiram que continuarão a fazer as sessões remotas, como é o caso das Terceira e Sexta Turmas. Outras estão fazendo reuniões para deliberar a respeito. Os gabinetes estão se adequando e prorrogando o atendimento remoto.

Jorge Mussi esclareceu que os presidentes de colegiados do STJ —turmas e seções— possuem autonomia para determinar medidas de contenção à Covid-19 na organização das sessões de julgamento.

O retorno das atividades presenciais na corte —entre elas, as sessões de julgamento—, foi definido pelo Pleno do STJ no dia 21 de outubro. Na ocasião, os ministros citaram a queda do número de infectados e mortos pela Covid-19 como fatores que permitiriam a medida. Após a decisão, o tribunal publicou a Resolução STJ/GP 33/2021.

Após diálogo com Humberto Martins e demais ministros, Jorge Mussi considerou adequada a convocação da sessão extraordinária para nova deliberação sobre o assunto.

Uma das consequências da eventual manutenção do trabalho remoto será o adiamento da votação das listas com candidatos a duas vagas de ministros no STJ, e dos nomes indicados para as vagas do novo Tribunal Regional Federal, em Minas Gerais, o TRF-6. O STJ já havia decidido que as votações dessas listas deveriam ocorrer presencialmente.

Manifestantes em Valparaiso seguram cartaz com a pergunta 'onde estão?' em ato para lembrar desaparecidos na ditadura Rodrigo Garrido - 30.ago.21/Reuters

Chile lança projeto para acelerar busca por bebês sequestrados na ditadura

Organizações e oposição a Piñera dizem que programa é insuficiente e indica omissão do Estado

Sylvia Colombo

BUENOS AIRES Na fase final do governo de Sebastián Piñera, e em meio ao anúncio do gabinete ministerial do futuro presidente Gabriel Boric, nos últimos dias o Chile avançou mais um passo na revisão de crimes cometidos pelos militares durante a ditadura —e em direção à reparação histórica a quem sofreu com eles.

Na semana passada, o presidente que deixa o cargo no próximo dia 11 de março lançou um projeto que prevê acelerar a busca por bebês sequestrados no regime de Augusto Pinochet (1973-1990). Em resumo, a iniciativa fará aportes de dinheiro e a compra de kits de sequenciamento de DNA para que organizações que se dedicam a essa procura realizem seu trabalho.

O ministro da Justiça, Hernán Larraín, afirmou que, dessa forma, o governo chileno vai "colaborar com as pessoas cujos filhos foram adotados de modo irregular ou foram registrados de maneira falsa, tendo sido tirados de mães e pais, em atos que vão contra a dignidade humana".

Apesar das intenções, o programa foi alvo de críticas mesmo entre as associações possivelmente beneficiadas.

> Era um negócio mesmo, um negócio muito lucrativo e baseado em um crime de lesa-humanidade
>
> **Marisol Rodríguez**
> da associação Hijos y Madres del Silencio, sobre os sequestros de bebês pela ditadura de Pinochet

> Um projeto de governo deve ser mais abrangente no que diz respeito ao que pode fazer por esses cidadãos, que são chilenos
>
> **Boris Barrera**
> deputado do Partido Comunista

Primeiro, devido ao atraso: o assunto esteve entre as promessas de campanha de Piñera em 2017, quando ele se elegeu para seu segundo mandato, mas só agora entrou em vigor. Depois —e principalmente— porque, segundo esses grupos, o Estado se exime de qualquer responsabilidade pelos delitos pela forma como a iniciativa está desenhada.

"Trata-se de crimes cometidos pelo Estado, então pedimos que a partir do Estado se estabeleça uma Comissão Nacional de Verdade, Justiça e Reparação" que possa centralizar as buscas, afirmou em comunicado a Hijos y Madres del Silencio. A organização que iniciou seu trabalho de modo organizado em 2014 se dedica a identificar menores sequestrados dos pais nos anos 1970, a exemplo do que fazem na Argentina as célebres Avós da Praça de Maio.

Quando se fala em sequestros de bebês no período das ditaduras na região do Cone Sul, é esse grupo portenho o exemplo mais conhecido. Desde 1978, as avós encontraram 138 pessoas e devolveram suas identidades originais —acredita-se que a repressão argentina tenha subtraído das mães mais de 500 crianças, entregando-as para serem criadas por pessoas próximas aos militares ou por eles mesmos.

No país vizinho, a Hijos y Madres del Silencio também busca pelo menos 579 bebês que foram retirados de seus pais principalmente nos anos 1970, no início da ditadura de Augusto Pinochet. Ainda que a prática atroz tivesse o mesmo fim, suas motivações eram, em alguma escala, distintas.

Na Argentina, o sequestro de crianças estava relacionado em geral à atividade política da família. Os bebês roubados eram em geral filhos de militantes de esquerda, de Montoneros (guerrilha urbana peronista) e demais opositores do regime militar (1976-1983). Mortos em centros de detenção ou jogados no rio da Prata nos chamados "voos da morte", essas pessoas não conheciam o destino de seus filhos.

Já no Chile, uma investigação que vem sendo tocada pelo juiz Mario Carroza desde 2018 tem mostrado que a motivação para esses delitos era outra. Sob o pretexto de atuar num plano do regime para erradicar a pobreza do país, religiosos, assistentes sociais, juízes, médicos e enfermeiras atuavam, pagos pelo Estado, como intermediários entre famílias humildes —muitas delas de indígenas mapuches— e estrangeiros interessados em ter filhos.

579
bebês foram retirados de seus pais durante a ditadura de Augusto Pinochet no Chile, em especial nos anos 1970, segundo a associação Hijos y Madres del Silencio. Uma investigação judicial, porém, aponta que o número pode chegar a 20 mil

230
encontros entre essas crianças e as famílias biológicas já foram promovidos pelo grupo Hijos y Madres del Silencio

138
pessoas em condições semelhantes já foram identificadas na Argentina pelo grupo das Avós da Praça de Maio, que atua desde 1978. No país, mais de 500 crianças também foram sequestradas pelos militares

As adoções eram feitas via pagamento ao Estado chileno.

De acordo com relatos colhidos nas investigações, era comum que se dissesse aos pais biológicos que o bebê havia morrido logo após o parto, enquanto que nas certidões de adoção faziam constar uma declaração falsa de que a criança havia sido entregue voluntariamente. Aos pais adotivos, afirmava-se que se tratav de filhos de famílias muito humildes, que diziam não ter condições para criá-los, ou de prostitutas que não queriam a responsabilidade, por não saber quem era o pai e não contar com sua ajuda.

"Era um negócio mesmo, um negócio muito lucrativo e baseado em um crime de lesa-humanidade", diz à **Folha** Marisol Rodríguez, da Hijos y Madres del Silencio. A associação já promoveu 230 encontros e conta ainda 237 filhos que buscam os pais biológicos e 357 famílias à procura de seus filhos. Entre os países em que mais se encontraram chilenos entregues de modo ilegal estão a Suécia, os EUA, a Argentina e o Uruguai.

Para Carroza, ainda que estejam sob investigação 579 adoções ilegais por casais estrangeiros nos anos 1970, esse número pode ser muito maior, entre 700 e até 20 mil.

A falta de amparo jurídico às famílias e aos sequestrados foi outro problema apontado no projeto do governo Piñera por críticos. O deputado Boris Barrera, do Partido Comunista, foi um dos que fizeram esse apontamento, tendo como base o suporte que envolve a associação das avós argentinas.

Ele afirma que o programa chileno não abarca aspectos importantes como equipes de acompanhamento psicológico, de advogados e técnicos que possam auxiliar desde a obtenção de novos documentos até a relação com as famílias biológicas e, principalmente adotivas —já que muitas delas são passíveis de processo legal, dependendo do que sabiam sobre o processo.

O parlamentar também fez eco ao fato de o programa delegar a ONGs uma responsabilidade do Estado chileno.

Outras críticas ao plano envolvem os kits de DNA que estão sendo comprados —que não corresponderiam ao padrão necessário para esse tipo de busca— e à ausência no texto de um compromisso do governo em criar um banco de dados genéticos, nos moldes do que é usado na Argentina pelas Avós da Praça de Maio. O recurso, referência internacional em casos de pessoas desaparecidas, guardaria as informações sob proteção da identidade dos que se comprometem a deixar seu material ali para a busca de parentes.

"Descobrir-se já quando adulto ser uma pessoa tirada tão jovem de sua família é algo traumático. Um projeto de governo deve ser mais abrangente no que diz respeito ao que pode fazer por esses cidadãos, que são chilenos", afirma Barrera.

TODA MÍDIA | Nelson de Sá

nelson.sa@grupofolha.com.br

Alemanha recusa conflito com Rússia, apesar da pressão

Em entrevista no alto da primeira página do Süddeutsche Zeitung, o novo chanceler alemão, o social-democrata Olaf Scholz, afirma que eventuais sanções à Rússia, por ações contra a Ucrânia, precisam ser decididas com "prudência".

"Nós temos que considerar as consequências que isso terá para nós", diz ele, acrescentando que ninguém deve pensar que existam medidas sem efeitos para a Alemanha.

A entrevista fecha uma semana em que Berlim resistiu à pressão de Washington para romper laços com Moscou.

Começou quando o diretor da CIA, William Burns, viajou para se encontrar com Scholz —e ouviu a negativa alemã à suspensão da Rússia do serviço global de pagamentos Swift. Foi manchete do financeiro alemão Handelsblatt.

Teria ouvido também a recusa de Scholz em se encontrar "de última hora" com Joe Biden, segundo reportagem de capa da revista Der Spiegel. O argumento teria sido que "os próximos dias já estão agendados com viagens e reuniões importantes". O encontro ficou para fevereiro.

Scholz foi sustentado pelos dois líderes da oposição de direita. Friedrich Merz, da CDU, declarou à agência alemã DPA que a exclusão da Rússia "basicamente quebraria a espinha dorsal do sistema internacional de pagamentos", com "enormes consequências para a economia" de seu país.

Markus Söder, da CSU, em entrevista ao Frankfurter Allgemeine Zeitung de domingo, falou não só contra a exclusão russa do Swift, mas contra sancionar o gasoduto Nord Stream 2. "Mesmo no pior da Guerra Fria, não havia questionamento sobre a ligação energética" com a Rússia, argumentou, acrescentando: "Em algum momento, o Ocidente terá que responder à pergunta-chave: há um plano para expandir a Otan para incluir a Ucrânia ou não?"

BORIS MUSCULOSO Sem Berlim, o noticiário americano entrou no fim de semana com os sinais de Londres. "Reino Unido diz que Moscou está planejando instalar um líder pró-russo na Ucrânia", chegou a destacar o New York Times, no site. Depois baixou a atenção, acrescentando em análise que, "em meio aos escândalos do primeiro-ministro Boris Johnson", seu governo "busca um papel mais musculoso no impasse com a Rússia".

RÚSSIA & CHINA
South China Morning Post e Nikkei, este com foto do porto de Kaliningrado, deram manchetes para Pequim e Moscou 'mais próximos do que nunca', diante de 'Washington hostil'; o comércio bilateral saltou 36% no ano passado e a presença de Putin ao lado de Xi, para as Olimpíadas de Inverno, 'pode incluir um contrato final' para começar a construir o segundo gasoduto entre os dois países Reuters

Os paradoxos do brexit

Contra a Rússia, Reino Unido se torna líder do Ocidente

Mathias Alencastro

Pesquisador do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento, ensina relações internacionais na UFABC

No Reino Unido, todas as conversas giram em torno do "partygate", como é conhecido por lá o escândalo das festas secretas organizadas pela equipe do premiê Boris Johnson durante o primeiro confinamento.

Obrigado a se desculpar publicamente por seus descasos e omissões, Boris enfrenta uma rebelião dentro do próprio partido. Com grande autoridade moral no seio da desmoralizada classe política, o ex-deputado conservador Rory Stewart se insurgiu, em artigo no Financial Times na semana passada, contra a "cultura e o sistema" que interpretam a política como um simples jogo.

Porém, enquanto a política doméstica é dominada por reportagens estrepitosas dos tabloides, o país vive dias decisivos e instigantes nas relações internacionais. No embate com a Rússia, Londres assumiu a liderança de uma aliança regional com a Polônia e os países Bálticos em defesa da Ucrânia. O contraste entre o ativismo diplomático britânico e a hesitação da União Europeia ficou evidente na semana passada, quando o recém-empossado governo alemão de Olaf Scholz bloqueou uma operação de transferência de armas para a Ucrânia coordenada pela Estônia, aumentando a desconfiança entre membros da Otan.

Momentos depois, Berlim teve de demitir às pressas um comandante acusado de se manifestar publicamente a favor da Rússia. A Alemanha não é a única que se mostrou insegura diante dos acontecimentos. O presidente americano Joe Biden deixou a comunidade internacional de cabelo em pé ao fraquejar na hora de garantir que Washington jamais toleraria uma invasão russa da Ucrânia.

A própria Otan parece paralisada por causa da divergência entre a posição americana, mais agressiva, e a europeia, atenta aos riscos que um conflito representaria para sua segurança energética. O racha interno da instituição é rico em simbolismos. A aliança é tida como a principal responsável pela escalada militar russa por não respeitar os compromissos territoriais assumidos nos anos 1990.

Durante anos, o Reino Unido foi acusado de atuar de forma errática e comprometer a parceria entre os EUA e a Europa. Agora, é o único ator com uma estratégia coerente e proativa para lidar com a Rússia. Vários fatores explicam o protagonismo da sua diplomacia.

Um deles é que o brexit, pelo menos no campo da política externa, parece ter tido o efeito imaginado pelos seus idealizadores. O Reino Unido jamais teria aberto uma frente na Europa Oriental se tivesse de pedir direito de passagem aos membros da UE. A maior agilidade de Londres também se reflete na comunicação estratégica. No fim de semana, numa cena hollywoodiana, o ministério das Relações Exteriores emitiu um comunicado acusando a Rússia de planejar instalar um governo fantoche na Ucrânia em caso de invasão. Recheado de detalhes inusitados, o texto incluía uma lista de possíveis ministros.

Outro fator que parece estar pesando é a realização, tardia mas brutal, dos efeitos nefastos da penetração de capital russo no sistema democrático britânico. Relatório recém-publicado da Chatham House deixou clara a profunda corrupção de políticos e empresários por oligarcas próximos a Putin, denunciada há anos pela sociedade civil. Pelo menos parte dos agentes de Estado estão conscientes de que a oposição diplomática à Rússia também é assunto de segurança interna.

Um breve olhar para a história do império britânico nos ensina que, muitas vezes, os grandes momentos da política externa passam ao largo do debate público. É bem provável que, nas próximas semanas, os jornais continuem fazendo manchetes sobre as farras de Boris durante a pandemia enquanto Londres lidera sozinha o Ocidente numa crise internacional pela primeira vez em décadas.

| SEG. Mathias Alencastro | **QUI. Lúcia Guimarães** | SEX. Tatiana Prazeres | SÁB. Jaime Spitzcovsky

Ucrânia quer desmantelar grupos pró-Rússia

Kiev reage a acusação de que Putin trama plano para instalar governo fantoche; EUA orientam cidadãos a deixarem país

KIEV E LONDRES | REUTERS E AFP A Ucrânia declarou, neste domingo (23), que quer desmantelar todos os grupos pró-Rússia em seu território, depois que o Reino Unido acusou Moscou de tramar para instalar em Kiev um governo fantoche alinhado a Vladimir Putin.

"Nosso Estado continuará sua política de desmantelar qualquer estrutura oligárquica e política que possa trabalhar para desestabilizar a Ucrânia ou ser cúmplice dos ocupantes russos", disse Mikhailo Podoliak, assessor da Presidência de Volodimir Zelenski, sem dar detalhes de como isso se dará na prática.

Segundo ele, há dúvidas sobre a possibilidade de Moscou escalar o ex-deputado Ievguêni Muraiev para essa posição —posto que ele seria "uma figura ridícula demais"—, o que não significa que as informações da inteligência britânica não devam ser levadas a sério "o máximo possível".

Na noite deste sábado (22), comunicado de Liz Truss, secretária de Relações Exteriores do Reino Unido, fez a acusação a Putin, apontando Muraiev como provável líder desse governo alinhado a Moscou.

O comunicado não detalha, porém, como a Rússia viabilizaria a queda de Zelenski nem explica se o plano dependeria de uma invasão por tropas russas —possibilidade que o Ocidente vem aventando ser cada vez mais real, após o deslocamento de 100 mil soldados para a região da fronteira entre os países.

Autoridades envolvidas na elaboração do dossiê disseram sob condição de anonimato que a intenção foi impedir a concretização de tais planos ao expor a suposta trama.

Na manhã deste domingo, o vice-premiê Dominic Raab ameaçou a Rússia com "sanções econômicas severas" e "consequências muito sérias" caso se viabilize o plano. Nesta semana, o país iniciou o fornecimento de armamentos antitanque aos ucranianos.

Em Kiev, Podoliak exortou o Ocidente a agir "unido e com rigor" em relação à Rússia neste momento, e o discurso de outras autoridades em relação a sanções a Moscou seguiu um tom mais ponderado.

O secretário de Estado americano, Antony Blinken, rejeitou a possibilidade de fazê-lo imediatamente. "O objetivo das sanções é deter uma agressão. Se forem aplicadas agora, você perde o efeito de dissuasão", disse à CNN. Em outra entrevista, reforçou que o país nunca ajudou tanto a Ucrânia com segurança como neste ano —armamento foi entregue neste domingo, inclusive.

À noite, a diplomacia americana emitiu alerta recomendando que cidadãos não viajem à Ucrânia, citando evidências de que a Rússia planeja "uma ação militar significativa" na região. Cidadãos em Kiev e familiares dos funcionários da embaixada foram orientados a deixar o país.

Na sexta, Blinken esteve com o chanceler russo, Serguei Lavrov, e concordou com o pedido de enviar respostas formais a demandas do Kremlin, negadas em outras ocasiões —entre elas, a garantia de que países como Ucrânia e Moldova não integrarão a Otan.

Na Alemanha, o premiê Olaf Scholz pediu prudência ao Ocidente no tema, mas repetiu o discurso de unidade. O país esteve no foco da crise neste sábado, quando afastou o chefe da Marinha depois de o militar gerar um mal-estar com Kiev ao defender Putin.

A chancelaria russa classificou a acusação britânica como campanha de desinformação que visa a "aumentar as tensões" na crise. A agência estatal TASS noticiou neste domingo que o país ainda analisa a possibilidade de uma visita diplomática da secretária Liz Truss ao chanceler Serguei Lavrov em fevereiro.

> "É a paz, não a Otan que está nos nossos interesses. Se tivermos uma guerra e centenas de milhares morrerem porque o Ocidente quer que sejamos uma plataforma de lançamento, acho que isso é ir contra nossos interesses
>
> **Ievguêni Muraiev**
> ex-deputado ucraniano, apontado pelo Reino Unido como parte do plano de Vladimir Putin para ter um líder alinhado a ele em Kiev

Muraiev também criticou o documento do Reino Unido, chamando-o de teoria da conspiração, e disse que estuda responder judicialmente. Ele acrescentou que sofreu sanções de Moscou em 2018.

Em postagem no Facebook, defendeu "novos líderes" para a Ucrânia, que não sejam "pró-Ocidente ou pró-Rússia". Posições do ex-deputado, porém, indicam aproximação maior com Moscou do que qualquer outra coisa. "É a paz, não a Otan que está nos nossos interesses", disse à Reuters. "Se tivermos uma guerra e centenas de milhares morrerem porque o Ocidente quer que sejamos uma plataforma de lançamento, acho que isso é ir contra nossos interesses."

Com o domingo coroando uma semana em que encontros diplomáticos não serviram para baixar a temperatura da crise, o papa Francisco pediu que um dia internacional de "oração pela paz" seja realizado em 26 de janeiro para impedir que o caldo na região da Ucrânia entorne de vez.

Francisco atribui ministério leigo a mulher pela 1ª vez

ROMA | REUTERS O papa Francisco atribuiu neste domingo (23), pela primeira vez, ministérios leigos da Igreja Católica de Leitorado e Catecismo a mulheres. Os cargos já haviam sido femininos em outras ocasiões, mas sem um reconhecimento institucional formal.

Francisco conferiu os ministérios em missa na basílica de São Pedro. Em aparente referência à resistência de muitos conservadores a mudanças na Igreja, criticou aqueles que "precisam de regulamentos rígidos para encontrar Deus".

No ano passado, o papa mudou regras para os ministérios de Leitorado e Acolitado, que eram reservados a seminaristas. Na ocasião, Francisco disse que queria trazer estabilidade e reconhecimento público às mulheres que já executavam esses papéis.

Os leitores leem as escrituras, os acólitos servem na missa e os catequistas ensinam os dogmas e princípios da religião para crianças e adultos convertidos.

A formalização pelo papa deve dificultar que bispos conservadores impeçam mulheres de assumir esses cargos em suas dioceses.

Johanna Geron/Reuters

ATO CONTRA PASSAPORTE VACINAL COM 50 MIL TEM CONFLITO NA BÉLGICA

A polícia de Bruxelas disparou canhões de água e gás lacrimogêneo para dispersar manifestantes que protestavam neste domingo (23) contra novas restrições impostas pelo governo para conter o avanço do coronavírus. De acordo com a agência Reuters, cerca de 50 mil pessoas se reuniram nas proximidades da sede da Comissão Europeia, e o protesto ficou violento. Uma testemunha disse que uma lanchonete e o prédio que abriga o serviço diplomático europeu foram arrombados. Em um parque, manifestantes reagiram com rojões contra o avanço das forças policiais. Embora a Bélgica tenha flexibilizado na sexta-feira (21) as medidas de restrição —apesar dos recordes de infecções—, o governo anunciou que os cidadãos deveriam tomar a dose de reforço da vacina contra a Covid para manter ativo o passaporte que dá acesso a estabelecimentos como bares, restaurantes, cinemas e museus. A exigência provocou forte reação em parte da população. Na Bélgica, 89% dos adultos estão totalmente imunizados, e 67% também receberam uma dose de reforço.

entrevista da 2ª

Walter Belik

Volta do Brasil ao Mapa da Fome é retrocesso inédito no mundo

Um dos criadores do Fome Zero, economista critica desmonte da rede de segurança alimentar pelo governo Bolsonaro

MERCADO

Suzana Petropouleas

SÃO PAULO Um dos criadores do Fome Zero e um dos principais pesquisadores em segurança alimentar no Brasil, Walter Belik, professor aposentado do Instituto de Economia da Unicamp, defende que o governo Bolsonaro conduz uma política deliberada de desmonte das iniciativas contra a fome no país.

Belik relembra a criação do Fome Zero como um projeto pluripartidário. Desenhado originalmente como um programa de distribuição de cupons para troca por alimentos, passou a designar uma estratégia de segurança alimentar. Foi substituído pelo Bolsa Família, carro-chefe da política social de Lula.

As iniciativas pavimentaram a saída do Brasil do Mapa da Fome da FAO (Organização das Nações Unidas para Alimentação da Agricultura) em 2014.

O cenário mudou a partir de 2015, diz Belik. O país voltou ao Mapa da Fome em 2018 e, em 2020, registrou 55,2% da população convivendo com a insegurança alimentar, segundo pesquisa da Rede Penssan.

Cenas como as de pessoas buscando ossos e carcaças para comer no ano passado não podem ser creditadas só à crise da pandemia, diz ele.

Divulgação

Walter Belik, 66
Graduado em administração de empresas pela FGV e doutor em economia pela Unicamp. Fez pós-doutorado no University College de Londres (Reino Unido) e na University of California, em Berkeley (EUA). É professor aposentado de economia agrícola da Unicamp e professor convidado na University of Kassel, Alemanha. Coordenou a Iniciativa América Latina e Caribe Sem Fome da FAO até 2008 e desde 2013 é membro do Alto Painel da ONU de Experts para a Segurança Alimentar Mundial

*

A que o sr. atribui o avanço da fome nos últimos anos? O aumento era previsível. Tivemos uma redução até 2014 e a subida começa a aparecer já em 2017. O ano de 2018 já configura uma volta do Brasil ao Mapa da Fome. Esse dado se confirma e agrava nos anos seguintes, segundo dados da Reden Penssan e ONU. Em 2022, a tendência é de continuidade desse aumento.

A ONU associa a insuficiência alimentar grave e moderada a um quadro de fome. Tomando as duas porcentagens, chegamos a aproximadamente 25% da população em situação vulnerável. É bastante crítico. Um quarto da população está passando fome no Brasil.

Os impactos para a economia são enormes, porque existe um custo social da fome, que deve ser gerenciado pelas políticas públicas. Ele impacta no sistema de segurança social, no Orçamento, na Saúde, na educação —com atraso de aprendizagem das crianças—, e no mercado de trabalho, com redução da mão de obra e da produtividade.

Colocando na balança, prevenir seria mais barato. A fome custa caro.

O quanto a pandemia afetou o problema? Não dá para atribuir a fome só à Covid, pois se tivéssemos uma rede de proteção social em funcionamento, não teríamos um quadro tão complicado quanto o que estamos vivendo.

O programa de estoques de regulação da Conab, por exemplo, baseado em compras da agricultura familiar, acabou. Boa parte da crise de desabastecimento e alta de preços em 2020 tem a ver com a ideia de que o Brasil não precisa de estoques reguladores, o que é absurdo não só do ponto de vista de segurança alimentar, mas nacional.

O país depender de importações e da variação de preços internacionais é absurdo, diante do quadro de abundância que temos.

O sr. fala em desmonte da rede de segurança alimentar no governo Bolsonaro. Quais políticas foram afetadas? A lista é extensa. O Bolsa Família, desidratado, passou de um programa de transferência de renda com condicionalidades para um de doação. Com o Auxílio Brasil, a ideia de proteção e assistência social dessas famílias foi escanteada.

O Pronaf [Programa de Fortalecimento da Agricultura Familiar] foi desidratado e os valores cortados em 35%. O programa de reforma agrária, a Secretaria de Agricultura Familiar, o programa de estoques de regulação da Conab e o programa de cisternas, todos foram descontinuados.

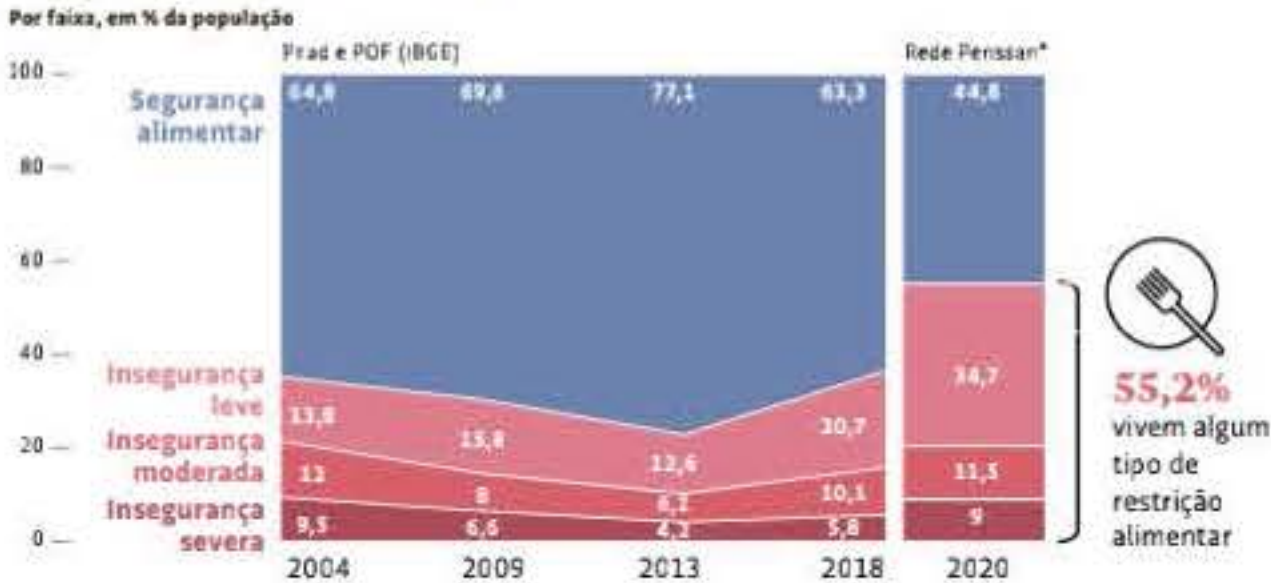
O PAA [Programa de Aquisição de Alimentos], que priorizava a compra de alimentos de agricultura familiar para doações ou alimentação escolar e chegou a comprar quase R$ 1 bilhão, garantindo renda para os pequenos produtores, acabou.

O programa de banco de alimentos virou o 'Comida no Prato', assistencialista e criado pelo governo para faturar em cima do trabalho feito há duas décadas pelos bancos de alimentos do Brasil, organizados pela sociedade civil, basicamente. O programa de restaurantes populares de R$ 1 foi descontinuado, e hoje vivemos um congestionamento neles, graças à perda de renda da população. O programa de cozinhas comunitárias acabou.

Agora, o governo quer mexer no PAT [Programa de Alimentação do Trabalhador] e reduzir a isenção fiscal das empresas que promovem o vale-alimentação ou têm restaurante. Todos os programas de abastecimento, como modernização ou mesmo privatização das Ceasas [Centrais de Abastecimento], também acabaram. Elas se tornaram obsoletas, mas têm papel importantíssimo no abastecimento urbano.

Uma coisa é consertar um programa, outra é extingui-lo.

Insegurança alimentar aumenta

Por faixa, em % da população

Segurança alimentar: capacidade normal de manter-se alimentado

Insegurança leve: incerteza quanto à capacidade de manter o padrão alimentar

Insegurança moderada: incerteza quanto à capacidade de manter o padrão alimentar, com quantidade e frequência reduzidas

Insegurança grave: não são consumidos alimentos em um dia inteiro ou mais

*Pesquisa presencial da Rede Penssan entre 5 e 24 dez.20 em 1.662 domicílios urbanos e 518 rurais com a mesma metodologia do IBGE | Fonte: Prad e POF (IBGE) e Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 da Rede Penssan (o trabalho foi conduzido pelas pesquisadoras que validaram a Escala Brasileira de Segurança Alimentar usada pelo IBGE)

Tem uma lista enorme de programas finalizados em nome de resolver problemas fiscais e respeitar o teto de gastos, que depois foi furado.

Por que o sr. critica o programa Comida no Prato? Esse caso é escandaloso. Em 2017, foi criada a Rede Brasileira de Banco de Alimentos, ideia de muito tempo atrás que visava melhorar a comunicação entre os mais de 200 bancos pelo país e reduzir custos. São na maioria ONGs e entidades civis.

O governo Bolsonaro centralizou os cadastros de doações de novos doadores, como supermercados ou indústrias, e promete isenção do ICMS a elas. Ora, esse imposto é estadual e a maioria dos alimentos doados são frescos. Estados como São Paulo não cobram ICMS sobre eles. É uma medida inócua e populista.

No caso dos industrializados, onde incide IPI, não há isenção nenhuma.

O governo quer concentrar as informações em torno dele para depois dizer que está fazendo uma ação de solidariedade, mas ele não faz nada, quem faz são as empresas que doam e as ONGS. É escandaloso. É para funcionar na propaganda política de 2022. Uma tristeza de ver.

Como a questão da fome pode afetar as eleições de 2022? Se em campanhas anteriores os temas eram corrupção e segurança pública, esse ano vai ser saúde e alimentação.

Estamos numa situação de retrocesso que é única no mundo. Não há sequer um caso na história documentado pela FAO de um país que saiu do Mapa da Fome e voltou. Nenhum. Esse é o tamanho da tragédia que vivemos.

Essa tragédia deve ser prioridade número um na cabeça de qualquer programa de governo. Lógico que, vindo do Bolsonaro, não é algo sério, é eleitoreiro. Mas diria que os outros têm uma preocupação com isso e, nas campanhas, será fundamental.

O sr. defende um Fome Zero 2.0 caso Lula seja eleito? Não sou filiado ao PT. Não sei exatamente o que está sendo discutido hoje, em nível de programa de governo. Mas diria que qualquer pessoa de bom senso vai ter que atacar esse problema como o número um.

Talvez não seja mais uma bandeira do PT, mas uma bandeira da sociedade civilizada como um todo. Mais da metade da população vive em insegurança alimentar, segundo os últimos dados. Você não pode virar as costas para isso. Não é possível que algum candidato, que tenha algum senso de solidariedade e uma certa empatia pelo povo brasileiro, possa conviver com uma situação como essa.

Não é um problema só do candidato Lula, mas de todos candidatos.

Por que o Fome Zero não conseguiu eliminar a fome de forma estrutural? Programas de transferência de renda são o primeiro passo. Quem tem fome tem pressa. Tem que garantir uma cesta básica, alimentação na mesa.

O passo seguinte, de fato gigantesco, é atacar as questões da pobreza de forma multidimensional. Dados mostram que o gasto em transporte ultrapassou o gasto com alimentação, tradicionalmente o maior das famílias. Como garantir alimentação se o sujeito vai gastar uma parte da transferência de renda para pagar o transporte para trabalhar? Aproximadamente 30 milhões têm trabalhos precários, sem vale-transporte. Gasta-se para trabalhar.

Habitação é outro item de despesa que está no mesmo nível do gasto com alimentação, em torno de 20%.

Não dá para ter um programa de alimentação sem analisar essas outras dimensões que compõem a pobreza. O que que precisa ser feito? O que não foi feito? É passar dessa fase de programas ligados à segurança alimentar para programas mais gerais, que possam garantir a erradicação da pobreza, o objetivo número um do milênio da ONU. Erradicar a pobreza não é só renda, tem outras questões relacionadas.

O que um programa de combate à fome deve fazer de diferente do que foi feito no Fome Zero? O programa número um agora seria de abastecimento dos centros urbanos, tema para o qual o Fome Zero não apresentou respostas de maior amplitude. Foram respostas pontuais.

Tem que modernizar as relações de abastecimento e comercialização, do campo ao consumidor final. Estamos numa era da economia digital e devemos aproveitar todos os elementos dados pelas plataformas: reduzir a intermediação, agilizar sistemas, promover a padronização e classificação no campo e a definição de embalagem para redução do desperdício, melhorar sistemas de transporte e de comercialização, além de conectar centrais de distribuição com a agricultura familiar, principalmente os produtores mais pobres.

É possível fazer. Também é preciso estabelecer relações mais permanentes entre o consumidor e o produtor, por exemplo, através de modelo de assinatura de cestas de alimentos frescos e saudáveis.

A qualidade da alimentação também piorou na pandemia, com aumento do consumo de ultraprocessados. Como atacar esse problema? Ultraprocessados são mais baratos e fáceis de serem encontrados.

Precisamos garantir melhoria da renda no campo e no abastecimento na cidade. Temos uma rede de Ceasas maravilhosa, construída na década de 1970, que está se deteriorando. Ela pode cumprir esse papel.

A Ceagesp [Companhia de Entrepostos e Armazéns Gerais de São Paulo], por exemplo, tem seu volume comercializado estagnado há dez anos. Está sendo comida pelas bordas pelo atacado moderno, que atua via supermercados. É importante prover este sistema de distribuição para feiras livres, de pequenos comércios, compra direta para o consumidor.

De nada adianta você fazer uma transferência de renda de R$ 600 e a pessoa comprar um alimento muito industrializado. Algumas áreas são verdadeiros desertos alimentares e isso piorou na pandemia: não tem feira, não tem distribuição, circulação de alimento fresco.

A ideia é que você possa reconectar as pessoas que recebem transferência de renda com uma alimentação saudável, garantindo renda também no campo.

No curto prazo, algo deve mudar no panorama da fome no Brasil? Esse ano ainda será bastante complicado. Com a situação fiscal do Brasil se estabeleceram alguns tetos. As emendas parlamentares tratam de questões ligadas a infraestrutura. Não há nenhum programa consistente voltado para combater este problema no curto prazo. A pandemia, que se imaginava controlada, passa por novo descontrole.

Não vejo muita condição de resolver o problema, ainda mais porque teremos um ano de recessão. Com crescimento zero, tem-se a persistência do desemprego e queda de renda.

O quadro internacional também está complicado, então vamos continuar com aumentos de preços. Diria que 2022 não vai apresentar nenhum refresco. Em 2023, com seja lá quem ganhar a eleição que não seja o Bolsonaro, teremos a possibilidade de atacar esse problema de frente.

Indústria retoma estoques de insumos depois de trauma logístico da Covid

Empresas tentam se precaver se alta futura de preços de matérias-primas e evitar perder negócios

Fernanda Brigatti

SÃO PAULO Depois de anos mantendo estoques baixos de matérias-primas, empresas voltaram a ter insumos parados em armazéns. Sem as garantias de preço e prazo do pré-pandemia, os negócios voltaram a estocar peças para evitar o risco de um pedido não ser atendido por falta de material para produzir.

Quase dois anos depois do início da crise que desorganizou as cadeias de abastecimento, dificuldades com insumos ainda assombram as empresas. Em dezembro, 83% das micro e pequenas indústrias de São Paulo ainda relatavam alta de preços em matérias-primas, segundo pesquisa Datafolha para o Simpi (sindicato do setor). Para 51%, ainda havia falta de produto nos fornecedores.

A solução encontrada pela Invent Smart Intralogistics Solutions foi estocar o equivalente a um ano de peças em aço usadas na construção de esteiras eletrônicas, usadas em aeroportos e centros de distribuição logísticos.

A decisão, do início de 2021, foi tomada para evitar flutuações de preços e prazos acima de 90 dias para entrega. A cada baixa no estoque, a empresa prepara um novo pedido na sequência, para que o nível de material excedente seja mantido.

Além disso, a fábrica substituiu diversas peças metálicas por plástico duro. A produção foi internalizada a partir da compra de quatro impressoras 3D. As trocas exigiram uma elaborada adaptação dos projetos, mas valeram a pena, diz o cofundador e vice-presidente de vendas, Augusto Ghiraldello.

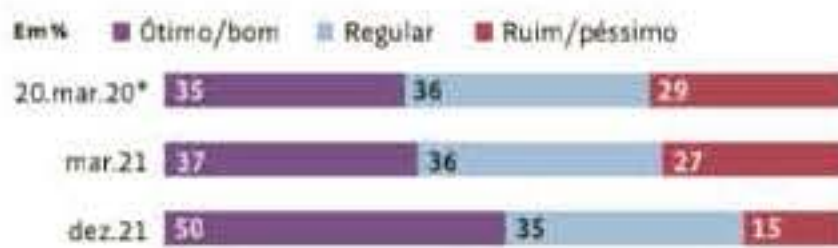
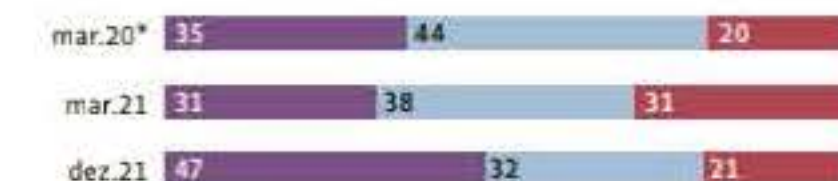
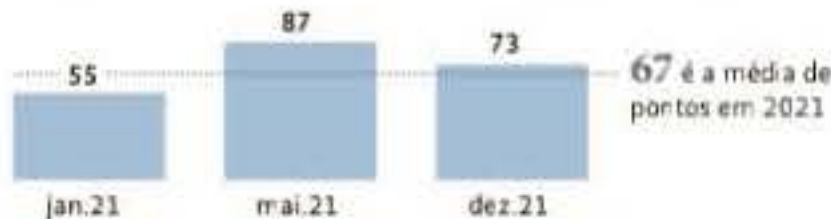
"A produção 100% em aço era uma espécie de commodity no mercado. Só que, além do preço, os prazos aumentaram muito. Tenho contratos com sanções caso não entregue ao cliente. Fomos obrigados a achar alternativas."

No ano passado, sem caixas de papelão para embalar os materiais pedagógicos que produz em uma fábrica em Santo André (ABC), Cesar de Oliveira Guimarães, diretor-executivo da MMP, precisou despachar pedidos acondicionados diretamente sobre os pallets de transporte.

"Hoje já encontro para comprar, mas com preço alto e demora na entrega. Minha programação financeira ficou mais comprometida, o que me obrigou a fazer compras maiores", diz. As caixas, que custavam R$ 4,80 no início de 2020, agora saem por R$ 8,80.

A alta no preço do polímero bruto usado na confecção dos materiais em plástico e EVA chegou a passar de 150%. Recentemente, o valor se estabilizou em patamares menores, mas ainda equivale ao dobro do que o praticado há dois anos, segundo o executivo.

Para evitar dor de cabeça, Guimarães diz ter aumentando o nível de estoque de matérias-primas e de produtos prontos. "Todo mundo sempre dizia que ter estoque é ruim, porque é dinheiro parado, mas nunca achei que fosse boa ideia não ter produto, porque minha venda é sazonal e não posso correr o risco de não fazer [o negócio]."

A sucessão de dificuldades levou a um prejuízo que, para ser estancado, exigiu que a empresa aumentasse os preços em 20%, em média. "Passei o ano segurando preço, mas quando vi, estava no negativo, e isso que não considerei o custo de estoque. Já sei que vou ter que fazer novo reajuste em alguns meses", diz Guimarães. "É triste que os meus fornecedores dizem exatamente a mesma coisa: 'compra agora porque vai subir'."

Segundo a pesquisa do Simpi, além da alta de preços de matérias-primas, as micro e pequenas indústrias também estão pressionadas pela elevação geral de custos. Gastos com água, energia elétrica, transporte e logística e mão de obra — tudo ficou mais caro.

"A elevação de custos foi a pior da série histórica. Vemos uma alta persistente, mês a mês, que ainda afeta quase 85% das empresas", diz Joseph Couri, presidente do Simpi.

Sondagem da CNI (Confederação Nacional das Indústrias) mostra que o nível de produção do setor, medido pela utilização da capacidade instalada, está em 68%. O percentual é menor do que os 70% registrados em 2020, mas está superior à média para meses de dezembro (67%).

Os estoques das empresas (que referem-se aos produtos prontos, não aos insumos para produção) ficaram em patamar estável e baixo. A escala criada pela CNI prevê que acima de 50 pontos há estoque superior ao planejado. Em dezembro de 2021, o índice ficou em 49,1 pontos.

Na avaliação do economista Rafael Cagnin, do Iedi (Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial), as condições de estoque são menos graves do que há um ano e, em alguns setores, já estão próximos de um patamar confortável

Esse indicador é importante porque ele sinaliza se os setores da indústria ainda estão vulneráveis aos repiques e gargalos da cadeia de distribuição. A variante ômicron do coronavírus, porém, que levou a uma nova disparada de casos da doença, torna mais imprevisível a normalização das cadeias de distribuição.

"Vem melhorando muito lentamente e o quadro já é menos agudo. Acho que ainda vai 2022 inteiro para estabilizar. Enquanto houver pandemia, esse será um risco."

Cesar de Oliveira Guimarães, diretor-executivo da MMP, precisou despachar pedidos sem embalagem Fotos Zanone Fraissat/Folhapress

Custo ainda pressiona micro e pequenas indústrias

Índice de custos de produção
Quanto menor, mais empresas dizem estar sob pressão

Empresas que registraram alta significativa de custos

Empresas com dificuldade com alta de preço de matéria-prima

*A realização da pesquisa foi interrompida em 2020, após o início da pandemia
Fonte: Datafolha

Augusto Ghiraldello, da Invent Smart Intralogistics Solutions

Normalização das cadeias ainda deve demorar anos

Em todo o mundo, indústrias de diversos setores ainda correm para dar conta de novas demandas e problemas com fornecedores.

Na quinta (20), durante painel sobre o assunto no Fórum Econômico Mundial, o sultão Ahmed bin Sulayem, presidente-executivo da gigante da logística DP World, disse que pandemia escancarou as fragilidades da cadeia de suprimentos e apostou que ainda levará cerca de dois anos para as condições melhorarem.

A digitalização do setor pode ser um dos caminhos, segundo ele. O processo envolve, porém, outra dificuldade global agravada na pandemia: a falta de chips semicondutores.

Para a diretora-geral da OMC (Organização Mundial do Comércio), Ngozi Okonjo-Iweala, a reorganização das cadeias de suprimentos pode ser uma oportunidade de melhorar a distribuição dos negócios pelo mundo e integrar países em desenvolvimento.

Citando o presidente-executivo da Intel, Pat Gelsinger, que também participou do painel, ela afirmou: "Precisamos ver a cadeia de suprimentos não apenas como um problema, mas como uma oportunidade. Quero convocar os investidores, como o Pat, a usar isso como uma oportunidade".

Bolsonaro sanciona Orçamento de 2022, mas não detalha vetos

Idiana Tomazelli e Mateus Vargas

BRASÍLIA O presidente Jair Bolsonaro (PL) sancionou o Orçamento de 2022, mas o comunicado divulgado neste domingo (23) pela Secretaria-Geral da Presidência da República não detalha o valor das despesas que foram vetadas.

"Foi necessário vetar programações orçamentárias com intuito de ajustar despesas obrigatórias relacionadas às despesas de pessoal e encargos sociais", limitou-se a dizer a pasta.

No sábado (22), Bolsonaro havia anunciado a necessidade de corte de R$ 2,8 bilhões no Orçamento, em em Eldorado (SP), onde um dia antes participou do velório de sua mãe, Olinda, 94.

Se confirmado, o montante é menor do que o anunciado na sexta (21) pelo número dois da Casa Civil, o secretário-executivo Jônathas Castro. Segundo ele, a indicação era de corte de R$ 3,1 bilhões - mesmo valor sinalizado por técnicos da área econômica.

O veto é condição para permitir a recomposição de gastos com pessoal que foram subestimados pelo Congresso Nacional.

"Nesse caso, será necessário, posteriormente, encaminhar projeto de lei de crédito adicional com o aproveitamento do espaço fiscal resultante dos vetos das programações", disse a Secretaria-Geral.

O comunicado de seis parágrafos cita valores destinados a ações de saúde (R$ 139,9 bilhões), educação (R$ 62,8 bilhões) e ao programa social Auxílio Brasil (R$ 89,1 bilhões), mas não informa quanto das despesas foi cancelado.

O texto também não faz menção explícita a esses itens; a previsão de técnicos do governo era assegurar recursos para o fundão eleitoral, reajustes a servidores e R$ 16,5 bilhões para emendas de relator, direcionadas pelo Congresso.

O Legislativo aprovou R$ 4,9 bilhões para o fundo eleitoral.

Também foi destinado R$ 1,7 bilhão para reajustes a servidores em 2022. A intenção de Bolsonaro é contemplar policiais, mas outras categorias pressionam para serem agraciadas.

O texto sancionado do Orçamento será publicado na edição de segunda (24) do Diário Oficial da União.

O comunicado tampouco informa quais ministérios perderam recursos — a previsão era veto em despesas discricionárias (que incluem custeio de ministérios e investimentos) e das emendas de comissão, pelas quais parlamentares redirecionam recursos.

Técnicos sugeriram concentrar a tesourada em pastas que tiveram ampliação de dotações orçamentárias, como Cidadania ou Ciência e Tecnologia. A decisão ficaria com a Casa Civil.

Bolsonaro precisou vetar algumas despesas do Orçamento porque, durante a votação do projeto de lei, os parlamentares cortaram parte das despesas com pessoal, obrigatórias.

A equipe econômica solicitou a recomposição, para evitar falta de dinheiro para bancar salários e aposentadorias do funcionalismo.

Como mostrou a **Folha**, a área econômica vê um buraco de quase R$ 9 bilhões, contando despesas obrigatórias e discricionárias.

folhainvest

PAINEL S.A.

Joana Cunha
painelsa@grupofolha.com.br

Pulmão

A procura por oxímetros, aparelho que mede a saturação de oxigênio no sangue, saltou nas últimas semanas com as infecções pela variante ômicron no país. Nas farmácias da Raia Drogasil, a venda dos aparelhos aumentou cerca de cinco vezes nas duas primeiras semanas do mês ante os primeiros 15 dias de dezembro. A Panvel também diz que vem registrando alta considerável na comercialização do produto.

TERMÔMETRO Segundo a Panvel, o volume vendido neste mês já ultrapassa em três vezes o total de dezembro do ano passado. Com a alta de demanda, a empresa afirma que está controlando o estoque, mas pode haver falta pontual do oxímetro em lojas da rede. Na rede Pague Menos, as vendas do produto cresceram 87% nos primeiros 17 dias de janeiro na comparação com o mesmo período do ano passado.

PORTAS ABERTAS O Sebrae-SP fechou 2021 com um aumento de quase 50% no volume de atendimentos a empreendedores. Foram mais de 4 milhões no ano, de acordo com a entidade, que atribui o impulso à retomada das atividades na pandemia.

FÔLEGO Wilson Poit, diretor-superintendente do Sebrae-SP, diz que, depois de um 2020 muito difícil, quando a busca por apoio para enfrentar a chegada da pandemia já havia sido alta, os empreendedores reforçaram a demanda para entender as mudanças no mercado na retomada.

CARA A CARA Com o avanço da vacinação, os atendimentos presenciais subiram de 546 mil em 2020 para quase 808 mil no ano seguinte. No modelo digital, o crescimento foi de 2,2 milhões para 3,2 milhões de atendimentos, segundo o Sebrae. No total, o número de pessoas atendidas saltou de 540 mil para 1,1 milhão no período.

CALENDÁRIO Henrique Meirelles definiu a data de sua saída do governo João Doria. Ele anunciou que deixará a Secretaria da Fazenda e Planejamento do Estado de São Paulo no final de fevereiro. O desembarque, para seguir seu plano de concorrer ao Senado por Goiás, acontece cerca de um mês antes do prazo de desincompatibilização do cargo público estabelecido pelo TSE (Tribunal Superior Eleitoral).

2022 O ex-ministro da Fazenda e ex-presidente do Banco Central seguirá no grupo responsável pelo comitê econômico da campanha presidencial de Doria, que conta ainda com a participação de Ana Carla Abrão, Zeina Latif e Vanessa Canado.

CLUBE O deputado federal Eduardo Bolsonaro (PSL-SP) foi às redes sociais neste domingo (23) para criticar a atuação da Polícia Rodoviária Federal na abordagem a um frequentador de clube de tiro. O filho do presidente descreveu o caso de um atirador parado por policiais neste final de semana. Eduardo Bolsonaro afirma que não conhece os envolvidos.

ANOTAÇÃO Ao questionar que o atirador estaria fora do trajeto entre casa, clube e competição, os policiais mostraram "desconhecimento da lei vigente e das diretrizes da PRF estabelecidas recentemente justamente para evitar este tipo de constrangimento", afirmou o deputado.

OLHAR Segundo Eduardo Bolsonaro, é preciso esclarecer policiais para "acabar com a visão de que quem anda armado é bandido ou polícia". "Basta ao atirador/CAC dizer que está indo ao clube/competição e apresentar seu CR, CRAF (documento da arma), guia de trânsito. Pouco importa o trajeto e o horário", escreveu. Procurada pelo Painel S.A., a Polícia Rodoviária Federal não se manifestou.

REPAGINADA As recentes mudanças no visual dos mascotes do chocolate M&Ms provocaram críticas à marca nas redes sociais nos EUA. Os personagens, em cena desde 1954, vão ganhar novos sapatos e cores mais suaves. A marrom ganha óculos e saltos. A verde passa a calçar tênis para substituir as botas brancas de cano alto.

POLÊMICA As mudanças virão acompanhadas de mensagens de inclusão e equilíbrio de gênero nas campanhas publicitárias, diz a marca. Uma parte dos consumidores, porém, não achou suficiente.

TROFÉU A consultoria Mais Diversidade abriu um concurso para fomentar a produção de monografias sobre o tema LGBTQIA+ no mercado de trabalho. O objetivo é dar visibilidade à pesquisa na área. Até o fim de agosto, a empresa vai receber inscrições de trabalhos defendidos entre julho de 2021 e agosto de 2022 em cursos de graduação reconhecidos pelo MEC.

com Andressa Motter e Ana Paula Branco

INDICADORES

JUROS
Jan., em % ao mês ■ Mínimo ■ Máximo

	Mínimo	Máximo
Cheque especial	7,73	8,00
Empréstimo pessoal	4,05	8,12

Fonte: Procon-SP

CONTRIBUIÇÃO À PREVIDÊNCIA
Competência dezembro

Autônomo, empregador e facultativo

Valor mín.	R$ 1.100,00	20%	R$ 220,00
Valor máx.	R$ 6.433,57	20%	R$ 1.286,71

O autônomo que prestar serviços só a pessoas físicas (e não a pessoas jurídicas) e o facultativo podem contribuir com 11% sobre o salário mínimo. Donas de casa de baixa renda podem recolher sobre 5% do piso nacional. O prazo para o facultativo e o autônomo que recolhe por conta própria vence em 17.jan

MEI (Microempreendedor)

Valor mín.	R$ 1.100	5%	R$ 55,00

Assalariado	Alíquota
Até R$ 1.100	7,5%
De R$ 1.100,00 a R$ 2.203,48	9%
De R$ 2.203,49 a R$ 3.305,22	12%
De R$ 3.305,23 a R$ 6.433,57	14%

O prazo para recolhimento das contribuições do empregado vence em 20.jan. As alíquotas progressivas são aplicadas sobre cada faixa salarial que compõe o salário de contribuição

IMPOSTO DE RENDA

Em R$	Alíquota, em %	Deduzir, em R$
Até 1.903,98	isento	
De 1.903,99 até 2.826,65	7,5	142,80
De 2.826,66 até 3.751,05	15	354,80
De 3.751,06 até 4.664,68	22,5	636,13
Acima de 4.664,68	27,5	869,36

EMPREGADOS DOMÉSTICOS
Considerando o piso na capital e Grande SP

R$ 1.256,32	Valor, em R$
Empregado	116,66
Empregador	259,26

O prazo para o empregador de trabalhador doméstico venceu em 7.jan. A guia de pagamento do empregador inclui a contribuição de 8% ao INSS, 8% do FGTS, 3,2% de multa rescisória do FGTS e 0,8% de seguro contra acidente de trabalho. A contribuição ao INSS do doméstico pode ser descontada do salário. Sobre o piso da Grande SP, as alíquotas do empregado são de 7,5% e 9%. Para salário maior, de 7,5% a 14%, aplicadas sobre cada faixa do salário, até o teto do INSS

Ex-jogadores de futebol trocam os campos pelo mercado financeiro

Assessores de investimento, Dudu Cearense e William Machado miram clientela de atletas e fazem recomendações para 2022

Lucas Bombana

SÃO PAULO No apagar das luzes de 2021, o movimento de clubes tradicionais de futebol como Cruzeiro e Botafogo caminhando para se tornarem empresas evidenciou o potencial ainda a ser explorado na intersecção entre os gramados e o mercado financeiro.

Além de investidores que passaram a entrar em campo com dinheiro no bolso para administrar agremiações do futebol brasileiro, um caminho inverso também tem sido trilhado: jogadores que, após pendurarem as chuteiras, passaram a atuar como assessores em escritórios de investimento.

Em dezembro do ano passado, Dudu Cearense, que jogou pela seleção brasileira e por times como Atlético-MG, Botafogo e CSKA Moscou da Rússia, obteve o certificado CEA (Certificação Anbima de Especialistas em Investimento).

"Sei das dores que os atletas sofrem no dia a dia, a pressão por resultados, e meu objetivo é abrir os olhos desses atletas para quais são as principais alternativas disponíveis no mercado, para que eles tenham algum nível de conhecimento, até para não se deixarem levar por cantos da sereia que volta e meia surgem no meio do caminho", diz Dudu Cearense, sócio fundador do escritório de agentes autônomos AFS (Advance Financial Service) Capital, vinculado ao BTG Pactual.

Acima, Dudu Cearense, sócio-fundador da AFS Capital; ao lado, William Machado, sócio da Messem Investimentos Karime Xavier/Folhapress e Divulgação

Após ser reprovado nas três primeiras tentativas de conseguir o certificado da associação de mercado, o ex-jogador conseguiu a aprovação na quarta vez em que prestou a prova.

Segundo ele, o percurso até aqui reflete bem algumas características importantes que trouxe de dentro dos campos para sua atuação hoje como assessor, como o profissionalismo e a persistência para não desistir ao primeiro contratempo.

Entre as melhores oportunidades no radar para 2022 no mercado financeiro, Dudu Cearense aponta alternativas na renda fixa pública, em especial no caso dos papéis indexados à inflação, de modo a proteger o patrimônio da alta dos preços que ainda pode persistir por mais algum tempo.

Sob uma ótica de mais longo prazo, contudo, o achatamento no preço das ações por causa da atual atratividade na renda fixa pode representar, mais à frente, um retorno polpudo de investimentos na Bolsa, para aqueles com capacidade financeira para manter o dinheiro aplicado, aponta o especialista da AFS Capital.

Fundos de investimento globais, que permitem ao investidor ter um pedaço da carteira dolarizada, praticamente imune aos contratempos do Brasil, também são citados entre as principais opções no leque que costuma apresentar aos clientes.

"Vamos ter uma alta de juros nos Estados Unidos em 2022 que trará implicações para diversos ativos em escala global, e ter uma diversificação geográfica pode ajudar a proteger a carteira", diz.

Ele acrescenta ainda ter a intenção de incentivar a formação de outros atletas que encerraram sua carreira esportiva, seja no futebol ou em outras modalidades, de modo a formar uma equipe preparada para assessorar financeiramente profissionais do esporte ainda em atividade.

> "Sei das dores que os atletas sofrem no dia a dia, a pressão por resultados, e meu objetivo é abrir os olhos desses atletas para quais são as principais alternativas disponíveis no mercado, para que eles tenham algum nível de conhecimento, até para não se deixarem levar por cantos da sereia que volta e meia surgem no meio do caminho
>
> **Dudu Cearense**
> ex-jogador

Um dos pioneiros na área, Willian Machado —que envergou a braçadeira de capitão do Corinthians no final da década passada—, se associou em 2019 à Messem Investimentos, escritório de agentes autônomos vinculado à XP.

Ele conta que, tendo atuado por algumas equipes de menor expressão antes de se destacar em times populares do país, muitas vezes chegou a questionar se conseguiria manter-se com a carreira como profissional do futebol por muito tempo.

"Minha trajetória no esporte foi parecida com a Bolsa brasileira, cheia de altos e baixos", brinca.

Por causa disso, ainda quando estava fazendo a transição das categorias de base para o profissional no time mineiro Sete de Setembro, obteve uma bolsa de estudos junto à Agap-MG (Associação de Garantia ao Atleta Profissional) e, seguindo o interesse por matemática que já vinha desde a juventude, se formou em Ciências Contábeis pela PUC-MG.

Fato é que a atividade futebolística acabou se mostrando das mais vitoriosas para William "Capita", como o ex-jogador ficou conhecido, tendo se notabilizado em passagem vitoriosa pelo Grêmio, e, principalmente, como um dos líderes de um Corinthians que conquistou títulos importantes, com figuras no elenco do quilate de Ronaldo Fenômeno e Roberto Carlos.

Após levantar os canecos dentro de campo e com o final da carreira se aproximando, a formação acadêmica e o interesse pelos números voltaram a falar mais alto, o que o levou a seguir pela trajetória na assessoria de investimento, após convite feito por sócios da Messem.

"A sociedade está mais interessada e preocupada com seus investimentos em comparação com alguns anos atrás, a questão da educação financeira está hoje bem mais difundida, e as pessoas só têm a ganhar com mais conhecimento nessa área", diz o ex-capitão corintiano, que tem notado um interesse crescente dos clientes, atletas ou não, pelas oportunidades na renda fixa, na esteira do aumento na taxa básica de juros, a Selic.

William conta que, em dezembro passado, chegou a lançar, em parceria com a escola de finanças FK Partners, um curso online destinado a atletas profissionais em atividade ou já aposentados, bem como aos familiares e pessoas próximas, que tem como objetivo servir como um guia em que ele apresenta os conceitos básicos acerca do mercado financeiro.

"Conforme a sociedade de forma geral passa a caminhar em uma direção, é difícil que os atletas não a sigam, ainda que às vezes tardiamente. E isso vem acontecendo em relação aos investimentos, o que é bastante importante, porque muitos atletas servem de espelho para os mais jovens", afirma.

William diz ainda enxergar a iniciativa de clubes de futebol se tornarem empresas no modelo das SAF (Sociedade Anônima do Futebol) como um meio, mas não um fim, dentro de um movimento que pode levar a uma maior profissionalização do esporte no país.

"Conheci o Ronaldo ainda quando fomos convocados para a seleção brasileira sub-17, e atuamos alguns anos juntos pelo Corinthians. Sei que ele sempre busca estar assessorado por pessoas muito capacitadas para lidar com temas que não domina completamente. E, se ele fez esse movimento, é porque tem a convicção de que a lei das SAF será respeitada", afirma o "Capita", sobre a investida do Fenômeno no Cruzeiro.

O regime tributável da previdência

Quem não sabe o regime de tributação investe sem saber quanto pagará de imposto

Marcia Dessen
Planejadora financeira CFP ("Certified Financial Planner"), autora de "Finanças Pessoais: O Que Fazer com Meu Dinheiro"

A tributação das aplicações financeiras em geral é feita exclusivamente na fonte, e não compete ao investidor fazer escolhas. Mas há uma exceção: os planos de previdência.

São dois os regimes de tributação aplicáveis aos planos de previdência, o tributável e o definitivo. São definidos pela Receita Federal e como tal deveriam ser divulgados, evitando simplificações que podem comprometer o entendimento e impedem que o investidor saiba, ao certo, quanto pagará de imposto.

Denominar os regimes de progressivo ou regressivo, por exemplo, revela apenas a alíquota do imposto que será retido na fonte. Uma opção mais perigosa é usar a expressão "compensável", sugerindo que o imposto retido na fonte será compensado, e a carga fiscal, reduzida. Regime tributável é a denominação correta do regime chamado de compensável.

Os regimes de tributação definem como serão tratados os rendimentos na declaração anual do Imposto de Renda. O assunto é sério e importante, então vamos falar o português claro, respeitando os conceitos da Receita Federal e explicando os regimes como se deve.

Como o assunto é extenso e não quero deixar de abordar nenhum aspecto, desdobro o assunto em duas colunas, começando pelo mais complexo.

Regime tributável

Os rendimentos provenientes dos planos de previdência compõem a renda tributável do contribuinte e são adicionados aos demais rendimentos tributáveis, como salários e aluguéis, por exemplo.

Como a fonte (seguradora) desconhece o montante da renda tributável do seu cliente, retém 15% de imposto a título de antecipação do imposto devido na declaração. Mas a tributação não acaba aí.

As alíquotas serão definidas em razão da renda tributável total do contribuinte, de acordo com a tabela progressiva vigente, atualmente, entre isento e 27,5%.

O IR retido na fonte será compensado no ajuste final das contas com a Receita Federal na declaração do Imposto de Renda. Assim, quem ganha acima de R$ 55.976,16 por ano pagará 27,5% de imposto (admitidos os descontos autorizados), não apenas os 15% retidos na fonte.

A quem interessa

O regime tributável pode ser adequado para investir recursos com horizonte de tempo inferior a dez anos. O prazo não altera o valor do imposto. Quem tem renda tributável anual inferior a R$ 22.847,76 receberá de volta o imposto retido na fonte. Atenção, me refiro à renda tributável total, não apenas ao valor investido no plano de previdência.

Detalhe: quando o contribuinte deixa de escolher o regime de tributação na adesão ao plano, o que acontece com certa frequência, esse será o regime adotado. A mudança para o regime de tributação definitiva pode ser feita mediante portabilidade. Entretanto, a contagem do tempo será reiniciada a partir da data da alteração.

Base de cálculo

O valor do imposto devido depende do produto, VGBL ou PGBL (e similares). No caso do VGBL, a alíquota incide somente sobre os rendimentos, como nos produtos de investimento tradicionais.

No caso do PGBL, considerando que parte do Imposto de Renda devido sobre a renda tributável foi diferida no ano em que o aporte foi feito, a alíquota incide sobre o valor total do resgate ou benefício de renda, capital mais rendimentos.

Essa cobrança será feita mesmo que o contribuinte não tenha feito o diferimento ou tenha feito um aporte superior ao limite de 12% da renda tributável. Por isso aumenta o cuidado do investidor em relação ao regime de tributação dos PGBLs.

A próxima coluna será sobre o regime de tributação definitivo ou exclusivo de fonte.

marcia.dessen@gmail.com

| DOM. Samuel Pessôa | SEG. Marcia Dessen, Ronaldo Lemos | **TER. Michael França**, Cecília Machado | QUA. Helio Beltrão | QUI. Cida Bento, Solange Srour | SEX. Nelson Barbosa | SÁB. Marcos Mendes, Rodrigo Zeidan

Fundos de pensão aproveitam alta dos juros

Farol do mercado, entidades adotam postura conservadora e apostam em títulos públicos diante de cenário incerto

Lucas Bombana

SÃO PAULO Com aproximadamente R$ 1,14 trilhão em recursos previdenciários sob gestão, o que corresponde a cerca de 14,1% do PIB (Produto Interno Bruto) do país, os fundos de pensão costumam ser um dos principais balizadores das grandes tendências de mercado, diante de seu porte e relevância.

Com as incertezas políticas e as dúvidas em relação ao desempenho da atividade econômica, as maiores entidades fechadas de previdência complementar (EFPCs) têm preferido adotar um viés conservador, que implica menos riscos, em suas estratégias de investimento para 2022.

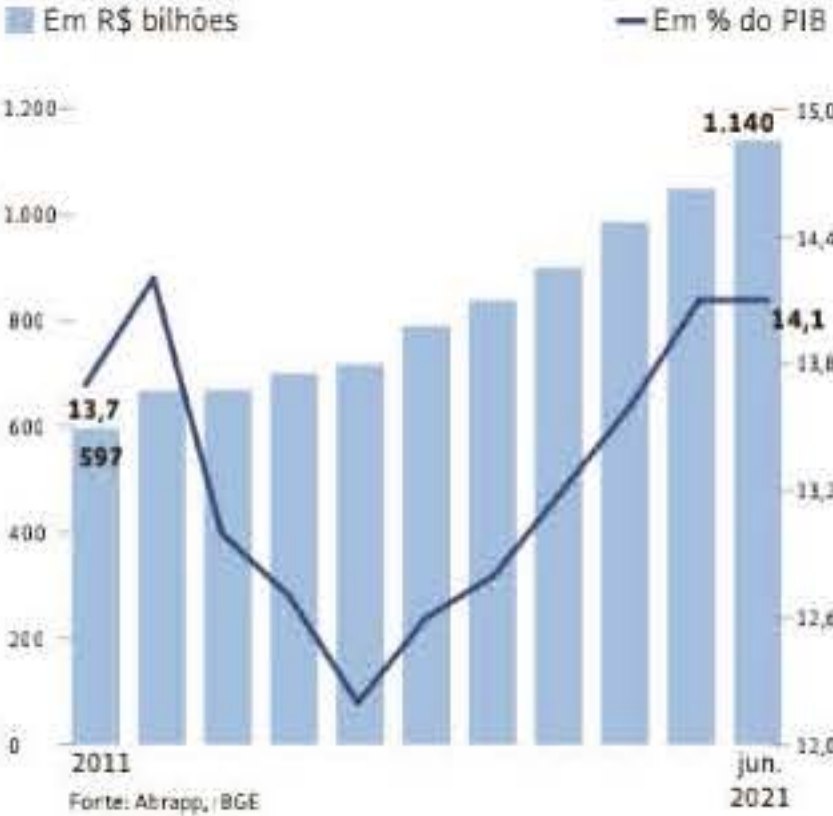
Com metas de rentabilidade ao redor de 4,5% ao ano (além da variação da inflação), para manter a solvência dos planos de benefício, esses investidores vêm se aproveitando dos prêmios polpudos oferecidos por títulos públicos indexados ao IPCA (índice oficial de inflação do país) para ir às compras.

Ao longo do segundo semestre do ano passado — em um movimento que deve se estender e ganhar força durante os próximos meses —, fundações do porte de Petros, da Petrobras, e de Funcef, da Caixa, já aproveitaram para colocar em suas carteiras alguns bilhões de reais em NTN-Bs, também conhecidos como títulos Tesouro IPCA, que podem ser negociados pela plataforma virtual Tesouro Direto.

Na sexta-feira (21), esses papéis ofereciam taxa de juro real de 5,27% para os vencimentos em 2026. Para prazos mais longos, como 2055, o rendimento acima da inflação chegava a 5,67% ao ano.

"Nos últimos seis meses, com a expressiva abertura da curva de juros real, efetuamos diversas compras de NTN-Bs para os planos administrados a taxas superiores às metas atuariais, totalizando montante superior a 6% da carteira de investimentos consolidada [que soma cerca de R$ 100 bilhões]", afirma Bruno Dias, presidente da Petros.

Segundo ele, parte desta alocação foi financiada por uma redução na exposição em renda variável no mês de outubro, quando o mercado interpretou a divulgação do Auxílio Brasil pelo governo como a perda da âncora fiscal.

"Naquele momento, preocupados com o prolongamento dos impactos desta medida no mercado, reduzimos a exposição dos planos em Bolsa na ordem de 3% do total de investimentos de cada plano", afirma o presidente da Petros.

"O cenário, que permanece incerto, recomenda continuidade da postura cautelosa", completa.

Na Funcef, fundo de pensão dos funcionários da Caixa, movimento semelhante foi observado.

Durante os últimos meses de 2021, a entidade, com cerca de R$ 90 bilhões de patrimônio, comprou algo como R$ 6 bilhões em NTN-Bs para os planos já mais maduros, em que a maior parte dos participantes se encontra em fase de gozo do benefício.

A intenção é manter e até acelerar a toada durante 2022, quando o apetite para a tomada de risco será bem menor, diz Gilson Costa de Santana, presidente da Funcef.

"Anos de eleições presidenciais são tradicionalmente períodos de elevada volatilidade", afirma o dirigente.

As compras recentes de títulos públicos foram financiadas parcialmente pela venda de ações da Vale, que chegaram a representar aproximadamente 22% da carteira nos maiores planos sob administração, por conta da forte valorização no início de 2021.

De modo a mitigar o risco de concentração excessiva em um único papel, a exposição na mineradora foi gradualmente reduzida durante os últimos meses e está agora mais perto de 8%.

Santana afirma que novas vendas não estão descartadas, a depender da evolução do cenário e de como se comportarem os preços das ações.

"Se tiver uma janela que se mostre atraente, pode, sim, ocorrer [a venda], não só de Vale, mas de qualquer papel, dentro da estratégia de redução significativa de risco traçada na política de investimentos", diz o presidente da Funcef.

Ele acrescenta que, além dos títulos públicos, a entidade tem cada vez mais se voltado para papéis de renda fixa privada, de empresas de primeira linha, que têm acessado o mercado em busca de financiamento para a expansão das operações.

Já o diretor de investimentos da Vivest, Jorge Simino afirma que tem preferido manter a maior parte dos recursos que entram via pagamentos de juros e dividendos em instrumentos financeiros de curto prazo, postura que deve prosseguir até meados do segundo semestre deste ano, quando espera encontrar melhores alternativas à disposição.

Mesmo porque, com a previsão de uma Selic de dois dígitos e uma inflação que deve passar por alguma descompressão, os juros de curto prazo voltarão a entregar retorno real, diz o especialista.

"Com uma Selic próxima de 12% e uma inflação ao redor de 6%, vamos ter em 2022 taxas de juros reais na ponta curta entre 5% e 6% ao ano, com risco praticamente zero, algo que não vimos nem em 2020, nem em 2021. Isso faz uma tremenda diferença", afirma o diretor da Vivest, responsável por administrar um patrimônio próximo de R$ 45 bilhões no maior fundo de pensão de capital privado do país, de empresas do setor elétrico.

Nesse contexto, ele conta ter reduzido em cerca de 40% a exposição na Bolsa brasileira em meados de setembro, ao identificar uma deterioração aguda nas perspectivas para o cenário à frente, tanto no Brasil, como também no exterior.

"O ambiente internacional está começando a mudar, com as discussões sobre a redução dos estímulos e a alta de juros pelo Federal Reserve [banco central dos EUA]. Já não é mais aquele céu de brigadeiro", diz Simino.

Apesar do cenário externo menos benigno do que se imaginava até pouco tempo atrás, Dias, da Petros, aponta que o mercado internacional está entre as principais alternativas no radar para 2022, ante um ambiente doméstico ainda mais desafiador.

A entidade de previdência da Petrobras fez em outubro sua estreia no segmento de investimentos no exterior, como parte da estratégia de diversificação em busca de maior proteção e rentabilidade.

Após conclusão de processo interno, foi realizado aporte inicial de R$ 224 milhões em fundos da gestora global Schroders Investment.

"O objetivo principal é obter uma carteira com baixa correlação com ativos locais, visando uma otimização do desempenho global", afirma Dias. Ele diz ainda ter planos de selecionar novas gestoras para um possível aumento da exposição no exterior, em busca de ampliar a proteção ao restante da carteira.

No que diz respeito à Bolsa local, embora o sentimento seja de menor entusiasmo de modo geral, a avaliação das entidades é a de que, para aqueles planos ainda em fase de acumulação de recursos, é preciso estar atento para as oportunidades nos níveis em que se encontram os preços.

"Para planos com perfil mais acumulador, vemos oportunidades não apenas em renda fixa, mas também em renda variável, e o momento pode contribuir para alocações com apetite de risco mais voltados para a construção de patrimônio no longo prazo", afirma o presidente da Petros.

"Quando olhamos para os participantes de planos que têm mais prazo, enxergamos boas oportunidades na renda variável", endossa Samuel Crespi, diretor de investimentos da Funcef. Ele diz que, para 2022, a entidade tem a intenção de implementar os perfis de investimento, modelo em que cabe ao participante escolher se prefere uma estratégia de investimento mais conservadora ou agressiva.

Na Valia, fundo de pensão da Vale com cerca de R$ 25 bilhões, o diretor de investimentos e finanças Maurício Wanderley afirma que os funcionários têm a opção de escolher entre os perfis de investimento ou por um modelo conhecido como ciclo de vida. Nesse segundo caso, a exposição a risco de cada plano varia automaticamente, de acordo com o tempo que o participante ainda tem até se aposentar.

"Independentemente do que vai acontecer este ano, estamos fazendo uma gestão de longo prazo, com horizontes de mais de 30 anos. O ano de 2022 é só mais um ano dentro dessa janela longa de tempo, e precisamos estar diversificados e tirar o viés de curto prazo, até porque as coisas podem mudar muito rapidamente, tanto para o bem quanto para o mal", afirma Wanderley.

Evolução dos ativos dos fundos de pensão

Fonte: Abrapp, IBGE

tec

As promessas da Web 3.0

Brasil tem mais chance de ser competitivo na 'internet dos serviços' do que no metaverso

Ronaldo Lemos
Advogado, diretor do Instituto de Tecnologia e Sociedade do Rio de Janeiro

Para o bem ou para o mal, um dos temas mais falados de tecnologia atualmente é a chamada Web 3.0. O termo significa a nova geração de serviços da internet que serão construídos em cima de tecnologias descentralizadas, como a diversas blockchains existentes. Só lembrando, as blockchains permitem a existência das moedas virtuais, que não são propriedade de nenhuma empresa específica.

A ideia é que, se é possível criar moedas descentralizadas, é possível também criar outros serviços descentralizados, como aplicativos de entrega de comida, transporte e música, games, fintechs, redes sociais, identidades digitais, streaming e assim por diante.

Essas aplicações não pertenceriam a nenhuma empresa especificamente, mas seriam operadas por meio de contratos inteligentes autônomos que se autoexecutariam, distribuindo dinheiro automaticamente na medida que as tarefas são executadas. Seria uma espécie de "internet dos serviços", em que serviços estariam programados na própria rede, em vez de serem intermediados por uma empresa.

As críticas à Web 3.0 têm sido também violentas. O professor da NYU Scott Galloway escreveu um artigo afirmando que a promessa de descentralização não acontecerá. Na visão dele, novos intermediários vão surgir, gerando de novo um movimento de recentralização. Concentração e desigualdade permaneceriam. Para outros, a Web 3.0 seria só uma jogada de marketing para inflar expectativas sobre os mercados de blockchain.

Seja o que for, para um país como o Brasil, é preciso pensar friamente sobre o que queremos da Web 3. Se o modelo for para a frente mesmo, o país pode ter uma oportunidade de participar de um movimento de inovação desde o surgimento da sua infraestrutura básica.

O Brasil tem mais chance de ser competitivo globalmente na Web 3.0 do que no chamado metaverso. Por exemplo, o país possui projetos de blockchain estruturantes como a Hathor (criada no Instituto Militar de Engenharia) e também linguagens de programação poderosas inventadas aqui, como a Lua (desenvolvida na PUC-Rio), que podem criar ecossistemas globais de serviços da Web 3.0.

Já o metaverso é uma inovação que acontece no topo de uma série de camadas que já estão com jogo definido. Para que o metaverso funcione, é preciso, por exemplo, conectividade global de alta velocidade, servidores capazes de rodar e armazenar dados e, também, milhões de linhas de código que na sua grande maioria são "proprietárias", isto é, precisam de permissão dos donos para serem usadas.

Dificilmente o metaverso será rodado em servidores brasileiros e dificilmente o país terá acesso viável economicamente às linhas de código necessárias para criar aplicações globais competitivas. A Microsoft, por exemplo, acaba de pagar US$ 69 bilhões pela empresa de games Activision, justamente para ter acesso aos códigos e outros bens intelectuais da companhia.

Na Web 3.0, esse jogo não está jogado. Aplicações criadas em plataformas brasileiras podem sim ganhar escala global. Por isso, precisamos de um planejamento como país do que queremos da Web 3.0. A alternativa de não fazer nada tem resultado conhecido: o país continuar como consumidor e não como produtor de inovação.

READER

Já era *medir a temperatura dos dedos para analisar stress*

Já é *medir batimentos cardíacos para analisar stress*

Já vem *medir a variabilidade de frequência cardíaca (HRV) para analisar saúde e stress*

Fintechs já concentram 10% do crédito para empresas

Bancos digitais buscam crescer entre negócios de pequeno e médio porte

Julio Wiziack

BRASÍLIA As fintechs já concentram quase 10% da oferta de crédito a pequenas e médias empresas no Brasil. São cerca de R$ 30 bilhões emprestados fora do sistema bancário tradicional.

As estimativas são das principais startups do mercado e levam em conta não somente o crédito direto (capital de giro, por exemplo), mas também transações como antecipações de recebíveis.

A totalidade dessas operações chega a R$ 320 bilhões. Até setembro, as instituições reguladas pelo Banco Central fizeram R$ 290 bilhões em empréstimos para empresas de pequeno e médio porte. Cerca de 1% desse bolo foi concedido por 59 fintechs de crédito que atuam sob o crivo da autarquia.

No entanto, há ainda centenas de startups que oferecem diversos serviços financeiros, inclusive os de crédito. As transações desse segmento com pequenas e médias companhias, não registradas pelo BC, somam os R$ 30 bilhões restantes.

A política do BC de acabar com a concentração do mercado bancário atraiu, somente até meados deste ano, mais de US$ 4 bilhões em investimentos em fintechs, segundo dados da Distrito, plataforma que analisa mais de 1.100 startups no país.

Segundo o BC, entre 2018 e 2021, a concentração entre os dez maiores bancos tradicionais na concessão de empréstimos para empresas caiu de 86% para 75%.

Embora a participação das pequenas e médias tenha subido durante a pandemia causada pelo coronavírus, o volume total sofreu redução no período de quase R$ 200 bilhões, entre 2019 e 2020. Esse movimento continuou em 2021.

Com o acesso aos bancos tradicionais dificultado no período, diversas empresas encontraram nas fintechs sua tábua de salvação.

"O maior foco das fintechs financeiras de crédito hoje são as pequenas e médias empresas", diz Renan Schaefer, presidente da Abfintechs, associação que representa o setor.

"Os grandes bancos só estão ampliando sua atuação nesse público porque perceberam o potencial de perdas oferecido pelas startups."

Schaefer diz que os grandes bancos sempre preferiram atender empresas com faturamento acima de R$ 100 milhões anuais. "As empresas com faturamento abaixo de R$ 20 milhões [por ano] sempre foram um nicho bastante mal atendido [pelas instituições tradicionais]."

Somente instituições autorizadas pelo BC registram suas transações. O C6 Bank, por exemplo, conta com R$ 1,3 bilhão em empréstimos concedidos até setembro de 2021. Desse total, R$ 969 milhões reforçaram o caixa de pequenas e médias empresas. No Inter, praticamente toda a carteira foi para esse grupo — R$ 3,6 bilhões.

A SB Crédito, de Curitiba, é uma das fintechs que mais cresceram nesse período. No ano passado, foram ao menos R$ 5,4 bilhões em empréstimos concedidos, quase R$ 2 bilhões a mais do que em 2020.

A startup opera com antecipação de recebíveis por meio de dois FIDCs (Fundo de Investimento em Direitos Creditórios), além de financiar diretamente pequenas e médias empresas para capital de giro.

Uma pesquisa recente do banco digital BS2 mostrou que 27% das companhias de pequeno e médio porte já possuem conta em instituições financeiras digitais.

Segundo o relatório mais recente de Economia Bancária do BC, esse tipo de empresa já responde por mais da metade (54,8%) do estoque de empréstimos concedidos por Sociedades de Crédito Direto (SCDs) e Sociedades de Empréstimos Entre Pessoas (SEPs) — os dois tipos específicos de fintechs que, desde 2018, vêm sendo autorizados pelo BC a operar com crédito.

Não há dados oficiais precisos sobre o volume de crédito oferecido pelas fintechs porque nem todas as transações do segmento são reguladas.

Sandro Reis, presidente da Associação Brasileira de Crédito Digital, estima que as fintechs consigam operar com 50% dos custos dos bancos tradicionais. Esses ganhos são repassados para os clientes.

A Febraban (Federação Brasileira de Bancos) reclama da competição desigual que essas instituições vêm exercendo no país.

Nos últimos meses, o presidente da entidade, Isaac Sidney, conversou com diretores do BC e representantes do Executivo e do Legislativo para tentar criar um ambiente regulatório que a entidade considera mais justo.

Os bancos afirmam que pagam mais tributos do que as demais instituições financeiras e fintechs. Também têm que operar com exigências de capital próprio mais rígidas.

*até abril de 2021
Fonte: Distrito

AVISO DE LICITAÇÃO - PREGÃO ELETRÔNICO No 20212450

A Secretaria da Casa Civil torna público o Pregão Eletrônico No 20212450 de interesse da Secretaria da Saúde - SESA, cujo OBJETO é: Registro de Preço para futuras e eventuais aquisições de material médico hospitalar, conforme especificações contidas no Edital e seus Anexos. RECEBIMENTO DAS PROPOSTAS VIRTUAIS: No endereço www.comprasnet.gov.br, através do No 24502021, até o dia 08/02/2022, às 14h30min (Horário de Brasília-DF). OBTENÇÃO DO EDITAL: No endereço eletrônico acima ou no site www.seplag.ce.gov.br. Procuradoria Geral do Estado, em Fortaleza, 19 de Janeiro de 2022. RAIMUNDO VIEIRA COUTINHO - PREGOEIRO

AVISO DE LICITAÇÃO - PREGÃO ELETRÔNICO No 20210296

A Secretaria da Casa Civil torna público o ADIAMENTO do Pregão Eletrônico No 20210296, de interesse da Companhia de Água e Esgoto do Ceará – CAGECE, cujo OBJETO é: Registro de Preço para futuras e eventuais aquisições de tubos PVC, PBA, roscável e soldável. MOTIVO: Falha na divulgação no Sistema Comprasnet. RECEBIMENTO DAS PROPOSTAS VIRTUAIS: No endereço www.comprasnet.gov.br, através do No 132022, até o dia 08/02/2022, às 9h (Horário de Brasília-DF). OBTENÇÃO DO EDITAL: No endereço eletrônico acima ou no site www.seplag.ce.gov.br. Procuradoria Geral do Estado, em Fortaleza, 20 de Janeiro de 2022. MARCOS ANTÔNIO FROTA RIBEIRO - PREGOEIRO

AVISO DE LICITAÇÃO - PREGÃO ELETRÔNICO No 20210283

A Secretaria da Casa Civil torna público o Pregão Eletrônico No 20210283 de interesse da Companhia de Água e Esgoto do Ceará – CAGECE, cujo OBJETO é: Registro de Preço para futuras e eventuais aquisições de peças de reposição IFM para automação, conforme especificações contidas no Edital e seus Anexos. RECEBIMENTO DAS PROPOSTAS VIRTUAIS: No endereço www.comprasnet.gov.br, através do No 26272021, até o dia 04/02/2022, às 9h (Horário de Brasília-DF). OBTENÇÃO DO EDITAL: No endereço eletrônico acima ou no site www.seplag.ce.gov.br. Procuradoria Geral do Estado, em Fortaleza, 17 de Janeiro de 2022. JORGE ELIS LEITE SARAIVA DE OLIVEIRA - PREGOEIRO

AVISO DE LICITAÇÃO - PREGÃO ELETRÔNICO No 20210086 - IG No 1145834000

A Secretaria da Casa Civil torna público o Pregão Eletrônico No 20210086 de interesse da Secretaria da Educação – SEDUC, cujo OBJETO é: Serviço de alimentação para o fornecimento de refeições destinadas aos alunos das Escolas Estaduais de Educação Profissional, e alunos que estejam em intercâmbio nas ações pedagógicas, conforme especificações contidas no Edital e seus Anexos. RECEBIMENTO DAS PROPOSTAS VIRTUAIS: No endereço www.comprasnet.gov.br, através do No 25912021, até o dia 08/02/2022, às 9h (Horário de Brasília-DF). OBTENÇÃO DO EDITAL: No endereço eletrônico acima ou no site www.seplag.ce.gov.br. Procuradoria Geral do Estado, em Fortaleza, 19 de Janeiro de 2022. AURÉLIA FIGUEIREDO GURGEL - PREGOEIRA

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA - O SINDICATO DOS TRABALHADORES NAS INDÚSTRIAS DA CONSTRUÇÃO E DO MOBILIÁRIO DE SANTO ANDRÉ, MAUÁ, RIBEIRÃO PIRES E RIO GRANDE DA SERRA, com sede na Rua Siqueira Campos, 33 - Centro - no município de Santo André/SP - Telefone 4436-3211 com base territorial: Santo André, Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra. Pelo presente edital, no uso das atribuições conferidas pelos Estatutos Sociais da Entidade e pela legislação sindical vigente, convoco todos os Trabalhadores nas Indústrias de **PRODUTOS DE CIMENTO**, associados ou não ao Sindicato, em cumprimento aos quanto dispostos nos Artigos 611 e seguintes, bem como o Art. 856 da CLT, para participarem da Assembleia Geral Extraordinária a fim de deliberar sobre a seguinte ordem do dia: 1º) Aprovação da ata anterior; 2º) Apresentação, discussão e aprovação do rol de reivindicação da categoria em vista da **Data Base** em 01/03/2022 3º) Concessão de poderes à diretoria do Sindicato para o processo de negociação junto ao Sindicato Patronal e demais empresas do setor, ficando autorizado a celebrar Acordo / Convenção Coletiva e, se necessário, instaurar o competente Protesto Judicial e Dissídio Coletivo outorgando, para tanto, poderes à Diretoria, para que, por procuração, possa constituir Advogado, para este fim; 4º) Discussão e aprovação do desconto a título de **Contribuição Confederativa e/ou Assistencial** - sendo o percentual de **1,2 %** (um vírgula dois por cento) para custeio da organização sindical, descontada de todos os trabalhadores da categoria, associados ou não ao Sindicato, desde que beneficiados pelas cláusulas normativas a serem firmadas; 5º) Decidir pela manutenção da Assembleia em caráter permanente até o final do processo de negociação, mediante chamada em boletins, quando se fizer necessário; 6º) Autorizar a Diretoria da entidade Sindical a instaurar Dissídio Coletivo de Natureza Jurídica em face do Sindicato da Indústria de Produtos de Cimento do Estado de São Paulo - SIMPROCIM, visando definir a efetiva representatividade no setor e na categoria. A Assembleia geral extraordinária será realizada em: 28 de janeiro de 2022, às 17h00 em nossa Sub Sede na Rua Capitão José Gallo, 380 - Centro, no município de Ribeirão Pires/SP - Telefone 4823-6365. Se na hora aprazada não houver quorum, a Assembleia realizar-se-á em segunda convocação, duas horas após as 18h00 horas, com os presentes, cujas deliberações terão plena validade, relativamente aos assuntos em pauta, para toda a categoria. Ribeirão Pires, 24 de janeiro de 2022. Luiz Carlos Biazi - Presidente.

EDITAL DE LEILÃO EXTRAJUDICIAL "FAZENDA SÃO SEBASTIÃO" - MARÍLIA/SP

ROGÉRIO BOMJMON, Leiloeiro Oficial - JUCESP nº 954, autorizado por LOTE 5º EMPREENDIMENTOS SA [illegible] CIPASA DESENVOLVIMENTO URBANO S/A, CNPJ. 05.262.743/0001-63, com sede na Rua Joaquim Floriano, 466, Ed. Corporate, 15º andar, Itaim Bibi, São Paulo/SP; e COUTO ROSA EMPREENDIMENTOS IMOBILIÁRIOS SPE LTDA. CNPJ. [illegible], com sede na Fazenda São Sebastião, Estrada Marília/Assis, Km 05, s/n, Marília/SP. Faz saber que, nos termos do artigo 27 da Lei 9.514/1997, que institui a alienação fiduciária de bem imóvel, realizará o leilão na modalidade exclusivamente ONLINE do imóvel abaixo, que integra o loteamento residencial e comercial denominado "FAZENDA SÃO SEBASTIÃO", registrado na matrícula nº 56.620, perante o 1º Oficial de Registro de Imóveis da Comarca de Marília/SP em 1ª praça terá início em [illegible]/2022, a partir das 10:00 horas, encerrando-se em [illegible]/2022 às 10:00 horas, caso os lanços ofertados não atinjam o valor da avaliação na 1ª praça, a praça seguirá sem interrupção até às 10:00 horas do dia [illegible]/2022 (2ª praça). Devedora fiduciante: BESTCORP TECNOLOGIA LTDA. - EPP (CNPJ. [illegible]). Descrição do imóvel: Lote 05, da Quadra 16 I FAZENDA SÃO SEBASTIÃO- Matrícula 58.384, do 1º CRI de Marília/SP. Descrição completa: Um terreno compreendendo o lote nº 05, da quadra nº 16, do Loteamento Residencial e Comercial Fazenda São Sebastião, na cidade de Marília/SP, medindo 10,00 metros de frente para a Rua 05; por 25,00 metros da frente aos fundos, encerrando uma área de 250,00 metros quadrados, confrontando de um lado com o lote nº 06, do outro lado com o lote nº 12 e nos fundos com o lote nº 16; distante 34,56 metros do início de curvatura existente na esquina da Rua 14, localizado do lado ímpar da numeração. Inscrição Cadastral (IPTU): [illegible]. Lance Mínimo em 1º Leilão: R$ 268.998,12 (duzentos e sessenta e oito mil, novecentos e noventa e oito reais e doze centavos). Lance inicial em 2º Leilão: R$ 368.282,26 [illegible]. [illegible]

AVISO DE RETOMADA - CONCORRÊNCIA PÚBLICA NACIONAL No 20210003 - IG No 1114332000

A Secretaria da Casa Civil torna público a retomada da Concorrência Pública Nacional No 20210003 de interesse da Secretaria do Turismo, cujo objeto a contratação de serviços de consultoria para supervisão de obras, tendo o Lote 1 por objeto a supervisão da execução das obras constantes do Programa de Valorização da Infraestrutura Turística do Litoral Oeste – PROINFTUR; e o Lote 2 tem por objeto a supervisão da execução de outras obras da Secretaria do Turismo – SETUR, conforme especificações contidas no Edital e seus Anexos. ENDEREÇO E DATA DA SESSÃO PARA RECEBIMENTO E ABERTURA DOS ENVELOPES: Avenida Dr. José Martins Rodrigues, 150 – Edson Queiroz, no dia 15/3/2022 às 9h... O Adendo 02 e a Nota de Esclarecimento 02 encontram-se no site www.seplag.ce.gov.br ou na Central de Licitações do Estado do Ceará (endereço acima), munido de um DVD virgem ou Pen Drive. Procuradoria Geral do Estado, em Fortaleza, 20 de Janeiro de 2022. MARIA BETÂNIA SABOIA COSTA - VICE PRESIDENTE DA CCC

SEHAL - SINDICATO DAS EMPRESAS DE HOSPEDAGEM E ALIMENTAÇÃO DO GRANDE ABC - Edital de Convocação - Observando todos os protocolos de distanciamento social e sanitários, além da obrigatoriedade do uso de máscaras, através deste ficam convocadas as empresas associadas ou não, representadas por este **SEHAL - SINDICATO DAS EMPRESAS DE HOSPEDAGEM E ALIMENTAÇÃO DO GRANDE ABC** a comparecerem na Assembleia Geral Extraordinária que será realizada na sede do SEHAL, localizada na Rua Laura nº 214 em Santo André/SP - CEP 09040/240, no próximo dia 1º de Fevereiro de 2022, em primeira convocação às 17h00 e em segunda convocação, às 17h30, nos termos do Artigo 60º do Estatuto Social, destinada a discutir e votar a seguinte Ordem do Dia: a) leitura, discussão e aprovação da prestação de contas do Exercício de 2012 à 2020; b) Previsão Orçamentária de 2022; c) assuntos gerais de interesse da entidade. E, para que não se alegue ignorância, determino a publicação deste Edital na forma da lei. Santo André/SP, 24 de Janeiro de 2022. Carlos Roberto Moreira - Presidente do SEHAL.

AVISO DE LICITAÇÃO - PREGÃO ELETRÔNICO No 20212498

A Secretaria da Casa Civil torna público o Pregão Eletrônico No 20212498 de interesse da Secretaria da Saúde – SESA, cujo OBJETO é: Registro de Preços para futuras e eventuais aquisições de nutrição, conforme especificações contidas no Edital e seus Anexos. RECEBIMENTO DAS PROPOSTAS VIRTUAIS: No endereço www.comprasnet.gov.br, através do No 24982021, até o dia 04/02/2022, às 9h (Horário de Brasília-DF). OBTENÇÃO DO EDITAL: No endereço eletrônico acima ou no site www.seplag.ce.gov.br. Procuradoria Geral do Estado, em Fortaleza, 18 de Janeiro de 2022. DORISLEIDE CANDIDO DE SOUSA - PREGOEIRA

AVISO DE LICITAÇÃO - PREGÃO ELETRÔNICO No 20210051 - IG No 1115330000

A Secretaria da Casa Civil torna público a REMARCAÇÃO do Pregão Eletrônico No 20210051 de interesse da Secretaria da Educação – SEDUC, cujo OBJETO é: Serviço de estudo de solo, teste de absorção e levantamento planialtimétrico em terrenos para construção de novas Unidades Escolares da Rede Estadual de Ensino. MOTIVO: Alterações no Edital. RECEBIMENTO DAS PROPOSTAS VIRTUAIS: No endereço www.comprasnet.gov.br, através do No 17052021, até o dia 08/02/2022, às14h30min (Horário de Brasília-DF). OBTENÇÃO DO EDITAL: No endereço eletrônico acima ou no site www.seplag.ce.gov.br. Procuradoria Geral do Estado, em Fortaleza, 19 de Janeiro de 2022. AURÉLIA FIGUEIREDO GURGEL - PREGOEIRA

AVISO DE LICITAÇÃO - PREGÃO ELETRÔNICO No 20211952

A Secretaria da Casa Civil torna público a REMARCAÇÃO do Pregão Eletrônico No 20211952, de interesse da Secretaria da Saúde - SESA, cujo OBJETO é: Registro de Preços para futuras e eventuais aquisições de nutrição. MOTIVO: Alterações no Edital. RECEBIMENTO DAS PROPOSTAS VIRTUAIS: No endereço www.comprasnet.gov.br, através do No 19522021, até o dia 08/02/2022, às 9h (Horário de Brasília-DF). OBTENÇÃO DO EDITAL: No endereço eletrônico acima ou no site www.seplag.ce.gov.br. Procuradoria Geral do Estado, em Fortaleza, 20 de Janeiro de 2022. MURILO LOBO DE QUEIROZ - PREGOEIRO

ELEIÇÕES SINDICAIS – 2022/2026 - Comunicamos que, em eleição transcorrida no último dia 13 de dezembro de 2021, para a Diretoria e Conselho Fiscal do Sindicato das Empresas Locadoras de Veículos Automotores do Estado de São Paulo, [illegible], com sede na Praça Ramos de Azevedo, 209, cj. 12, Centro, São Paulo, Capital, CEP 01037-010, foi eleita a chapa única, assim composta: [illegible] Presidente: Eladio Paniagua Junior, [illegible] ... 1. Paulo Miguel Junior, [illegible] ... Eladio Paniagua Junior – Presidente, [illegible]

Comunicado

A Telefônica Brasil S.A., denominada Vivo, comunica aos seus clientes residenciais e aos usuários em geral, o lançamento da Oferta "Vivo Total" decorrente da promoção conjunta de serviços convergentes de telecomunicações de Telefonia Fixa (Voz), Banda Larga, TV por Assinatura e Móvel (4P). O plano de serviço de Voz disponibilizado na composição dessa oferta é a Promoção Vivo Fixo Ilimitado Brasil - PA nº 283 e do PA nº 284, válido para chamadas locais e de longa distância nacional originadas de terminais fixos e destinadas a terminais fixos e móveis em sua área de Concessão, setor 31 da Região III do Plano Geral de Outorgas (PGO), na cidade: Américo Brasiliense/SP a partir do dia 24/01/2022.

PLANO ALTERNATIVO 283+284 - PROMOÇÃO VIVO FIXO ILIMITADO BRASIL		
TARIFAS EVENTUAIS PLANO ALTERNATIVO 283	VALORES HOMOLOGADOS	VALORES PROMOCIONAIS
Habilitação	R$ 182,66	Gratuito
Mudança de Endereço	R$ 113,75	Gratuito
TARIFAS MENSAIS	VALORES HOMOLOGADOS	VALORES PROMOCIONAIS
PA 283 - Franquia ilimitada para chamadas locais fixo-fixo com qualquer operadora - 1P	86,78	89,99
PA 283 - Franquia ilimitada para chamadas locais fixo-móvel On-Net destino Vivo - 1P	42,98	
PA 284 - 1.000 Minutos de Franquia Longa Distância Nacional Fixo-Fixo - 1P	255,29	
PA 284 - 35 Minutos de Franquia Longa Distância Fixo-Móvel destino Vivo On Net - 1P	42,92	
PA 284 - 35 Minutos de Franquia Longa Distância Fixo-Móvel destino Demais Operadoras Off Net - 1P	49,92	
PA 283 - Franquia ilimitada para chamadas locais fixo-fixo dentro e fora da rede Telefônica - 4P (voz+banda larga+TV+Móvel)	86,78	2,00
PA283 - Franquia ilimitada para chamadas locais fixo-móvel On-Net destino Vivo - 4P (voz+banda larga+TV+Móvel)	42,98	
PA 284 - 1.000 Minutos de Franquia Longa Distância Nacional Fixo-Fixo - 4P (voz+banda larga+TV+Móvel)	255,29	
PA 284 - 35 Minutos de Franquia Longa Distância Fixo-Móvel destino Vivo On Net - 4P (voz+banda larga+TV+Móvel)	42,92	
PA 284 - 35 Minutos de Franquia Longa Distância Fixo-Móvel destino Demais Operadoras Off Net - 4P (voz+banda larga+TV+Móvel)	49,92	

OBSERVAÇÕES GERAIS

Os valores promocionais são válidos para novas adesões **até 31/01/2022** e seus benefícios terão vigência até 31/01/2022. Após o período de vigência os valores promocionais retornarão para as condições previstas no respectivo Plano Alternativo ou serão devidamente comunicados se praticados novos valores promocionais. Os valores dos minutos excedentes fixo-fixo e fixo-movel se mantem os mesmos publicados nos Jornais Folha de São Paulo, 24/11/2021, pagina 14, Mercado 2; Jornal Agora SP, nos dia 21/05/2021, página A12 e 31/01/2021, página A11. A oferta continua sendo disponibilizadas nas cidades lançadas comercialmente, conforme cronograma disponibilizado no Regulamento da Oferta.

Os valores acima são expressos em reais e incluem impostos, conforme a legislação aplicável e têm como data base para futuros reajustes do máximo homologado ocorrerão em prazo não inferior a 12 (doze) meses, tomando-se como referência o IST de março de 2019 para base cálculos futuros.

Maiores informações podem ser obtidas acessando o regulamento da Promoção no site www.vivo.com.br ou no nosso Serviço de Atendimento ao Consumidor (SAC) 103 15, que funciona 24 horas, nos sete dias da semana. Pessoas com necessidades especiais de fala/audição, ligue 142. Para saber qual a loja VIVO mais perto de você acesse www.vivo.com.br.

AVISO DE LICITAÇÃO - PREGÃO ELETRÔNICO No 20212465

A Secretaria da Casa Civil torna público o Pregão Eletrônico No 20212465 de interesse da Secretaria da Saúde – SESA, cujo OBJETO é: Registro de Preço para futuras e eventuais aquisições de medicamentos, conforme especificações contidas no Edital e seus Anexos. RECEBIMENTO DAS PROPOSTAS VIRTUAIS: No endereço www.comprasnet.gov.br, através do No 24652021, até o dia 08/02/2022, às 9h (Horário de Brasília-DF). OBTENÇÃO DO EDITAL: No endereço eletrônico acima ou no site www.seplag.ce.gov.br. Procuradoria Geral do Estado, em Fortaleza, 20 de Janeiro de 2022. ALEXANDRE FONTENELE BIZERRIL - PREGOEIRO

AVISO DE LICITAÇÃO - PREGÃO ELETRÔNICO No 20210022

A Secretaria da Casa Civil torna público o Pregão Eletrônico No 20210022 de interesse da Companhia de Desenvolvimento do Complexo Industrial e Portuário do Pecém – CIPP S/A, cujo OBJETO é: Contratação de empresa na prestação de serviços de mão de obra terceirizada, cujos empregados sejam regidos pela Consolidação das Leis Trabalhistas – CLT, para atender as necessidades da área de Segurança Patrimonial do CIPP S/A, conforme especificações contidas no Edital e seus Anexos. RECEBIMENTO DAS PROPOSTAS VIRTUAIS: No endereço www.comprasnet.gov.br, através do No 22822021, até o dia 08/02/2022, às 8h30min (Horário de Brasília-DF). OBTENÇÃO DO EDITAL: No endereço eletrônico acima ou no site www.seplag.ce.gov.br. Procuradoria Geral do Estado, em Fortaleza, 19 de Janeiro de 2022. ROBINSON DE BORBA E VELOSO - PREGOEIRO

EDITAL DE 1º e 2º LEILÃO – ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA – LEI Nº 9.514/1997 - EDMAR OLIVEIRA ANDRADE NETO, Leiloeiro Oficial, matriculado na JUCESP sob o nº 971, devidamente autorizado pela Credora Fiduciária **BONANÇA PROJETOS IMOBILIÁRIOS LTDA.**, inscrita no CNPJ/MF sob nº 13.631.481/0001-85, com sede à Rua Alves Guimarães, nº 1.120, 2º andar, Pinheiros na cidade de São Paulo/SP, nos termos do Instrumento Particular de Venda e Compra de Imóvel, com Alienação Fiduciária e Outros Pactos, firmado em 28 de outubro de 2017, no qual figura como Fiduciante **ALEXANDRE TOMAS NUNES ROCHA**, brasileiro, solteiro, condutor escolar, portador da cédula de identidade (RG) número 36610354-SSP/SP e inscrito no CPF/MF sob número 342.880.268-14, residente e domiciliado na cidade de São Paulo/SP, à Rua Valentina, número 6, Jardim Nova Vitória I, levará a **PÚBLICO LEILÃO** de modo **Presencial e On-Line**, nos termos da Lei nº 9.514/97, artigo 27 e parágrafos, no dia **08 de fevereiro de 2022, às 14h00horas**, na Av. Brigadeiro Faria Lima, 2413 – cj. 152 - São Paulo/SP, em **PRIMEIRO LEILÃO**, com lance mínimo igual ou superior a **R$ 106.879,34 (cento e seis mil, oitocentos e setenta e nove reais e trinta e quatro centavos)**, o imóvel abaixo descrito, consolidado em nome da credora Fiduciária, constituído pelo **LOTE** de terreno, sob número **"21 (vinte e um)"**, da quadra **"05 (cinco)"** com a área de 279,07m2 (duzentos e setenta e nove vírgula zero sete metros quadrados), de uso residencial, no loteamento denominado "RESIDENCIAL BONANÇA I", no bairro Mãe dos Homens, desta cidade e comarca de Bragança Paulista, Estado de São Paulo, com as seguintes medidas e confrontações: [illegible] ... designado o dia **15 de fevereiro de 2022**, no mesmo horário e local, para realização do **SEGUNDO LEILÃO**, com lance mínimo igual ou superior a **R$ 173.124,42 (cento e setenta e três mil, cento e vinte e quatro reais e quarenta e dois centavos)**. Todos os horários estipulados neste edital, no site do leiloeiro **www.agleiloes.com.br**, em catálogos ou em qualquer outro veículo de comunicação consideram o horário oficial de Brasília-DF. O devedor fiduciante será comunicado na forma do parágrafo 2º-A do art. 27 da lei 9.514/97, incluído pela lei 13.465 de 11/07/2017, das datas, horários e locais da realização dos leilões fiduciários, mediante correspondência dirigida aos endereços do contrato, inclusive ao endereço eletrônico, podendo o fiduciante adquirir sem concorrência de terceiros, o imóvel outrora entregue em garantia, exercendo o seu direito de preferência em 1º ou 2º leilão, conforme estabelecido no parágrafo 2º-B do mesmo artigo, ainda que, outros interessados já tenham efetuado lances, para o respectivo lote do leilão. A venda será efetuada em caráter "ad corpus" e no estado de conservação em que se encontra. O arrematante pagará o preço do imóvel à vista, mais 5% (cinco por cento) sobre o valor de arremate, [illegible]

INFORMAÇÕES: WWW.AGLEILOES.COM.BR | CONTATO@AGLEILOES.COM.BR - (11) 2893-0402

EDITAL DE 1º e 2º LEILÃO – ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA – LEI Nº 9.514/1997 - EDMAR OLIVEIRA ANDRADE NETO, Leiloeiro Oficial, matriculado na JUCESP sob o nº 971, devidamente autorizado pela Credora Fiduciária **BONANÇA PROJETOS IMOBILIÁRIOS LTDA.**, inscrita no CNPJ/MF sob nº 13.631.481/0001-85, [illegible] Fiduciante **RICARDO COSTA DO NASCIMENTO OLIVEIRA**, [illegible] em **PRIMEIRO LEILÃO**, [illegible] **"RESIDENCIAL BONANÇA I"**, [illegible] **15 de fevereiro de 2022**, [illegible] **SEGUNDO LEILÃO**, [illegible] www.agleiloes.com.br, [illegible]

INFORMAÇÕES: WWW.AGLEILOES.COM.BR | CONTATO@AGLEILOES.COM.BR - (11) 2893-0402

EDITAL DE 1º e 2º LEILÃO – ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA – LEI Nº 9.514/1997 - EDMAR OLIVEIRA ANDRADE NETO, Leiloeiro Oficial, matriculado na JUCESP sob o nº 971, devidamente autorizado pela Credora Fiduciária **BONANÇA PROJETOS IMOBILIÁRIOS LTDA.**, [illegible] Fiduciante **RICARDO COSTA DO NASCIMENTO OLIVEIRA**, [illegible] **"RESIDENCIAL BONANÇA I"**, [illegible] **15 de fevereiro de 2022**, [illegible] **SEGUNDO LEILÃO**, [illegible]

INFORMAÇÕES: WWW.AGLEILOES.COM.BR | CONTATO@AGLEILOES.COM.BR - (11) 2893-0402

EDITAL DE 1º e 2º LEILÃO – ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA – LEI Nº 9.514/1997 - EDMAR OLIVEIRA ANDRADE NETO, Leiloeiro Oficial, matriculado na JUCESP sob o nº 971, devidamente autorizado pela Credora Fiduciária **BONANÇA PROJETOS IMOBILIÁRIOS LTDA.**, [illegible] **ISABELLA BALDOINO DOS SANTOS**, [illegible] **GILZA DA SILVA BALDOINO**, [illegible] **PÚBLICO LEILÃO de modo Presencial e On-Line**, [illegible] **04 de fevereiro de 2022, às 14h00horas**, [illegible] **PRIMEIRO LEILÃO**, [illegible] **"RESIDENCIAL BONANÇA I"**, [illegible] **15 de fevereiro de 2022**, [illegible] **SEGUNDO LEILÃO**, [illegible] www.agleiloes.com.br, [illegible]

INFORMAÇÕES: WWW.AGLEILOES.COM.BR | CONTATO@AGLEILOES.COM.BR - (11) 2893-0402

mpme

Ana Maria Lopes, diretora da Casa Santa Luzia, no empório fundado por sua família, nos Jardins, em SP Ronny Santos/Folhapress

Empresários recusam expansão de operação e focam relação com cliente

Donos de negócios familiares temem perder controle e excelência no serviço com outras unidades

Dante Ferrasoli

SÃO PAULO Pequenos e médios empresários com negócios estruturados e lucrativos e capacidade para expandi-los optam por não aumentar suas operações de olho em um maior controle da operação.

Sem estar no dia a dia da operação, há o receio de não conseguir prover aos clientes um serviço de qualidade, personalizado. Experiências malsucedidas de tentativa de expansão no passado também entram na lista de motivos.

A Casa Santa Luzia, empório que existe nos Jardins desde 1926, é um desses casos. A empresa é administrada pela terceira geração da família fundadora e, embora clientes peçam e investidores já tenham oferecido viabilizar uma ampliação da operação, com a abertura de novas lojas, não pretende ter outra unidade além da única existente, que fica na alameda Lorena.

"Nosso modelo é muito próximo do cliente, do fornecedor e do funcionário. Nós temos uma fábrica no prédio e também recebemos as mercadorias aqui, não num centro de distribuição. Isso seria impossível de repetir com mais lojas. Não teria a agilidade para supervisionar tudo o que eu tenho", afirma Ana Maria Lopes, 62, diretora da casa e neta de seu fundador.

Ela ressalta que é preciso buscar formas de atingir o cliente que não pode ir sempre à loja, mas sem "perder a essência e os princípios". Durante a pandemia, a Santa Luzia expandiu seu delivery, que, conta Ana, é personalizado.

"O cliente que gosta da carne cortada de tal jeito pode pedir exatamente o mesmo no delivery", afirma.

Ela diz ainda que, em alguns momentos, grandes redes de supermercado já buscaram conversar com a Santa Luzia para parcerias e, eventualmente, incorporação.

"Mas eles têm consciência que a gente, sendo uma empresa familiar, consegue fazer muitas coisas que eles não conseguem, e vice-versa."

A Santa Luzia, que não revela faturamento, emprega 650 pessoas. Todas no mesmo endereço.

Em Assis, no interior paulista, a empresária e farmacêutica Priscila Prado, 50, pensa de forma semelhante sobre seu negócio, a farmácia de manipulação Artesanal Botica, que existe há 15 anos.

"Tenho todas as condições de abrir outras unidades. Não precisaria nem de investidor, mas optei por trabalhar de maneira artesanal, no olho no olho, e em apenas um ponto."

Segundo ela, as entrevistas individuais antes de sugerir uma fórmula para o cliente fazem a diferença, e o modelo não poderia ser mantido caso ela tivesse várias lojas.

> “Tenho todas as condições de abrir outras unidades. Não precisaria nem de investidor, mas optei por trabalhar de uma maneira artesanal, no olho no olho, e em apenas um ponto
>
> **Priscila Prado**
> dona da Artesanal Botica

Priscila conta ainda que sofre pressão de seus clientes para operar em suas cidades natais. "Muita gente que não é daqui para na farmácia, adora e fica dizendo para eu abrir em outros lugares", diz. Ela estima que entre 10% e 15% de seus clientes sejam de fora da região de Assis.

Ela já até tentou fazer a marca crescer, montando uma espécie de franquia na vizinha Tarumã, mas a experiência, em 2018, não deu certo. "Isso me mostrou de uma vez por todas que eu não deveria expandir", afirma.

A empresária conta que ainda busca uma maneira de levar o seu atendimento artesanal para o mundo digital, para chegar a mais clientes sem perder sua essência.

A Artesanal Botica tem 12 funcionários e fatura em torno de R$ 140 mil por mês.

Já Vandir de Andrade Junior, 40, conhecido como Junior Petar, dono do glamping (termo emprestado do inglês que mistura as palavras "glamour" e "camping") Mangarito, na cidade de Iporanga, no interior paulista, diz que, apesar de identificar possibilidades de expansão, prefere prover um serviço bom e individualizado com só 12 apartamentos dentro do Petar, parque estadual no Vale do Ribeira.

"Há muitos parques passando por concessão, e a proposta de um glamping não é invasiva, é de baixo impacto. Então existem muitas oportunidades", diz ele.

"Mas aí eu pensei que aqui já atingi um patamar sustentável. Sempre morei por aqui e estou muito satisfeito com a operação. Não tem por que querer abrir em outros locais", completa.

Segundo Junior, seu objetivo, de trazer um outro tipo de público, mais exigente, ao Vale do Ribeira, já foi conquistado.

"Meu crescimento não é em tamanho, mas em se reinventar e prover novos serviços aos hóspedes. Já temos spa, piscina e uma gastronomia muito boa. Temos quase um funcionário por quarto", afirma.

O Mangarito, que existe desde 2014, emprega dez pessoas e fatura entre R$ 80 mil e R$ 90 mil mensalmente.

Rubens Massa, professor do centro de empreendedorismo e novos negócios da FGV, lembra que a lógica do muito comentado mercado das startups e das grandes corporações, de busca constante do crescimento, não se aplica à grande maioria dos negócios do país.

"O Brasil é o país do mundo com mais empresas familiares proporcionalmente. São 9 em cada 10. Esse modelo pressupõe uma segurança nas operações, uma lógica de centralização e uma simbiose entre os valores da família e da empresa", afirma.

Ele diz ainda que, se o modelo funciona por um lado, mantendo conforto e tranquilidade, os empreendedores devem ficar atentos para não se acomodarem.

Passar por problemas, afirma ele, é um excelente mecanismo para rever e, então, otimizar processos.

Fernanda Bueno, consultora do Sebrae, vê ainda um outro motivo para algumas empresas não quererem aumentar sua operação.

"Muitas têm dificuldades para desenvolver lideranças em que confiem. Se você abre uma unidade em outro local, precisa disso muito bem estruturado, e nem sempre quem tem habilidades técnicas e é bom funcionário vai conseguir ser um bom gestor".

Fábio de Mello e Ângela Santos foram morar nas ruas da região central após serem despejados, em 2021, da casa onde viviam, na zona leste Rivaldo Gomes/Folhapress

Na pandemia, quase dobra o número de famílias que vivem nas ruas de SP

Censo, encomendado pela prefeitura, mostra que população de rua cresceu 31% desde 2019

Isabela Palhares e Mariana Zylberkan

SÃO PAULO O número de famílias que foram morar nas ruas de São Paulo quase dobrou durante a pandemia de Covid-19. Em 2021, segundo a gestão Ricardo Nunes (MDB), havia 31.884 pessoas sem-teto na cidade, sendo que cerca de 8.927 afirmaram viver com ao menos um familiar. Em 2019, eram 4.868.

Os dados foram obtidos pela **Folha** com exclusividade e fazem parte do censo da população de rua encomendado pela prefeitura. O levantamento, feito entre outubro e dezembro de 2021, mostrou que 28,6% dos entrevistados afirmaram viver na rua em família, percentual maior do que os 20% registrados em 2019.

Ao todo, a população de moradores de rua na capital aumentou 31% em relação ao censo anterior, de 2019, feito na pré-pandemia. Em relação a 2015, quando havia 15.905, o número dobrou.

A quantidade de pessoas que preferem ocupar só as ruas em vez dos abrigos também aumentou. Em 2019, 52% da população abordada pelos pesquisadores preferia as calçadas aos centros de acolhimento, em 2021, esse percentual subiu para 60%.

"A crise econômica se agravou, o desemprego disparou, a inflação subiu e, nesse período, a política pública da prefeitura para essa população continuou a mesma. Os centros de acolhida não são pensados para as demandas de quem vive na rua", diz o padre Julio Lancellotti, da Pastoral do Povo de Rua.

Carlos Bezerra, secretário de Assistência e Desenvolvimento Social do município, reconhece a necessidade de reestruturação do sistema de acolhimento na cidade. Ele disse que a pasta pretende ampliar o número de centros para diversificar o perfil dos serviços e anunciou um programa que vai oferecer moradias temporárias para famílias em situação de rua.

"Quanto mais tempo a pessoa passa na rua, menores são as chances de conseguir recuperar a autonomia. Precisamos agir rápido para quebrar essa trajetória triste que começou na pandemia", disse.

Fábio de Mello, 41, e Ângela Santos, 32 estão juntos há seis anos e foram despejados da casa onde moravam, na zona leste, no ano passado e passaram a viver na região central. Já são mais de dez meses na rua e nunca recorreram aos abrigos.

"A gente enfrenta frio, chuva, calor, medo de ser roubado ou agredido, mas não vai para abrigo. Não vamos nos separar para ir a um lugar em que somos ainda mais humilhados e corremos mais risco", diz Mello.

Ele e a mulher vendem balas no semáforo e procuram bicos para se alimentar. "Ninguém dá emprego para quem não tem endereço. E, sem emprego, nunca vou conseguir uma casa. Entramos numa situação que não tem saída."

Ainda de acordo com o censo, houve aumento de 230% do número de barracas de camping e de barracos de madeira instalados em vias públicas como moradias improvisadas. Em 2019, o censo encontrou 2.051 pontos desse tipo. Em 2021, foram localizados 6.778.

Segundo especialistas, moradias improvisadas são normalmente ocupadas por famílias ou pessoas que foram para as ruas recentemente e, por isso, buscam formas de manter a privacidade e aumentar a sensação de segurança.

"Desde o início da pandemia, a gente já observava não só um aumento da população de rua, mas também essa mudança de perfil. Já era possível identificar que grupos mais vulneráveis, como mulheres, famílias e idosos, tiveram que ir morar nas ruas", diz Juliana Reimberg, pesquisadora do CEM (Centro de Estudos da Metrópole), da USP.

> A crise econômica se agravou, o desemprego disparou, a inflação subiu e, nesse período, a política pública da prefeitura para essa população continuou a mesma. Os centros de acolhida não são pensados para as demandas de quem vive na rua
>
> **Padre Julio Lancellotti**
> da Pastoral do Povo de Rua

É o caso de Rosângela dos Santos, 40, que vive nas ruas do centro com o pai, de 60 anos, e o filho, de 12. "As pessoas humilham, mandam a gente ir trabalhar, parar de ser vagabundo. Mas quem dá uma oportunidade? Ninguém me chama para trabalhar", diz.

Ela diz que às vezes é chamada para fazer faxina em lojas ou casas da região, que pagam de R$ 30 a R$ 50 pelo serviço. "Ajuda muito, mas é um dinheiro que acaba rápido."

Reimberg afirma que, há anos, estudos nacionais e internacionais mostram que políticas eficientes para a população de rua não são aquelas que se concentram só em centros de acolhida, mas em ações para que as pessoas consigam deixar a situação, como acesso a emprego e moradia.

"A demanda dessa população não é por abrigo, mas por moradia. Sem um lugar para morar, elas não conseguem romper o ciclo, porque não encontram emprego. A política de abrigamento não é solução", diz a pesquisadora.

O censo perguntou aos moradores de rua o que os ajudaria a deixar a situação. Dos entrevistados, 45,7% disseram que seria encontrar um emprego fixo, e 23,1%, ter uma moradia. Outros 8,1% declararam que seria voltar à casa de familiares, e 6,7% responderam que seria superar a dependência de álcool e drogas.

Conseguir um emprego é o sonho de Bruna Felix, 23, desde que chegou a São Paulo no início do ano passado. Ela saiu de Paranaíba, no Mato Grosso do Sul, com a esperança de que a capital paulista teria mais oportunidades de emprego, o que não aconteceu.

"Cheguei aqui e não encontrei nada. O dinheiro foi acabando e não tive escolha, acabei na rua", conta.

Quem acompanha a situação dos moradores de rua na cidade afirma que o dado apontado pelo censo está subestimado, o que pode levar a elaboração de políticas públicas ineficazes.

A empresa Qualitest, contratada para fazer o censo, fez um relatório em que apontava uma série de dificuldades para abordar os sem-teto. O contrato custou R$ 1,7 milhão aos cofres municipais.

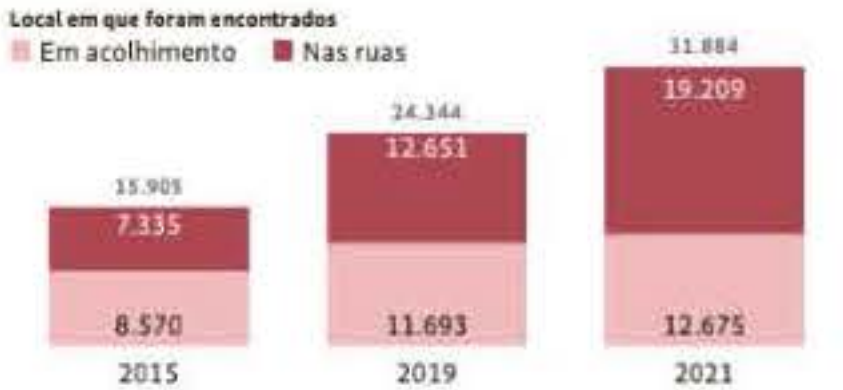
"Esse número é subestimado pela total inadequação com a qual foi feito esse censo. E a prefeitura foi alertada dos problemas metodológicos. Um número subestimado vai resultar, mais uma vez, em políticas públicas insuficientes e equivocadas, que não respondem quantitativamente nem qualitativamente às demandas da população de rua", diz Lancellotti.

O secretário Bezerra rejeita as críticas ao censo e diz que a metodologia utilizada é a única forma para se chegar ao número e perfil da população de rua.

"Olhando apenas para os novos moradores de rua, são mais de 8.000, é mais do que toda a população de 70% dos municípios do interior paulista. Essa comparação nos mostra o tamanho do desafio que temos pela frente, o censo nos ajuda a desenhar políticas de forma célere, efetiva e com impacto", afirma ele.

Desde o início da pandemia é visível o aumento da população de rua sobretudo na região central da cidade, onde há maior concentração de sem-teto pela facilidade de acesso a doações e equipamentos públicos. Em razão do crescimento, a prefeitura antecipou a realização do censo, antes feito a cada quatro anos.

Censo População em Situação de Rua em São Paulo

Número de moradores aumentou 31% em dois anos

Perfil dos moradores de rua em São Paulo, em %

Foi usado o método de amostragem porque nem todos responderam as perguntas

Tempo de permanência na rua

Há menos de um ano	Entre 1 e 2 anos	Entre 2 e 3 anos	Entre 3 e 5 anos	Entre 5 e 10 anos	Há mais de 10 anos
28,4	13,8	8,7	10,9	14,9	22,4

Naturalidade

Da cidade de São Paulo — De outras cidades do estado de São Paulo — De outros estados do Brasil

Motivos para estar na rua

Conflitos familiares	Dependência de álcool e outras drogas	Perda de trabalho e renda	Outros
34,7	29,5	28,4	7,4

Emprego após situação de rua

Renda dos que trabalham em situação de rua

O que ajudaria a deixar a rua

	%
Emprego fixo	45,7
Moradia permanente	23,1
Retornar à casa de familiares ou resolver conflitos	8,1
Superar a dependência de álcool e outras drogas	6,7
Outros	16,4

Fonte: Censo da População em Situação de Rua da Cidade de São Paulo

Prefeitura promete moradias transitórias para famílias

SÃO PAULO Com o aumento do número de famílias em situação de rua durante a pandemia, a Prefeitura de São Paulo anunciou um programa de moradias transitórias para atender principalmente os sem-teto com crianças.

Segundo Carlos Bezerra, secretário de Assistência e Desenvolvimento Social do município, o projeto-piloto vai oferecer, até o fim deste ano, 330 unidades, que podem atender até 1.600 pessoas. As famílias poderão ficar até 12 meses nas moradias.

"É uma política que condiz com o contexto atual dessa população. Quem foi para as ruas nesse período perdeu emprego, renda e casa. Sem ter onde morar, não consegue conquistar os outros dois. É um ciclo perverso."

Apesar de Bezerra afirmar que a prefeitura tem como "prioridade absoluta" encontrar soluções para o aumento da população de rua, o projeto terá capacidade de atender apenas uma parcela dessas pessoas. Considerando o total de sem-teto, só 5% poderão ser contempladas neste ano.

Bezerra diz que o plano é expandir o número de moradias transitórias até o fim da gestão, em 2023, e alcançar até 10 mil pessoas. O total de unidades, local de instalação e custo do programa não foram informados.

Para as primeiras 330 unidades, a secretaria estuda construir casas modulares de 18 m² na região central da cidade, em terrenos do município — a localização não foi informada. A prioridade será para famílias com crianças ou idosos que vivem há menos de um ano na rua.

Ainda que a promessa seja entregar essas unidades neste ano, a prefeitura ainda não fez contratação para construir as moradias.

"Quando se trata de ações para a população em situação de rua, o tempo é fundamental porque, quanto mais a pessoa permanece na rua, menos chances tem de recuperar sua autonomia. Precisamos agir rápido para evitar consequências ainda mais devastadoras dessa crise social que estamos vivendo."

Além da moradia transitória, as famílias serão acompanhadas por equipes de saúde e assistência social que irão ajudá-las a encontrar emprego. "Experiências de outros países mostram que, com essas ações, a pessoa consegue se restabelecer no período de um ano e recuperar sua autonomia." **IP**

1

Fotos Eduardo Knapp/Folhapress

Relógios icônicos do centro de SP contam a história da cidade

Lista inclui peça mais antiga da capital, da Faculdade de Direito do Largo São Francisco, e mostrador digital do Conjunto Nacional

Catarina Ferreira

SÃO PAULO Observar os relógios históricos do centro de São Paulo, o primeiro deles instalado ainda no século 19, é um convite à reflexão sobre o passado —e o presente— da cidade que completa 468 anos.

É esse o sentimento do historiador João Paulo Pimenta.

"É como se eles estivessem não apenas no tempo passado, mas também em um tempo mais lento. Uma espécie de refúgio contra o ritmo frenético de São Paulo", diz o professor do Departamento de História da FFLCH-USP (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo).

"Essas peças [os relógios] são ecos de um passado que insiste em permanecer, ainda que estejam eventualmente quebradas ou escondidas na paisagem", acrescenta Pimenta, destacando o valor histórico dos aparelhos.

Instalado em 1884, o relógio mais antigo de São Paulo é o da Faculdade de Direito da USP, no largo São Francisco, região central da cidade.

Quem cuida da sua manutenção é Augusto Fiorelli, 62. Responsável pela conservação de outros relógios públicos, ele conta que aprendeu o ofício com o avô e que desde a adolescência trabalha com essas grandes peças.

"Para mim, é um trabalho gratificante. É a história da cidade", afirma. "É uma pena que alguns estejam parados ou sucateados, como o relógio da praça da Sé."

Fiorelli, que fazia a manutenção do equipamento, conta que a peça está parada desde 2018. Segundo a Secretaria Municipal de Cultura, os relógios da praça da Sé são de propriedade privada e não é responsabilidade da prefeitura cuidar da sua manutenção.

Hugo Segawa, professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, diz que os relógios públicos, assim como bancos de praça e chafarizes, são parte do mobiliário urbano e lamenta que algumas dessas peças estejam abandonadas. "Cabe ao poder público ampliar o universo da memória dos paulistanos."

Faculdade de Direito da USP

O relógio no largo São Francisco é considerado o primeiro da cidade. O equipamento é mantido em sua versão original e apresenta o numeral romano IIII, em vez da tradicional forma IV.

A faculdade, fundada em 1827, ocupou um prédio do antigo Convento de São Francisco, criado em meados de 1640. O edifício passou por duas grandes reformas: uma em 1880, após um incêndio, e outra na década de 1930.

> **É como se eles [relógios antigos] estivessem não apenas no tempo passado, mas também em um tempo mais lento. Uma espécie de refúgio contra o ritmo frenético de São Paulo**
>
> **João Paulo Pimenta**
> professor de história da USP

Conjunto Nacional

Um dos símbolos da avenida Paulista, o relógio digital que ocupa o topo do Conjunto Nacional foi instalado no início da década de 1960, acompanhado de um painel luminoso que já exibiu marcas de empresas e bancos.

Em 1992, o equipamento foi reformado e recebeu um sistema moderno. Assim, começou a ser controlado por computador e passou a exibir também a temperatura.

Construído entre 1953 e 1957, o edifício abriga imóveis comerciais e residenciais.

Antigo Mappin

Instalado na fachada do edifício em que ficava a antiga loja de departamento Mappin, o relógio data de 1920, quando a loja ficava na praça do Patriarca, e inicialmente dava as horas em algarismos romanos.

A peça acompanhou a mudança do Mappin para a praça Ramos de Azevedo, em 1939, e ganhou um mostrador com algarismos arábicos.

A loja ocupava cinco andares do edifício e se transformou em um ponto turístico da cidade. Hoje, o prédio abriga uma unidade das Casas Bahia.

Paróquia São João Batista do Brás

O relógio que fica na torre da Paróquia São João Batista do Brás foi fabricado na década de 1930 pela Michelini, uma empresa familiar conhecida por criar relógios de torre e de fachada.

A igreja, fundada em 1908, serviu como ponto de assistência social à comunidade durante a epidemia de gripe espanhola, em 1918 —estima-se que a doença tenha deixado 5.000 mortos na cidade.

Além disso, a paróquia abrigou atividades de sindicatos durante a ditadura (1964-1985), tornando-se símbolo de resistência e de apoio à luta operária.

Relógio de Nichile

A praça Antônio Prado, no centro de São Paulo, abriga hoje o último remanescente de uma série de peças criadas na década de 1930 pelo publicitário Octávio De Nichile e que ficaram conhecidas como relógios de Nichile.

O objeto, que tem espaços para a exibição de propaganda na estrutura que sustenta o relógio, foi considerado inovador para a época.

Quem cuida da manutenção do equipamento é o filho de seu criador, o jornalista Gilberto de Nichile.

Estação da Luz

O relógio instalado na torre da estação da Luz no começo da década de 1950 substituiu o modelo anterior, uma peça inglesa destruída por um incêndio em 1946.

O edifício foi construído no período de 1895 a 1901, e o projeto é atribuído ao arquiteto inglês Charles Henry Driver. Em 2006, parte da estação foi remodelada para abrigar o Museu da Língua Portuguesa.

Aos finais de semana, quem vai ao local pode observar a torre do relógio mais de perto, em uma visita guiada que percorre um dos terraços do prédio histórico. O passeio é realizado aos sábados e domingos em duas opções de horário, às 11h e às 15h —não é necessário fazer agendamento.

2

4

1 Prédio onde ficam a Estação da Luz e o Museu da Língua Portuguesa 2 Paróquia São João Batista do Brás 3 Relógio da praça da Sé 4 Edifício que abrigou a loja de departamento Mappin, na praça Ramos de Azevedo 5 Relógio digital do Conjunto Nacional, na avenida Paulista 6 Cartão-postal antigo com foto da Estação da Luz 7 Relógio de Nichile, na praça Antônio Prado 8 Relógio da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, no largo São Francisco

Livro narra bastidores e histórias de vítimas da tragédia de Brumadinho

Leonardo Augusto

BELO HORIZONTE "Bombeiro, acha meu pai." O pedido é de uma das crianças órfãs do rompimento da Barragem 1 da Mina Córrego do Feijão, da mineradora Vale, em Brumadinho (MG). Foi enviado em carta para a corporação durante as buscas pelas vítimas do colapso da estrutura, que completa três anos na terça (25).

A mensagem abre o livro-reportagem "Arrastados - Os Bastidores do Rompimento da Barragem de Brumadinho, O Maior Desastre Humanitário do Brasil", da jornalista Daniela Arbex. Além do pai do autor do pedido, o rompimento matou outras 269 pessoas. Seis corpos não foram localizados.

Com lançamento marcado para a data dos três anos da tragédia, o livro conta a história de pessoas que morreram, pessoas que conseguiram se salvar, que salvaram, e também de quem estava na ponta final para identificar quem eram todos aqueles mortos.

O livro apresenta relatos minuciosos, com reprodução de diálogos mostrando, por exemplo, a aflição de quem tinha parentes no local ao saber do colapso da estrutura.

Relatado no livro, esse é o caso de um piloto de avião, Gustavo Barroso Câmara, 34, irmão de Izabela Barroso, 30, engenheira da Vale. O piloto voava quando ficou sabendo da tragédia em Brumadinho e lembrou que a irmã havia sido transferida para a cidade.

Câmara entrou na frequência de um helicóptero do Corpo de Bombeiros de Minas Gerais. "Arcanjo, está na escuta? Aqui é o PT-OPX. Preciso saber se vocês resgataram uma menina de 1,70 metro, magra, cabelos pretos lisos e longos, engenheira. Ela é minha irmã."

E recebeu a seguinte resposta do comandante da aeronave: "Infelizmente não posso te falar nada, porque aqui está um caos". O corpo de Izabela foi identificado entre as vítimas do rompimento da barragem oito dias depois da tragédia pelo Instituto Médico-Legal de Minas Gerais.

O instituto recebeu as primeiras informações sobre a tragédia às 14h07 do dia 25.

A autora mostra mensagens trocadas entre médicos-legistas no dia da tragédia, falando sobre acionamento de código de emergência para hospitais da capital e pedido de sacos para cadáveres.

Arbex relata a chegada dos primeiros bombeiros ao local da tragédia e o início do resgate de sobreviventes, o que ocorreu sob a possibilidade, levantada naquele momento, de que outra barragem poderia se romper, levando mais lama para a área.

"Perguntei aos especialistas que entrevistei se o ciclo de tragédias se encerraria em Brumadinho. Ainda não há respostas para isso. Enquanto o modelo de negócio não mudar e a política da mineração priorizar o produto, em vez da vida humana, não haverá lugar seguro para ninguém", diz a escritora, na publicação.

MORTES | coluna.obituario@grupofolha.com.br

Foi fundador da rede de salões Jacques Janine

JACQUES GOOSSENS (1930 - 2022)

SÃO PAULO Entre os amigos e familiares era conhecido como um homem elegante, inspirador e que transformava a vida das pessoas. O Brasil conhecia seu nome ao lado do de Janine Goossens, por serem os fundadores de uma das maiores redes de salões de beleza do país, Jacques Janine.

Jacques Goossens nasceu na França em 1930, mas se mudou para o Brasil em 1952. Conheceu Janine em um piquenique em Mogi das Cruzes, na região metropolitana de São Paulo, em 1958, mesmo ano em que se casaram.

Um ano antes, Janine havia se formado maquiadora e esteticista em Paris. Foi quando veio para o Brasil com sua família, em 1957.

Em 1958, fundaram o salão de beleza Jacques Janine, em São Paulo. A proposta do casal era reunir em um só lugar tratamentos capilares, estéticos e de manicure e pedicure, unindo a área de atuação de cada um deles.

Jacques se tornou cabeleireiro por influência da mãe, conhecida como madame Line, que trabalhava como manicure em um salão de beleza em Paris. Cerca de 20 anos após abrir o primeiro empreendimento na capital paulista, deu início à rede de salões em 1991 ao lado da esposa.

Juntos também criaram uma universidade corporativa para salões de beleza, a Uni Jacques Janine, além de uma linha de produtos que leva o nome da marca. Foram quase 70 anos atuando no ramo da beleza.

Gostava de cabelos curtos, chocolate, da natureza e do mar. Lutou judô, gostava de meditar e caminhar. Sempre carregava uma tesoura para cortar cabelos. Era visto como sério, mas também como brincalhão.

Casada com Jacques por mais de 60 anos, Janine se lembra do marido como alguém que transformava a vida das pessoas por meio da beleza. A consistência e a dedicação permitiram ao casal construir uma família enquanto trabalhava junto por tantos anos.

"Eu lembro muito da alegria dele no trabalho. Ele não conhecia o mau humor. E ele nunca foi hostil ou grosseiro com ninguém ao seu redor, mesmo nos momentos de dificuldade, porque afinal, desde 1958 nós atravessamos várias crises. Mas o otimismo sempre prevaleceu", diz Janine.

Jacques morreu na última quinta-feira (20), aos 91 anos. Além da esposa, ele deixa duas filhas, cinco netos e quatro bisnetos.

7º DIA

NORMA VASQUES DOMINGUEZ
Nesta segunda (24/1) às 20h, Igreja Nossa Senhora da Saúde, Rua Domingos de Morais, 2.387, Vila Mariana, São Paulo

Procure o Serviço Funerário Municipal de São Paulo:
tel. (11) 3396-3800 e central 156; prefeitura.sp.gov.br/servicofunerario.

Anúncio pago na Folha: tel. (11) 3224-4000. Seg. a sex.: 10h às 20h. Sáb. e dom.: 12h às 17h.

Aviso gratuito na seção: folha.com/mortes até as 18h para publicação no dia seguinte (15h de sexta para publicação aos domingos) ou pelo telefone (11) 3224-3305 das 16h às 18h em dias úteis. Informe um número de telefone para checagem das informações.

Expansão dos agrotóxicos

No Brasil, valor permitido de resíduos diverge de padrões internacionais

Marcia Castro

Professora de demografia e chefe do Departamento de Saúde Global e População da Escola de Saúde Pública de Harvard

Um estudo recente mostrou que, entre 2004 e 2010, o uso de glifosato (agrotóxico mais usado no Brasil) no cultivo da soja contribuiu para aumento de 5% na mortalidade infantil em municípios das regiões Sul e Centro-Oeste, cuja água se origina em áreas sojicultoras. Os resultados foram contestados pela Bayer, dona da Monsanto, empresa que lançou o glifosato (e comercializa a soja transgênica Roundup Ready). Nos EUA, a Bayer responde a processos associando o uso de glifosato com câncer.

Essa é uma discussão antiga. Vários estudos laboratoriais e populacionais analisam agravos à saúde da população devido ao uso de agrotóxicos. Em 2015, a Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco) lançou documento sobre os impactos dos agrotóxicos na saúde. Dois anos depois veio o atlas do uso de agrotóxicos. Ambos trazem à tona questões importantes sobre regulação.

No Brasil, o valor máximo permitido de resíduos de agrotóxico na água e nos alimentos diverge de padrões internacionais (para vários produtos). O limite aceitável de glifosato na água no Brasil é de 500 microgramas/L, 5.000 vezes maior que o limite na Europa!

Entre 2014 e 2017, cerca de 47% dos municípios brasileiros monitoraram a qualidade da água. Desses, mais da metade detectou a presença dos 27 agrotóxicos testados, 21 dos quais têm o uso proibido na Europa, e dez já proibidos no Brasil. Razões para proibição incluem distúrbios endócrinos, efeitos cancerígenos, alterações metabólicas e problemas reprodutivos. A Europa lucra com a exportação de produtos banidos, e o Brasil está entre os importadores.

Os 27 produtos cujo monitoramento é previsto por lei são uma parcela mínima dos agrotóxicos com uso aprovado no Brasil. De 2000 a 2021, 4.551 produtos foram aprovados, um terço entre 2019 e 2021, no atual governo. Vários são proibidos em outros países. Além disso, não há no Brasil uma política de reavaliação sistemática de agrotóxicos, a não ser mediante um pedido. Nos EUA a reavaliação é feita a cada 15 anos, no Japão a cada 3, e na Europa a cada 10. O glifosato, por exemplo, deve ser banido da França a partir deste ano, e da Alemanha, até 2023.

Apesar disso, em outubro de 2021, o decreto 10.833 flexibilizou a lei dos agrotóxicos. Produtos que comprovadamente causam câncer e má formação fetal, atualmente não aprovados para uso, podem ser autorizados respeitando limites de segurança. O Ministério da Agricultura ganha protagonismo na definição desses limites, além de assumir a responsabilidade de monitorar os resíduos de agrotóxicos em produtos de origem vegetal e animal. Não faz sentido essas atividades não serem responsabilidade do Ministério da Saúde.

A mudança da lei contribuirá para aumentar o lucro no mercado de agrotóxicos. Mas a que custo humanitário? Essa mudança se alinha com outras estratégias do governo que contribuíram para o aumento do desmatamento, do garimpo ilegal, e da morte de mais de 622 mil brasileiros pela Covid.

E por falar em Covid, impossível não comentar a decisão do Ministério da Saúde de rejeitar o protocolo de contraindicação do kit Covid. A decisão levou em conta argumentos expostos em uma nota técnica que sugere haver evidência de segurança e efetividade no uso da cloroquina para tratamento da Covid-19, mas não no uso da vacina. O documento é uma vergonha!!

Triste o Ministério da Saúde que, liderado por um médico, pauta ações no negacionismo e na disseminação de mentiras, e não na missão precípua de "promover a saúde e o bem-estar de todos". Triste o governo que não prioriza o direito à vida.

DOM. Antonio Prata | SEG. Marcia Castro, Maria Homem | TER. **Vera Iaconelli** | QUA. Ilona Szabó de Carvalho, Jairo Marques | QUI. Sérgio Rodrigues | SEX. Tati Bernardi | SÁB. Oscar Vilhena Vieira, Luís Francisco Carvalho Filho

No litoral paulista, praias lotadas têm disputa de caixas de som

Em Guarujá, somam 1.690 os casos em que fiscalização foi acionada devido aos equipamentos

Klaus Richmond

GUARUJÁ (SP) Chamou atenção entre mais de uma centena de guarda-sóis espalhados por um dos movimentados trechos da praia da Enseada, em Guarujá, no litoral sul paulista, um raro registro de um grande grupo de pessoas sem a presença de uma caixa de som potente ligada.

Diferente de quase todos ao redor, a analista financeira Isabelle Medeiros, 27, tinha o item de 20 watts de potência pendurado —quase esquecido— em uma das hastes do guarda-sol alugado.

"Não queremos ligar, mas imagino que vamos ter que fazer porque é tanto barulho [de outras caixas] que fica insuportável. Digo que é a farofa da música", disse Isabelle à **Folha**. "Fica pior mais tarde, principalmente depois que bebem", completa.

Acompanhada de amigos e familiares, todos vindos de São Paulo, o grupo de oito pessoas foi só um dos que lotou no sábado (22) a praia mais movimentada do município carregando um cooler com bebidas e, principalmente, aparelhada de som debaixo de calor escaldante.

A poucos metros deles, por exemplo, era possível ouvir a voz do cantor Gusttavo Lima misturado à da dupla sertaneja Milionário e José Rico.

"Meu bem como é maravilhoso sonhar com você", cantava alto a empresária Daniella Chelinho, 40, apontando para o marido Amarildo Mariano Veronez, 53.

A declaração de amor, na verdade, é a reprodução de um trecho da música "Sonhei com você", uma das mais populares de autoria dos cantores.

O grupo de 14 pessoas chegou na última sexta (21) de Cuiabá para passar cinco dias na praia. Os estilos são variados entre rasqueado, pagode e sertanejo. "Só não pode ter funk", diz ela aos risos.

As caixas vão desde modelos mais compactos a outros robustos, amplificadas por mais de 550 watts de potência e acompanhadas de carrinho para transporte.

Na lista de artistas preferidos do músico Michael Ferreira, 28, estão Jorge e Matheus, Marília Mendonça e Gusttavo Lima. Ele diz nunca ter ouvido reclamações de vizinhos de guarda-sóis. "Na sexta, nos pediram até para ficar, estavam gostando muito do som", diz Ferreira, de Campinas.

Situação oposta viveu o comerciante Hueslel Rodrigues, 23, de Guarulhos, que recorda ter recebido de um pedido para baixar o som enquanto ouvia Wesley Safadão.

Em todo o período na praia, a **Folha** não registrou fiscalização ou ouviu relato de ação por parte do município.

Ambulantes foram figuras constantes oferecendo caixas de som que iam de R$ 70 a R$ 150, com três tamanhos diferentes. Nos melhores dias, vendem seis delas. Outros também ofertam roupas.

Segundo o inciso quarto do artigo 100-A do Código de Posturas Municipal "é proibido o uso de equipamentos sonoros, caixas de som e instrumentos de percussão na faixa arenosa, jardins e calçadões". A infração pode resultar em orientações ou até mesmo multas.

Em nota, o município diz que, desde o início da operação verão do governo estadual, o maior número de ocorrências refere-se ao som abusivo em praias como Guaiúba, Tombo, Astúrias, Pernambuco e Enseada, com maiores incidências e onde foram apreendidos dois equipamentos.

De 18 de dezembro a 1º de janeiro, a fiscalização apontou 4.577 irregularidades, sendo 1.690 por esse motivo. Ao receber a denúncia, a fiscalização orienta o responsável a recolher o som. Só há apreensão em caso de reincidência.

Michael Ferreira, 28, (com a mão na caixa de som, no centro) diz nunca ter ouvido reclamações de vizinhos Jardiel Carvalho/Folhapress

Crianças até 4 anos são mais vulneráveis ao coronavírus

Brasil registra quase quatro vezes mais mortes por Covid na faixa de 0 a 4 anos em comparação à de 5 a 11

Raquel Lopes

BRASÍLIA Crianças de 0 a 4 anos são mais vulneráveis ao novo coronavírus do que o público infantil de 5 a 11, faixa etária que entrou no plano nacional de vacinação contra a Covid.

Oficialmente, o Brasil registrou 1.544 mortes de crianças de 0 a 11 anos por Covid desde o início da pandemia. Do total, 324 delas tinham de 5 a 11. Entre 0 e 4, o número de óbitos alcançou 1.220, o que representa quase quatro vezes mais ocorrências que na faixa acima de 5 anos.

Em 2021, segundo o IBGE, havia no país 14,7 milhões de crianças de 0 a 4 anos e 20,5 milhões de 5 a 11 anos.

Levantamento da organização Vital Strategies avalia ainda que há subnotificação de dados e projeta a omissão de 2.537 mortes. Isso porque, como não há um diagnóstico do motivo da morte em alguns casos de SRAG (síndrome respiratória aguda grave), os óbitos entram nas estatísticas como SRAG por causa não especificada.

Com isso, o total estimado pode chegar a 4.081 mortes de crianças por Covid. Os números chegariam então a 3.249, de 0 a 4 anos, e 832, de 5 a 11.

Questionado sobre subnotificações e as estimativas da Vital Strategies, o Ministério da Saúde não se manifestou.

A médica epidemiologista e especialista sênior da Vital Strategies Fatima Marinho disse que a falta de diagnóstico é consequência de diversos fatores, como baixa testagem, colapso no sistema de saúde e acesso desigual à assistência.

A SRAG é uma condição que pode ser causada tanto pela Covid quanto por outros vírus respiratórios, como o H1N1, agente infeccioso da Influenza A (gripe). Os dados foram coletados no Sivep-Gripe (Sistema de Informação de Vigilância Epidemiológica da Gripe), do Ministério da Saúde.

Marinho disse que para chegar a essa projeção foi feita a redistribuição de óbitos de SRAG não especificados considerando a série histórica de anos anteriores à pandemia —no caso 2018 e 2019.

O número excedente foi reclassificado como Covid e por outros vírus respiratórios, como o da Influenza. Houve explosão de casos de mortes não especificadas por SRAG em 2020 e 2021, o que aponta a preponderância da Covid.

"As crianças têm menor diagnóstico de Covid por causa da clínica diferente [sintomas]. Muitas vezes o sintoma de Covid nas crianças é a diarreia, dor abdominal, tosse, não tendo muitas vezes alguns sintomas clássicos como febre, falta de ar. Em paralelo há a baixa testagem que contribui para a não identificação da Covid", disse Marinho.

Recentemente mais impactadas pela Covid, as crianças de 0 a 4 anos continuam mais vulneráveis porque ainda não podem ser imunizadas.

No Brasil, dois imunizantes foram aprovados para crianças pela Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária), o da Pfizer, para maiores de 5 anos, e a Coronavac, para maiores de 6.

Renato Kfouri, presidente do Departamento de Imunizações da SBP (Sociedade Brasileira de Pediatria), diz que a maior mortalidade em crianças com menos de 5 anos também foi registrada em outros países. Nessa faixa etária, o sistema imunológico é mais imaturo e não responde às infecções como os mais velhos.

"As crianças nessa faixa etária vão continuar mais vulneráveis. Por causa disso, quem já pode, deve tomar a vacina para ajudar a reduzir a circulação do vírus", afirmou.

A dona de casa Adriana de Godoy Zaniolo, 41, teve seu terceiro filho durante a pandemia em Rio Claro, no interior paulista, no início da campanha de vacinação da Covid no Brasil. Com isso, ela não havia ainda sido imunizada.

Nas primeiras horas de vida de Matheus, em 10 de março de 2021, ele foi transferido para a UTI, com a oxigenação baixa. No terceiro dia de internação, foi identificado que ele estava com Covid.

A partir desse momento, os médicos isolaram o bebê e pediram para Adriana também fazer um teste, que deu positivo. No dia seguinte, Matheus morreu.

"Parece que ainda não caiu a ficha. Tudo pronto esperando meu filho, nasceu tão perfeito e do nada o mundo desaba. Cada vez que nós íamos à UTI o médico não tinha um diagnóstico", disse Adriana.

Flávia Bravo, diretora da Sbim (Sociedade Brasileira de Imunizações) disse acreditar que as vacinas contra Covid não devem demorar a chegar para faixas etárias abaixo de 5 anos.

O pedido do Instituto Butantan à Anvisa era para usar as doses em crianças a partir de 3 anos. Mas a agência entendeu que não existem dados suficientes para autorizar a vacinação até essa idade.

O instituto agora aguarda resultados da pesquisa do Chile com crianças de 3 a 5 anos para encaminhá-los à agência reguladora. A previsão é que ocorra ainda neste ano.

Em entrevista à **Folha**, a presidente da Pfizer no Brasil, Marta Díez, disse que a farmacêutica pretende apresentar à Anvisa ainda neste ano o pedido de autorização de uso da vacina da Covid em crianças de 6 meses a 5 anos.

O Ministério da Saúde prevê em contrato com a Pfizer a possibilidade de adquirir doses para crianças de 0 a 4 anos caso a vacina seja aprovada pela agência reguladora.

As subnotificações também ocorrem com as internações.

Dados do Ministério da Saúde apontam 18.326 internações no público de 0 a 4 anos e 6.802 em crianças de 5 a 11.

Entretanto, o Brasil já pode ter atingido 92.837 internações em crianças de 0 a 4 anos e 39.584 em crianças de 5 a 11.

Marinho, da Vital Strategies, afirmou que uma política de testagem eficaz é imprescindível para controlar os casos em crianças. Porém, quase dois anos após a pandemia, ainda não há uma estratégia consolidada quanto ao tema.

A médica diz que as crianças que não poderão tomar a vacina continuarão vulneráveis e acompanhando as curvas da pandemia —conforme cresce o total de casos e mortes, isso ocorre também entre as crianças, mas em proporção menor que a de adultos.

Mortes e internações de crianças por Covid no Brasil

Covid afeta mais crianças de 0 a 4 anos do que aqueles com idade entre 5 e 11 anos

Mortes por SRAG (síndrome respiratória aguda grave) por Covid confirmadas*

Mortes por SRAG por Covid com base em projeções da Vital Strategies*

Incluem dados confirmados e subnotificados

Mortes por SRAG por Covid, segundo projeções atualizadas*

Internações

Incluem dados confirmados e subnotificados

■ Confirmadas por SRAG por Covid
■ Segundo projeções atualizadas*

Internações por estado, segundo projeções atualizadas*

De 0 a 11 anos

*Dados de janeiro de 2020 até 30 de dezembro de 2021 | **Pandemia da Covid
Fonte: Dados do Sivep-Gripe organizados pela Vital Strategies

Em nova etapa, Drauzio tira dúvidas de crianças Divulgação

Nova fase da campanha 'Vacina Sim' incentiva a imunização de crianças

SÃO PAULO O consórcio de veículos de imprensa —formado por **Folha**, UOL, O Estado de S. Paulo, O Globo, G1, TV Globo, GloboNews e Extra— lançou neste domingo (23) a quinta fase da campanha "Vacina Sim".

O objetivo desta etapa é incentivar a imunização de crianças de 5 a 11 anos, faixa etária que começou a ser vacinada no Brasil no último dia 14, quando o menino indígena Davi Seremramiwe Xavante, 8, foi o primeiro a receber uma dose do fármaco.

Na atual fase da campanha, um especialista foi convidado para sanar as dúvidas dos pequenos: o tio Drauzio, também conhecido como dr. Drauzio Varella, médico e colunista da **Folha**.

Nos vídeos que serão veiculados, cerca de 20 crianças perguntam se a vacina dói, se coça, se pode ter febre ou, então, como ela age no corpo - dúvidas semelhantes às de adultos.

A conversa foi diferente por causa do público-alvo? "Eu acho que não existe uma linguagem para criança. Procuro responder como estou acostumado a falar, mas tentando adaptar com uma linguagem mais simples, mais fácil", afirma Drauzio.

Recentemente, a **Folha** conversou com crianças a respeito da ansiedade de se imunizar contra a Covid. Alguns falaram sobre a vontade de rever e abraçar amigos e parentes que estão em grupos de risco, assim como ir ao cinema ou viajar.

Além de crianças anônimas, alguns atores mirins também fizeram perguntas para o tio Drauzio. É o caso de Gabriel Miller, o Mig do sitcom "Bugados", da Gloob, o canal infantil da Globo. Ele diz estar feliz de participar da campanha e assim inspirar outras pessoas a se protegerem contra a Covid.

"É uma missão muito séria e todo mundo precisa colaborar e fazer a sua parte para podermos voltar à escola, rever os amigos, brincar e nos abraçarmos muito. Chegou a nossa hora e, como diria o Mig de 'Bugados', 'hoje é o melhor dia da minha vida!'"

A imunização infantil, porém, vem sofrendo ataques do governo de Jair Bolsonaro (PL), que, sem provas, lança dúvidas sobre a segurança das vacinas.

O presidente disse que sua filha de 11 anos não será vacinada contra a Covid.

Inicialmente, o ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, afirmou que a sua pasta recomendaria a vacinação desde que houvesse a exigência de prescrição médica, o que foi rejeitado em consulta pública.

Em recente pesquisa Datafolha, 79% dos brasileiros com 16 anos ou mais disseram ser favoráveis à imunização de crianças de 5 a 11 anos. Outros 17% afirmaram ser contra, e 4% declararam não saber opinar.

Os pequenos da campanha "Vacina Sim", no entanto, não estão preocupados com o debate político envolvendo os fármacos, e sim com os seus efeitos no corpo. "Parece que essas crianças [da campanha] não foram contaminadas pela discussão política que cerca as vacinas no Brasil neste momento", diz Drauzio.

No Brasil, há dois imunizantes autorizados pela Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) para as crianças: a Pfizer, liberada em dezembro para quem tem a partir de 5 anos; e a Coronavac, que recebeu aval na última quinta (20) para quem tem a partir de 6 anos.

Iniciativa inédita, o consórcio de veículos de imprensa foi criado em junho de 2020 para acompanhar e divulgar os números da Covid-19 depois que Ministério da Saúde tirou dados do ar e ameaçou sonegar informações sobre a situação da pandemia.

Desde então, os veículos se reuniram para divulgar balanços diários de casos e mortes pela Covid. Com o início da vacinação, em janeiro de 2021, o consórcio passou a divulgar também dados de imunizados. As informações são coletadas diariamente de secretarias estaduais de saúde pelas equipes dos veículos.

Em janeiro do ano passado, o consórcio criou a campanha "Vacina Sim", para conscientizar a população sobre a importância de se vacinar contra a Covid-19.

Na segunda etapa da campanha, em fevereiro, jornalistas e personalidades ligadas aos veículos do consórcio se reuniram para incentivar a vacinação. A campanha juntou os colunistas da **Folha** Juca Kfouri, Luiz Felipe Pondé e Djamila Ribeiro aos atores Lázaro Ramos e Fernanda Montenegro, entre outros.

A terceira fase, em abril, teve como objetivo incentivar a população brasileira a continuar tomando os cuidados necessários —como uso de máscaras e distanciamento social— durante o avanço da vacinação.

A quarta etapa, em setembro, buscou conscientizar a população sobre a importância de completar a imunização. Ela foi direcionada ao público jovem, que ainda não havia tomado a primeira dose, e também àqueles que estavam parcialmente imunizados.

esporte

Cursos da CBF atraem, mas preço alto ainda é obstáculo

Licenças da confederação abrem horizonte para quem sonha em ser técnico

Alex Sabino

SÃO PAULO Os dias de trabalho de Edivan Coelho, 30, começam cedo e terminam tarde. Professor em academias e personal trainer na Baixada Santista, ele junta economias para realizar o sonho que o domina desde que escutou futebol pelo rádio do vizinho, aos seis anos de idade, em Registro, interior paulista: ser técnico de futebol.

"Já gastei por volta de R$ 20 mil nos licenciamentos. Eu guardo todo o dinheiro que posso para os cursos. Com a pandemia, parte do conteúdo passou a ser online. Mas, além do preço das licenças em si, há o traslado para Teresópolis [no Rio, onde acontecem as aulas presenciais], a hospedagem e a alimentação. É difícil", constata.

Criada em 2016, a CBF Academy é o braço educacional da CBF (Confederação Brasileira de Futebol) e é responsável pela formação dos profissionais. Já emitiu 4.265 licenças desde a C, a mais simples e voltada para quem dá aula em escolinhas, até a Pro, que possibilita participar de todas as competições da Conmebol (Confederação Sul-Americana de Futebol).

A licença Pro é o próximo objetivo de Edivan. Por ser a maior graduação, tem o valor mais salgado. São R$ 19,9 mil. Para obter a licença A no ano passado, ele pagou, apenas pelo conteúdo, R$ 10,5 mil. Ele já havia feito a B. Esta teve o custo de R$ 7,7 mil.

"Só vou poder fazer o Pro quando conseguir emprego em um clube com salário que me permita custear as mensalidades. Caso contrário, não dá", observa o técnico.

É a mesma constatação feita por treinadores em início de carreira ou estabelecidos nas principais divisões do futebol brasileiro. Quem está nas grandes equipes não tem nenhum problema em pagar pelas aulas. É bem mais complicado para quem não tem muitos contatos, está fora dos grandes clubes ou atua nas categorias de base do interior.

"É caro. Eu estou indo para a minha sexta Série A do Campeonato Brasileiro. Para mim, não há nenhum problema. Mas os cursos não são acessíveis para todos. Gente da Série C ou Série D, por exemplo, tem dificuldade", afirma Jair Ventura, atual técnico do Juventude e com passagens por Botafogo, Santos, Corinthians, Sport e Chapecoense.

"É elitizado", concorda Daniel Paulista. "Torço para que se encontre uma solução para isso mudar", acrescenta o treinador do Guarani.

Os responsáveis pela CBF Academy têm consciência da questão do preço, mas se veem em uma encruzilhada. Há o custo envolvido na realização dos cursos, que não são apenas para treinadores. A entidade é uma das responsáveis pela popularização do cargo de analista de desempenho. Ventura afirma que o nível do conteúdo oferecido nas aulas não deixa nada a desejar em relação ao da Uefa, referência mundial.

Edivan Coelho luta para obter licenças da CBF; a principal ainda é cara demais Acervo pessoal

> Só vou poder fazer o Pro quando conseguir emprego em um clube com salário que me permita custear as mensalidades
>
> **Edivan Coelho**
> Técnico de futebol

"Esse é um tema sensível. A gente conhece a origem do nosso público e as condições. É eclético. A gente sabe ser um desafio", explica Michel Mattar, coordenador geral da CBF Academy.

"Mas, na outra ponta, existe a estrutura de custo. Você tem uma equação que precisa parar de pé. Temos produtos que partem de um preço de R$ 500. Também há política de descontos variados e estratégia específica para incluir mulheres", acrescenta.

Os técnicos ouvidos pela Folha, em início de carreira ou não, concordam que o licenciamento da CBF Academy mudou o horizonte da profissão no país. Abriu a possibilidade real de pessoas como Edivan, sem passado ou padrinhos, entrarem no futebol, e deu um norte para quem já estava no mercado.

"São cursos que deram uma luz a ser seguida porque, até então, não existia nada. Agrega muito e provoca uma troca de ideias", completa Daniel Paulista.

"Eles ajudam e apresentam conteúdos de qualidade, mas não é um curso para formação de treinadores como muita gente acha. É ferramenta e é importante. Mas a formação exige décadas. O processo é contínuo. Tanto assim que o licenciamento [da CBF Academy] precisa ser renovado a cada dois anos", lembra Leandro Zago, 40, contratado para comandar o Botafogo na Série A1 do Paulista.

A CBF Academy avalia que a formação de técnicos é um movimento global de que o Brasil começou a tomar parte em 2016. Os licenciamentos emitidos pela entidade não habilitam os profissionais a trabalhar na Europa. A esperança declarada é que isso mude no futuro.

A preocupação, desde o início da pandemia, é investir em plataformas online, o que pode baratear os custos para os matriculados. Não haveria gastos com transporte nem com hospedagem.

Para economizar no processo para obter a licença A, Edivan Coelho dividiu quarto em Teresópolis com outras pessoas.

"Em 2022, queremos ter mais de 60 turmas em diferentes cursos. O mundo digital nos permitiu incluir pessoas que até então não tinham condições de participar. A gente tem alunos no Japão, na Europa, no Oriente Médio e na África", conta Mattar.

"O custo logístico para o aluno estar em um local [físico] custa tanto quanto o valor do curso ou mais. No mundo digital, em que tudo está focado no conteúdo, na inteligência, isso barateou muito", acrescenta o responsável pela CBF Academy.

É nisso que acredita Edivan Coelho. Para ser alguém importante como técnico, ele aposta na formação, no conhecimento e também em suas licenças.

Filho de mãe faxineira e pai porteiro, ele contou com a ajuda de bolsas de estudo para se formar em educação física em Santos. Curso que escolheu porque viu como entrada para o futebol. Fez estágios no São Vicente AC e no EC São Bernardo, comandou a equipe profissional do Amparo aos 25 anos e dirigiu o Linense na Copa São Paulo de 2020. Agora lhe resta buscar outra oportunidade.

"Tive ofertas para trabalhar, mas o salário era muito, muito pequeno. Não dava para me manter", lembra.

É batalha que trava também contra uma lembrança. Não gosta de dar detalhes, mas diz que, quando começava a buscar trabalhos em times de futebol, há alguns anos, procurou ajuda de outro treinador. A primeira coisa que o colega fez foi olhar para a cor da pele de Edivan.

"Ele perguntou para mim quantos treinadores negros existiam na Série A do Campeonato Brasileiro."

O novato respondeu que, na época, não conseguia se lembrar de nenhum.

"Sua cor não vai deixar você chegar", foi a previsão desagradável que ouviu.

"Cheguei em casa, fui tomar banho e chorei para caramba. E decidi que aquilo não aconteceria. Eu vou ser um dos grandes treinadores do futebol brasileiro", prometeu Edivan Coelho para si mesmo.

Filha de Pelé busca acalmar fãs sobre estado de saúde do pai

SÃO PAULO Kely Nascimento, filha de Pelé, procurou tranquilizar os fãs mais preocupados com o estado de saúde de seu pai.

Em tratamento contra um tumor no cólon descoberto no ano passado, o ex-jogador de 81 anos foi ao Hospital Albert Einstein, em São Paulo, na última quarta-feira (19), e recebeu alta no dia seguinte.

O boletim médico divulgado pelo hospital falava apenas em "dar sequência ao tratamento" e apontava "condições clínicas estáveis". Porém gerou apreensão a informação publicada em uma reportagem da ESPN: "Pelé tem um tumor no intestino, um no fígado e o início de um no pulmão".

A filha do craque não entrou em detalhes médicos, mas afirmou que não há novidades sobre a situação dele. De acordo com ela, as idas ao Einstein ocorrem com regularidade para a realização de exames e administração de medicamentos.

"Não sei o que saiu onde. Só sei que está todo o mundo me mandando mensagem preocupado. Não mudou nada. Não sei o que é [a reportagem], na verdade, porque não vi, mas não tem nada de novo para falar", disse Kely, em vídeo publicado no Instagram.

"Meu pai vai para o hospital todo mês. Então, vira e mexe vão sair essas coisas. Às vezes, ele vai duas vezes, passa uma noite. Mas não mudou nada", acrescentou a filha de Pelé. "Ele está em casa, está bem, está se recuperando, superforte."

O rei do futebol completou 81 anos em outubro. Ele tem sequelas de cirurgias no quadril e no joelho direito que limitaram sua locomoção.

A importância da Copinha

Mais importante do que vencer torneios de base é revelar. Mas...

Juca Kfouri

Jornalista e autor de "Confesso que Perdi". É formado em ciências sociais pela USP

A Copa São Paulo não é o mais importante torneio das categorias de base do país.

Disputada desde 1969, originalmente organizada pela prefeitura paulistana para festejar o aniversário da cidade e decidida sempre no dia 25 de janeiro.

Não é o campeonato mais importante, mas é o maior, com 128 participantes, e o que desperta mais atenção, porque nas férias do futebol profissional, diferentemente dos diversos certames brasileiros de categorias de base promovidos pela CBF.

Em sua 52ª edição, a Copinha vive mistério que pode ser encerrado nesta terça-feira (25), às 16h, com transmissão pela Globo: a ausência de títulos de um dos mais poderosos clubes do mundo, o Palmeiras, algo inexplicável principalmente nos últimos anos, a partir dos quais o alviverde passou a ganhar quase tudo nas chamadas competições sub.

Apenas em 1987, quando a prefeitura desistiu de organizá-la, e no ano passado, por causa da pandemia, a Copinha não foi disputada. Está nas mãos da FPF desde 1988.

Só em duas oportunidades o Palmeiras participou da decisão, e seu jejum ensejou a incômoda musiquinha que diz "Palmeiras não tem Mundial, não tem Copinha, não tem Mundial".

Derrotados pelo maior rival Corinthians, em 1970 e, pior (?), pelo pequeno Santo André, em 2003, os alviverdes entrarão em campo como favoritos contra o Santos, como mandantes por terem melhor campanha e respaldados por sua torcida, sem a presença da massa santista.

Chegou a hora de acabar com parte da musiquinha e, quem sabe, prenunciar que no dia 12 de fevereiro, em Abu Dhabi, nos Emirados Árabes Unidos, a gozação será definitivamente enterrada.

Inegável que revelar Endrick é mais importante do que ganhar a Copinha, como foi com Gabriel Jesus, em 2015, quando o Palmeiras parou nas semifinais, eliminado pelo Botafogo de Ribeirão Preto — que o Corinthians derrotou na final para ganhar o nono de seus dez títulos.

E Gabriel Jesus e Endrick são apenas dois casos, porque o Palmeiras tem se notabilizado pelo aproveitamento de uma porção de revelações feitas em casa, bem aproveitadas no time principal e fontes para boas transações.

Mas dos chamados gigantes do futebol brasileiro só Palmeiras, Bahia, Botafogo e Grêmio jamais venceram a Copinha, e está na hora de deixar o incômodo nos pés de baianos, cariocas e gaúchos.

O Santos e seus sempre surpreendentes meninos lutarão pela quarta conquista, campeões em 1984, 2013 e 2014.

Daí estar a quarta maior torcida brasileira muito mais ligada na decisão da Copinha do que esteve na estreia do seu time no Paulistinha, contra o Novorizontino, vitória tranquila por 2 a 0.

Quase clandestina, tratada como deve, pré-temporada do que, de fato, importa, o Mundial, com semifinal marcada para o dia 8 de fevereiro, contra os mexicanos do Monterrey ou os egípicios do Al Ahly, paradas duras, duríssimas, como têm demonstrado as últimas participações brasileiras no torneio.

Repita-se que ganhar a Copa São Paulo não é o mais importante, embora o realismo se imponha, como ficou demonstrado no Choque-Reizinho do sábado (22).

O Verdãozinho saiu na frente logo aos quatro minutos, deu a sensação de que golearia o São Paulo, mas recuou miseravelmente, tomou duas bolas nas traves e merecia ter sido castigado com uma decisão na marca do pênalti.

O Santos há de ter percebido.

PRANCHETA DO PVC

Paulo Vinicius Coelho
pranchetadopvc@gmail.com

Palmeiras faz estreia no Estadual olhando o Mundial

O Palmeiras estreou em Novo Horizonte, para a maratona que pode ser de 83 partidas nos próximos nove meses e meio, média de uma partida a cada 2,9 dias. A Copa do Brasil fará a loucura do calendário brasileiro ficar um pouco pior.

Nessas circunstâncias, o Palmeiras estreou na temporada e repetiu, pela primeira vez, a formação tática da vitória sobre o Flamengo, na final da Libertadores.

Scarpa como ala esquerdo, Piquerez de terceiro zagueiro, defesa com linha de cinco zagueiros, construção no 3-4-3, Dudu, Raphael Veiga e Rony como atacantes.

A repetição do sistema vencedor contra o Flamengo pode ser, também, ensaio para enfrentar o Chelsea, que normalmente atua num sistema igual. Só que os azuis de Londres ganharam o clássico contra o Tottenham, no domingo (23), com linha defensiva de quatro homens, diferente do que é tradicional.

Em teoria, Thomas Tuchel mudou o desenho apenas para se acomodar ao sistema do Tottenham.

O Chelsea não está nem aí para o Palmeiras.

Até porque ainda não existe agenda para Palmeiras x Chelsea. O time de Abel Ferreira terá de vencer Monterrey ou Al Ahly se quiser jogar contra os campeões da Champions League. Mas é para o torneio da Fifa que o Palmeiras se prepara.

Usar a estratégia vencedora no Uruguai é, ao mesmo tempo, uma homenagem e um planejamento. Homenageia os campeões, planeja o próximo desafio. Em tese, o sistema tático da final da Libertadores pode ser ideal contra o Chelsea.

A atuação palmeirense em banho-maria era mais do que esperada, pelo calor em Novo Horizonte e pela primeira atuação depois de 45 dias. Importante ouvir as instruções. Antes da primeira parada técnica, Abel pediu para Dudu jogar mais aberto pela direita. Nessa nova função, o camisa 7 marcou.

Contra o Flamengo, Abel pediu e viu Dudu puxar Filipe Luís para o meio, abrir o corredor para Mayke no gol de Raphael Veiga.

No fim da primeira etapa, o Palmeiras fez 1 a 0 em chute de fora da área de Zé Rafael, com Rony fazendo o pivô.

À medida que a atuação contra o Novorizontino foi se tornando insossa, ficou claro que Abel Ferreira poderia mudar. Testou Atuesta, Wesley e Gabriel Veron.

Neste momento, esqueça ganhar ou perder no Estadual. O Palmeiras se prepara para o Mundial.

Se o rival da semifinal for o Al Ahly, o sistema se espelhará com o dos egípcios. Os mexicanos do Monterrey jogam no 4-1-4-1. Contra o Chelsea, o sistema atual está espelhado, desde que Tuchel repita o que tem realizado, não o que mostrou contra o Tottenham.

Quem conhece Abel Ferreira sabe que ele está montando a equipe para a temporada, mas com os olhos primeiramente no dia 8 de fevereiro. Tem algum palmeirense diferente?

As coisas funcionaram, mas os olhares estão nos jogos de fevereiro.

Diferentemente do ano passado, quando estreou no Mundial oito dias depois da Libertadores, o Palmeiras treina e se prepara para os compromissos contra Monterrey, ou Al Ahly, e, talvez, contra o Chelsea.

Jogando no 3-4-3: Scarpa como ala

Defendendo no 5-4-1: Rony centroavante

TÉCNICO VENCEDOR

Alex é vice-campeão brasileiro sub-20 e semifinalista da Copa São Paulo, pelo São Paulo. Já é um vencedor, sem títulos. Diz: "Eu acredito muito nos treinos". Era assim como jogador. Agora, pense. Os times do Brasil podem fazer 83 jogos em nove meses e meio.

SEM CANTILLO

Tudo bem, é estadual. Pelo calendário atual, não é uma tragédia. Mas a temporada do Brasil começa numa data Fifa. Cantillo seria titular do Corinthians e não jogará, convocado pela seleção colombiana. Só para lembrar: quando jogam seleções, time brasileiro não pode jogar.

Atletas celebram gol do Palmeiras diante de torcida limitada, mas aglomerada Divulgação/Palmeiras

Paulista começa, de novo, sob influência direta da Covid-19

Estaduais e esporte mundial convivem e duelam com novo coronavírus pela terceira temporada consecutiva

Klaus Richmond

SANTOS Primeiro torneio do calendário do futebol brasileiro em 2022, a Copa São Paulo de juniores teve início em 2 de janeiro e logo se chocou com a variante ômicron do coronavírus. As infecções se tornaram numerosas, o que levantou questionamentos sobre a possibilidade de maiores restrições.

Clubes como Palmeiras, São Paulo e Botafogo foram só os primeiros com casos confirmados de jovens atletas com Covid-19. O Comercial precisou afastar sete jogadores diante do Chapadinha-MA, e o Atlético Mineiro chegou a 12 baixas contra o Andirá-AC.

"Fizemos um protocolo sobre um céu de brigadeiro para a Copinha, mas fomos surpreendidos por esse crescimento acelerado", disse à Folha o médico da FPF (Federação Paulista de Futebol), Moisés Cohen.

O cenário levou a federação a adotar protocolos mais rígidos em sua principal competição, o Campeonato Paulista, iniciado neste domingo (23). Na partida de abertura, o Palmeiras derrotou o Novorizontino, em Novo Horizonte, por 2 a 0.

Zé Rafael e Dudu marcaram os gols da partida, que, como todas do certame até segunda ordem, teve público limitado a 70% da capacidade do estádio. Dois bons chutes de fora da área, entre o fim do primeiro tempo e o início do segundo, resolveram o jogo.

Pelo terceiro ano consecutivo, o principal estadual do Brasil é realizado sob tensão e incertezas ligadas à pandemia. Em 2020, foi paralisado por quatro meses e retomado sem público. Em 2021, foi integralmente realizado com arquibancadas vazias.

"Respeitamos e cumpriremos sempre todo o protocolo apresentado, mas esperamos que as coisas corram de maneira diferente neste ano. Os dois últimos anos foram muito prejudiciais aos clubes em termos financeiros", afirmou o presidente do Mirassol, Edson Ermenegildo.

"Ficamos sem categorias de base. Reativamos tudo agora, jogamos a Copinha. Teremos o sub-15 e o sub-17", acrescentou o dirigente, procurando manter o otimismo, mas sem deixar de exibir temor. "Esperamos não recuar."

Na semana do início do Paulista, um rígido protocolo foi definido pelo comitê médico da FPF. Entre jogadores, integrantes de comissões técnicas, delegados e árbitros, quem não estiver com o quadro vacinal completo terá e assinar um termo de risco.

Haverá também a exigência de testes do tipo PCR antígeno realizados com antecedência máxima de 24 horas em relação aos jogos. Só não precisarão ser submetidos aos exames aqueles que tiveram Covid-19 a partir de 1º de janeiro. O período de afastamento dos infectados será de dez dias a partir do teste positivo.

A FPF espera evitar a tensão nos bastidores registrada nos dois últimos anos. Em 2021, a entidade mostrou descontentamento e discordou publicamente de recomendações do governo estadual e do Ministério Público paulista. Nesse cenário, partidas foram levadas para fora de São Paulo, e o presidente Reinaldo Carneiro Bastos precisou se defender ao ser repetidamente chamado de negacionista.

"O futebol sabe a situação que vivemos. Não somos cegos, negacionistas [...] Se o futebol causar danos, seremos os primeiros a parar. Mas a ciência e a medicina indicam que o futebol tem feito sua parte, por isso não recebemos a decisão do governo com naturalidade", disse Carneiro Bastos, em março.

A situação melhorou ao longo de 2021, e o ano terminou sem limitação de público nos estádios. Mas a variante ômicron mudou o cenário e provocou novas restrições, vistas em eventos esportivos ao redor do mundo.

O episódio mais rumoroso se deu na Austrália, que cancelou o visto do tenista Novak Djokovic e o deportou. Dono de 20 títulos de Grand Slam, o atleta sérvio foi impedido de disputar o Australian Open por não estar vacinado contra a Covid-19.

"Fui dar um curso em Davos [na Suíça], com todas as doses em dia. Para entrar, porém, precisei ser testado. E a cada dois dias repetia novamente os testes. Temos que obedecer, são regras. A medida [veto a Djokovic] foi acertada. O exemplo foi ruim", opinou Moisés Cohen.

Na Alemanha, o campeonato nacional de futebol foi retomado com portões fechados em 7 de janeiro. Antes mesmo do anúncio do governo local, clubes como o Bayern e o Red Bull Leipzig se anteciparam e passaram a atuar sem público.

A federação do país fez um apelo para que os atletas ficassem com a vacinação em dia e tomassem a dose de reforço. Já na Inglaterra, 16 jogos da Premier League foram adiados em dezembro, inclusive os do "boxing day", tradicional rodada do dia 26.

"Muito provavelmente, será necessário inserirmos as bolhas novamente. A medida imediata precisa ser a de tirar o público do estádio, pois o grau de transmissão é muito alto e a previsão é para mais de 1 milhão de casos diários. Se atingirmos isso, chegaremos ao lockdown", afirmou à **Folha** o neurocientista Miguel Nicolelis.

Na NBA, entre dezembro e janeiro, mais de uma dezena de jogos foi afetada por surtos que deixaram equipes sem um mínimo de oito jogadores disponíveis para as partidas – os elencos geralmente contam com 15 atletas.

"As testagens e o rigor precisam aumentar também nos protocolos. A prioridade é não sobrecarregarmos o sistema hospitalar", clamou Nicolelis.

Todos os quatro grandes do estado se apresentaram com casos em seus elencos. O maior surto se deu no São Paulo, com 14 casos. Santos e Palmeiras registraram números semelhantes. O Corinthians sofreu menos sofreu baixas, com três casos.

Faca foi arremessada durante invasão de torcida na semifinal da Copinha, diz delegado

SÃO PAULO A apuração preliminar da Drade (Delegacia de Polícia de Repressão aos Delitos de Intolerância Esportiva) apontou que a faca encontrada no campo no jogo entre São Paulo e Palmeiras, no último sábado (22), na Arena Barueri, pela Copa São Paulo de juniores, foi arremessada da arquibancada.

Árbitro do jogo recolhe faca na Arena Barueri Reprodução/SporTV

O objeto foi achado no gramado após uma invasão de três torcedores tricolores, dois dos quais confrontaram jogadores alviverdes. Um dos homens conseguiu retornar à área da plateia, e os outros dois foram detidos por seguranças. Então, o árbitro Matheus Delgado Candançan pegou a arma e a entregou ao delegado da partida.

Lucas Freitas e Ian, do Palmeiras, prestaram depoimento na própria Arena Barueri, logo após o embate. Imagens da transmissão do duelo, realizadas pelo SporTV, e outras de celulares de torcedores foram avaliadas, e se chegou à conclusão de que a faca não estava com nenhum dos homens que invadiram a área de jogo.

"No instante da invasão, alguns objetos foram atirados dentro do campo. Com imagens da imprensa e da torcida, percebemos que, junto dos outros objetos, a faca foi atirada ao gramado", afirmou Cesar Saad, delegado da Drade, departamento da Polícia Civil de São Paulo.

"Inicialmente, pensamos que um dos torcedores teria invadido para tentar agredir algum jogador do Palmeiras com a faca. Mas a própria arbitragem me chamou e mostrou um vídeo que está circulando e mostra a faca sendo arremessada com os outros objetos." Só havia torcedores do São Paulo no estádio.

O juiz relatou os acontecimentos na súmula e divulgou o nome dos dois homens que foram detidos e levados ao Jecrim (Juizado Especial Criminal): Gabriel Bazarello Caires de Jesus, "que chegou a atingir com uma peitada e um empurrão" o zagueiro Lucas Freitas, e Fábio Cristiano da Silva.

Segundo o árbitro, a Polícia Militar, na figura do capitão Alexandre Rodrigues Abbara, deu garantias de segurança para a retomada da partida, que já estava nos acréscimos do segundo tempo. Houve mais dois minutos de futebol, e o Palmeiras confirmou a vitória por 1 a 0 que o levou à decisão da Copinha, contra o Santos, na terça-feira (25).

O São Paulo publicou uma nota afirmando que "repudia veementemente qualquer ato de violência e espera que os culpados sejam responsabilizados". Já a Federação Paulista disse que "cobrará das autoridades que os criminosos travestidos de torcedores sejam punidos com o maior rigor da lei e permaneçam afastados dos estádios".

HAJA VISTA | *Filipe Oliveira* folha.com/hajavista

Conheça caminhos e desafios para o aprendizado da leitura musical em braille

SÃO PAULO Entre os principais motivos que impedem a difusão das partituras musicais em braille está o fato de que musicistas, professores e estudantes de música não sabem que ela existe, apesar de terem sido criadas há mais de um século pelo próprio Louis Braille (1809-1852), o mesmo que desenvolveu o sistema de escrita a partir de pontos para serem sentidos pelo tato.

Mesmo com baixa visão, só fui ter notícia da existência da musicografia braille no final de meu curso de graduação em educação musical.

Não fiquei sabendo que cegos poderiam ler partitura por esse ter sido o tema de alguma aula. Não cheguei a ouvir nem sequer um breve comentário. Na verdade, descobri que havia a musicografia braille na reta final de um trabalho de iniciação científica, ao entrevistar uma cantora cega e sua professora. Ou seja, corri o risco de escrever um artigo sobre educação musical de cegos ignorando o fato de que quem não enxerga pode ler música.

Depois que a pessoa ouve falar da notação musical em braille e se interessa pelo tema, não é fácil saber qual o próximo passo. Não encontrei métodos que ensinem o passo a passo da musicografia braille. O que existem são manuais ou catálogos de símbolos e regras, sem vocação didática, nem sempre fáceis de serem localizados em formato acessível.

Também são raríssimos os professores particulares conhecedores do tema. Felizmente, no estado de São Paulo, surgiram nos últimos anos cursos introdutórios em escolas de referência, como a Emesp Tom Jobim (Escola de Música do Estado de São Paulo) e os conservatórios de Tatuí e Guarulhos.

O próprio funcionamento desse sistema de escrita musical traz seus desafios. O músico que lê suas partituras a partir do braille precisa adquirir rapidamente um conhecimento teórico que, com frequência, a pessoa que enxerga vai ver só na faculdade ou após anos de escola de música.

Acontece que, enquanto na partitura tradicional, as notas podem ser empilhadas umas sobre as outras, para indicar aquelas que soam ao mesmo tempo, a notação em braille é mais parecida com um texto, em que uma informação vem após a outra, sempre na horizontal. Enquanto a informação da partitura tradicional é gráfica, cheia de desenhos que sugerem como a música soa, no braille não existem pentagramas, claves são dispensáveis e, uma grande vantagem nossa, não precisamos nos preocupar com linhas suplementares, um suplício para a visão até para quem consegue ler bula de remédio confortavelmente.

Ou seja, enquanto quem lê uma partitura em tinta pode ver ao mesmo tempo que sobre uma nota Dó a uma nota Mi e outra nota Sol, quem está lendo pelo braille verá na mesma partitura algo como a nota Dó e um sinal que indica que ele deve tocar junto sua terça e sua quinta. O estudante cego precisa saber logo nas primeiras aulas o que são intervalos musicais, algo que o aluno iniciante que enxerga nem sempre presta atenção.

Na partitura comum, o espaçamento entre as notas ajuda a identificar intuitivamente quais as mais longas e curtas. No braille, uma semicolcheia, mais curta, ocupa o mesmo espaço de uma mínima ou uma semínima. Só muda a quantidade de pontos que o dedo do músico irá sentir a cada nota lida.

Uma habilidade sonhada por muitos músicos, a leitura à primeira vista, obviamente não é preocupação do músico cego. Na verdade, ele precisa decorar antes tudo o que vai tocar. Lê alguns compassos, memoriza, toca algumas vezes, volta para a partitura, confere se pegou todos os detalhes e vai para o próximo.

São apenas alguns exemplos de como se trata da mesma coisa, a leitura das mesmas notas, mas a partir de processos diferentes, o que pode dar a impressão de ser algo muito mais difícil do que de fato é e criar resistência entre cegos e seus professores.

Nem foram esses os maiores empecilhos no meu caso. A pergunta que eu me fazia há dez anos, quando eu descobri que a musicografia braille existia e fiz algumas aulas junto a um grupo que se reunia na Ordem dos Músicos do Brasil, no Centro de São Paulo, era a seguinte: depois que eu aprender tudo isso, onde vou conseguir partituras para justificar esse esforço? Pensava que elas não existiam. Frustrado, deixei a música de lado por um longo período, onisciente de que minha visão seguiria em declínio e sem perceber alternativas.

> [...]
> Mesmo com baixa visão, só fui ter notícia da existência da musicografia braille no final de meu curso de graduação em educação musical

Como contei neste texto, resolvi dar uma chance ao braille após ouvir uma entrevista da pianista e pesquisadora Fabiana Bonilha, cega e que colecionou desde a infância partituras feitas sob encomenda no Brasil, pela Fundação Dorina Nowill, onde trabalhou por décadas o professor Zoilo Lara de Toledo, e de instituições estrangeiras.

Alfabetizado por ela e entusiasmado, comecei a buscar meus próprios caminhos que me permitissem voltar ao estudo do piano. Aos poucos, descobri alguns caminhos.

Minha conclusão até o momento é que ser um músico ou professor de música profissional completo sem enxergar já é plenamente possível quando se tem acesso a todas as ferramentas disponíveis.

NADAL VENCE TIE-BREAK DE MEIA HORA
O espanhol Rafael Nadal durante partida contra o francês Adrian Mannarino, na Austrália; Nadal ganhou o jogo por 3 sets a 0 Loren Elliott/Reuters

MENSAGEIRO SIDERAL | *Salvador Nogueira* folha.com/mensageirosideral

Astrônomos encontram possível exolua em meio a dados do Kepler

Garimpando dados do telescópio espacial Kepler, um grupo de pesquisadores encontrou uma candidata a exolua, ou seja, um satélite natural orbitando um planeta fora do Sistema Solar. É apenas a segunda detecção do tipo até hoje, e os astrônomos chegaram bem perto de confirmar sua existência (99% de chance de ser real), mas ainda assim cautela é a palavra de ordem.

O trabalho foi liderado por David Kipping, da Universidade de Columbia, em Nova York, e se concentrou em uma amostra de 70 planetas gigantes gasosos descobertos pelo Kepler que estão em órbitas longas ao redor de sua estrela, com duração superior a um ano.

Um processo criterioso se seguiu, com a análise estatística dos trânsitos planetários observados (marcados pela redução temporária do brilho das estrelas-mães conforme o planeta passava à frente delas) em busca de sinais de uma exolua companheira.

O método básico foi contrastar a curva de luz observada pelo Kepler com a esperada caso houvesse um planeta e uma lua no mesmo trânsito. Só esse procedimento reduziu os 70 a 11 possíveis detecções. Novos testes estatísticos foram aplicados aos remanescentes, que deixaram apenas 3, então submetidos a análises específicas para cada um deles. E aí restou só um que os cientistas não conseguiram descartar de jeito nenhum: o planeta joviano Kepler-1708 b.

Ele teria diâmetro um pouco menor que o do nosso Júpiter (90%), e o melhor encaixe entre modelos e as curvas de luz observadas sugere que ele tenha uma exolua com diâmetro 2,6 vezes maior que o da Terra. Seria um satélite natural muito maior do que todos os que já vimos no nosso Sistema Solar, o que parece bem bizarro e desafia nossos modelos de formação de luas.

Em compensação, surge como boa companhia quando ao lado da única outra exolua candidata conhecida, encontrada em 2018 (pela equipe do mesmo David Kipping). Ela orbitaria o planeta gigante gasoso Kepler-1625 b, um pouco maior que Júpiter, e teria o tamanho de Netuno, ou seja, cerca de 4 vezes o da Terra.

Apesar de a taxa de falsos positivos para a análise realizada pelos pesquisadores ser de modesto 1%, eles lembram que foram analisados 70 alvos ao todo, o que torna o risco de erro de 1% nada negligenciável. Assim como a exolua de Kepler-1625 b, a de Kepler-1708 b deve seguir classificada como candidata até que dados mais conclusivos possam ser obtidos.

Ainda assim, o fato de que há dois casos similares indica que podemos mesmo estar diante de exoluas. Embora os modelos de formação tenham dificuldade de explicá-las, não custa lembrar que o mesmo aconteceu com a descoberta dos primeiros exoplanetas, mundos do porte de Júpiter em órbitas ultracurtas. No fim, eles eram reais. O mesmo pode suceder com essas exoluas grandonas, que trazem consigo outra intrigante possibilidade: a de que algumas delas, orbitando planetas na zona habitável de sua estrela, possam ser similares à Terra.

ACERVO FOLHA | Há 50 anos 24.jan.1972

Seleção húngara de futebol perde para Portuguesa e culpa gramado

"Só perdemos porque esse gramado molhado é de quinta categoria", dizia o técnico da seleção húngara, Rudolf Illovszky, nos vestiários do Canindé, em São Paulo, depois da derrota por 2 a 0 para a Portuguesa, neste domingo (23).

Os húngaros também reclamaram da arbitragem do jogo.

Os gols foram feitos por Marinho, aos 35 min do primeiro tempo, e por Valdomiro, aos 27 min do segundo. Para essa partida, a Portuguesa contou com o reforço de César, centroavante do Palmeiras, em uma homenagem do clube do Parque Antarctica ao do Canindé. Ele se esforçou muito e foi aplaudido de pé pela torcida quando deixou o campo.

FOLHA DE S. PAULO

A LISTA DO CESCEA

Após 72 h de chuvas, danos são pequenos

LEIA MAIS EM acervo.folha.com.br

Pintura 'Les Jeunes Filles', de Tamara de Lempicka Reprodução

ada

Filhinhos de papai

Símbolos como golas altas, saias plissadas e clubes de golfe marcam a estética de jovens do TikTok que querem parecer aristocráticos, em oposição aos novos ricos

Marina Lourenço

SÃO PAULO O dinheiro fala, mas a riqueza sussurra. É o que difere a ostentação da elegância e exemplifica o contraste entre o novo rico e velho rico. Ganhar na loteria pode até proporcionar privilégios de uma carteira cheia, mas nunca oferecerá a experiência de nascer num berço de ouro.

Essas são as regras da estética old money, que desde o ano passado é uma das queridinhas no TikTok. Ao acessar à rede, é possível que o algoritmo lhe faça ver imagens de mansões antigas, com arquitetura georgiana, country clubs, joias de ouro branco reluzente, vastos campos de vegetação florida e roupas de tons suaves e fibras naturais.

Old money, que em inglês significa dinheiro antigo, é uma referência a quem já nasceu com a conta bancária abastada a ponto de não se preocupar em ascender na vida. Passando de geração para geração, a moeda vai envelhecendo e, sem perder o valor, resulta em heranças bem acumuladas.

Apesar da estética ser sucesso no TikTok, ela não é exatamente nova —desde o século 19, é tática comum para diferenciar quem herda a grana daqueles que viraram ricos.

Agora, porém, há um aceno ao "preppy" —visual comum em colégios internos americanos e britânicos—, com vestes como gola alta, estampas de xadrez, coletes, saias plissadas, blazers e casacos trench. Ou seja, algo como os figurinos das séries "Gossip Girl" e "Elite" somados à estética de "Bridgerton" e "The Crown".

O que chama atenção é que grande parte das pessoas que viralizam com esses vídeos enaltecem uma realidade distante da própria vida delas.

"A geração Z vê o old money como um escapismo que revela um sonho de vida, dos prazeres, do dinheiro e, acima de tudo, de uma segurança financeira obtida sem esforços", diz Lara Almeida, autora do livro "Psicologia Fashion".

A psicóloga explica que esses jovens não herdeiros que são admiradores do old money usam o lado lúdico das redes para seus vídeos, o que até pode proporcionar a eles leveza e autoestima, mas é também capaz de reforçar inseguranças e frustrações.

Continua na pág. C2

OS SIGNOS DO OLD MONEY NO TIKTOK

- Country clubs
- Campos de golfe
- Arquitetura georgiana ou art déco
- Campos verdes e floridos
- Cores sóbrias
- Pérolas cintilantes e joias de ouro branco
- Saias plissadas
- Suéteres
- Estampas e padrões em xadrez
- Delicadeza
- Sofisticação
- Berço de ouro

MÔNICA BERGAMO

monica.bergamo@grupofolha.com.br

ALÍVIO IMEDIATO

A Justiça Federal do Rio de Janeiro determinou que a União e a Caixa Econômica Federal deixem de cobrar parcelas do programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV) referentes ao período inicial da pandemia, entre 20 de março e 31 de dezembro de 2020, e que não foram pagas.

TETO A decisão é válida para todo o país, mas alcança apenas os beneficiários da faixa 1 do programa de financiamento imobiliário (com renda familiar mensal de até R$ 1.800).

CENÁRIO A sentença foi uma resposta a uma ação civil pública apresentada pela Defensoria Pública da União (DPU), que pediu a suspensão da cobrança das parcelas atrasadas em razão da crise econômica gerada pela Covid-19.

IGUAL A DPU sustentou que, no período, outras modalidades de financiamento voltadas a rendas mais elevadas foram beneficiadas por medidas da Caixa —chegando a ter até quatro prestações pausadas.

PLANETA FOME A juíza federal Mariana Tomaz da Cunha chamou de "lamentável a omissão dos Poderes Legislativo e Executivo para com os mutuários" em meio ao "cenário de penúria econômica, em que até a segurança alimentar da população brasileira mais vulnerável ficou prejudicada".

SUAVE Pela decisão, as parcelas atrasadas devem ser diluídas ao longo do restante dos contratos, sem a cobrança de juros e mora, ressalvadas as situações em que o próprio beneficiário tenha optado pela manutenção do pagamento.

SOMATÓRIA Um estudo realizado com 1.800 pacientes da clínica do infectologista David Uip, em São Paulo, mostrou que a chance de morte por Covid-19 entre pessoas com mais de 70 anos aumenta em 14% para cada ano a mais de idade. A pesquisa foi feita a partir de casos registrados entre março de 2020 e agosto de 2021 e observou prontuários de 820 pacientes internados.

HISTÓRICO Os dados mostram ainda que 42% dos pacientes da clínica que foram hospitalizados apresentavam quadro anterior de hipertensão, 25% tinham doenças cardiovasculares, outros 25% tinham colesterol alto e 21% eram diabéticos.

PLATEIA O estudo foi apresentado por Uip no Congresso Brasileiro de Infectologia, em Goiás, no fim do ano passado.

NA MESA O ex-ministro da Saúde do governo Lula (PT) José Gomes Temporão, a epidemiologista Carla Domingues, ex-coordenadora do Programa Nacional de Imunizações, e o ex-presidente da Anvisa Gonzalo Vecina estão aconselhando 2.000 prefeituras para ações na área da saúde, sobretudo em relação à Covid.

FORÇA-TAREFA Eles integram um colegiado técnico do Consórcio Conectar, braço da Frente Nacional de Prefeitos criado em março de 2021. Enquanto os profissionais recomendam protocolos, os municípios fazem compras conjuntas, por meio do consórcio, em busca de preços menores. Máscaras do tipo PFF2, por exemplo, saem a R$ 0,82.

João Miguel Júnior/Divulgação

Fafá de Belém estará nas tardes de domingo da TV Globo, a partir do próximo dia 30, em sua estreia como técnica do programa de competição musical The Voice+. A cantora, que tem mais de 45 anos de carreira, confessa ter ficado ansiosa. "Foi maravilhoso o primeiro dia de gravação. Eu estava muito preocupada, mas a equipe é genial", diz ela, que tem contado com a ajuda de Carlinhos Brown e Ludmilla, também jurados da atração

ACERVO A TV Cultura está negociando a disponibilização do acervo da Brasil Jazz Sinfônica em plataformas digitais. Um contrato já foi fechado com a Vivo Play. O material inclui apresentações do grupo com nomes como Erasmo Carlos, Roberta Sá, Diogo Nogueira e João Donato.

EM REDE A CNN Brasil passou a integrar o Comprova, projeto de checagem de dados que atua para combater fake news. Com o acordo, o canal também poderá ser acionado para fazer investigações, e não somente solicitá-las à coalizão. O projeto é coordenado pela Abraji (Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo) e conta com a participação da Folha e de outros veículos de comunicação.

QUE CALOR O espetáculo "Não Contém Glúten", do dramaturgo Sérgio Roveri, vai estrear em Londres no próximo dia 30, com o título "In The Heat of that Night". A peça, uma comédia dramática que se passa no dia mais quente do ano, fica em cartaz no teatro The Space. É o segundo texto de Roveri a estrear em solo inglês.

REGRESSO O pintor, desenhista, ceramista e arquiteto Ricardo Woo retorna a São Paulo após oito anos para apresentar a exposição individual "Matéria Humana", na Nós Galeria. A mostra será inaugurada no dia 2 de fevereiro e contará com uma performance do artista, que vive nos EUA.

Joelmir Tavares (interino), com Lígia Mesquita, Bianka Vieira e Manoella Smith

Filhinhos de papai

Continuação da pág. C1

"O old money diz respeito a pertencer a um grupo pequeno, privilegiado e elitizado. É estar num pedestal. Mas tudo isso é um jogo de poder pesado e complexo", diz Almeida.

Ao criar códigos de vestuário, a moda distingue as classes sociais. O luxo que o old money exalta é atribuído à discrição, a cores sóbrias, tecidos limpos, modelagens casuais e alfaiataria. Do lado oposto, está o exagero, o chamativo, o brilhoso e o ultracolorido.

A principal oposição ao old money da era atual é o Y2K, que dominou os anos 2000 e voltou recentemente numa onda retrô, com suas cores-chiclete, jeans, acessórios infantis e brilho carregado do visual dopamina.

Ambos os movimentos são sucesso entre a geração Z, mas só um vem sendo criticado. Por fazer tantas referências ao dinheiro herdado, o old money está imerso em valores cultivados por elites, dinastias e aristocracias brancas de boa parte da Europa e dos Estados Unidos, o que faz dele um alvo de vários críticos.

Para muitos, a popularização dessa estética nada mais é do que uma romantização de racismo, desigualdade social e colonialismo.

No TikTok, uma jovem que usa o perfil @deadhollywood viralizou ao dizer que o old money é entediante por representar a ausência de negritude e de extravagância. Para ela, é "o auge da moda supremacista branca", que se debruça sobre "magreza e elegância".

Mas a distinção entre os herdeiros e os novos ricos é um assunto que há tempos gera debates. Exemplo disso é "O Grande Gatsby", clássico de F. Scott Fitzgerald, publicado em 1925.

Na história, o pomposo Jay Gatsby é conhecido por dar festanças em seu casarão, regadas a álcool e extravagâncias. Em contraste com ele, há a milionária família dos Buchanan, que leva uma vida mais discreta do que a sua e mora numa mansão de visual colonial georgiano, envolta por ar fresco, jardins floridos, vistosas vidreiras, lustres cintilantes e amplos cômodos.

"[Os personagens] Tom e Daisy Buchanan usam figurinos que prezam pela elegância clássica, com tons neutros e tecidos de qualidade, de cortes e modelagens impecáveis. A estética old money traz sofisticação e nobreza sem a necessidade de ostentar marcas", diz a designer Taynah Pontes, que analisou o figurino da obra de Fitzgerald num artigo acadêmico.

"O Gatsby, apesar de ter se tornado muito rico, não tem a origem rica e isso é refletido em suas roupas, que não carregam a mesma estética dos Buchanan e, inclusive, são criticadas por Tom."

Criticado ou enaltecido, o visual tem atraído grande interesse. Só no Brasil, no ano passado, as buscas por "old money" na rede social de imagens Pinterest aumentaram em 3.200% em relação ao ano anterior.

Professora e historiadora de moda, Maíra Zimmermann explica que a chegada do TikTok é crucial na recém-popularização do old money. Isso porque, segundo ela, a rede oferece uma fácil construção de narrativas virtuais fantasiosas.

"É como brincar de ser príncipe ou princesa", diz a historiadora. "É inegável que o old money tem problemas, de descontextualizações históricas e branquitude. Ao mesmo tempo, existe uma questão aspiracional, de escapismo e de identidade. São várias camadas a serem analisadas."

Crítica ao capital e arte conceitual estão por trás da febre do Wordle

Criador da versão lusófona do game de palavras diz que o português ainda é patinho feio nos jogos desse gênero

Eduardo Moura

BELO HORIZONTE O Wordle é um joguinho online de adivinhar palavras em inglês que tomou a anglofilia de assalto. Os lusófonos logo ganharam a sua própria versão, o Termo, que segue o mesmo esquema —uma palavra de cinco letras que deve ser adivinhada em até seis tentativas, uma partida por dia.

Depois de conversar com Josh Wardle, criador do Wordle, o jornal The New York Times cravou que aquele joguinho era fruto de uma história de amor —de Wardle por sua mulher, Palak Shah, que é alucinada por jogos envolvendo palavras.

Já a versão brasileira do Wordle é fruto do amor de um engenheiro por sua língua materna, ainda carente de games de vocabulário.

Continua na pág. C3

'Age of Empires' retorna aos PCs após 16 anos, sem tentar reinventar a roda

GAMES
Age of Empires 4
★★★☆☆
Produção: Relic Entertainment e World's Edge. Para PC. R$ 199,99 (incluído no Xbox Game Pass). 12 anos

Tiago Ribas

"Age of Empires 4" chegou aos PCs tentando recuperar a saudosa franquia da Microsoft após 16 anos de expansões, relançamentos e jogos para aparelhos móveis de pouco sucesso. Para isso, em vez de revolucionar a série, a sequência busca na trilogia original as bases para atrair fãs nostálgicos e conquistar uma nova geração.

Seguindo a tradição dos títulos anteriores, "Age of Empires 4", produzido pela Relic Entertainment e pela World's Edge —estúdio criado pela Microsoft para supervisionar os games da franquia—, é um jogo de estratégia em tempo real em que o jogador assume o controle de uma civilização com características históricas baseadas na realidade e disputa o controle dos recursos em um mapa predeterminado contra outros jogadores.

O novo título volta a ter como pano de fundo o período da Idade Média, também representado em "Age of Empires 2", quebrando o padrão dos primeiros três games.

Continua na pág. C3

Continuação da pág. C2

Mas se Josh ama Palak, que ama joguinhos de palavra, que são amados pelos americanos, que amaram o Wordle, que conquistou falantes de outras línguas, que amaram suas traduções, a relação dos brasileiros com esse tipo de game não é tão próxima, na opinião do pai do Termo, Fernando Serboncini, e de Thiago Falcão, referência na pesquisa de jogos no Brasil.

Ainda que aqui seja popular o jogo da forca, é difícil se comparar com os americanos e seus concursos de soletração .

"Esses joguinhos de palavras são muito tradicionais no campo dos videogames", diz Thiago Falcão, que acrescenta que esse tipo de puzzle "sempre foi um déficit, sempre foi uma coisa que não apareceu."

Serboncini desenvolveu o Termo inspirado por Wardle e publicou o game há pouco mais de duas semanas. Ele diz que enviou o jogo para apenas dois amigos e que "uma hora depois, tinha 10 mil pessoas jogando", conta. Hoje, são cerca de 175 mil jogadores diários.

"A grande maioria dos jogos de palavras desenvolvidos por desenvolvedores independentes nunca é lançada em português, pois esses jogos precisam de um dicionário —na verdade, uma lista de palavras, um léxico— e infelizmente não existe um dicionário de qualidade disponível e aberto em português", diz Serboncini.

"Achei que essa poderia ser a oportunidade de resolver o problema de ter um dicionário. Daí, construí um dicionário de português e desenvolvi o jogo", diz o engenheiro.

A ideia é que o tal dicionário que Serboncini construiu para Termo seja disponibilizado para que outras pessoas possam fazer outros jogos de palavras em português.

"Para qualquer jogo de palavra —tipo Scrabble, Termo, ou mesmo um caça-palavras— você precisa de uma base de dados com as palavras na língua. No caso do português, não existe essa base de dados disponível gratuitamente", explica. "Você pode comprar, por exemplo, do Houaiss, ou de outros dicionários, mas custa às vezes mais de R$ 10.000, e tem várias restrições legais."

Serboncini não esconde sua admiração por Josh Wardle. "Ele é um cara genial", diz.

A genialidade de Wardle não vem só do joguinho de palavras. Ele também é autor de alguns célebres experimentos sociais no Reddit, como "Place" e "The Button".

No primeiro, de 2017, uma tela virtual, um quadrado composto por 1 milhão de pixels, foi posta à disposição dos usuários do Reddit, que puderam preencher um pixel com uma cor de sua escolha, entre as 16 da paleta —mas cada usuário só poderia colorir um pixel a cada cinco minutos, no máximo.

O resultado foi uma colcha de retalhos digital, repleta de referências à cultura pop. "Place" durou 72 horas e foi chamado de "o melhor experimento já feito na internet".

Já "The Button" é de 2015 e consistiu num timer de 60 segundos em contagem regressiva. Toda vez que um usuário apertava o botão, a contagem voltava para 60. O objetivo tácito era conseguir apertar esse botão na menor contagem possível, sem que nenhum dos outros milhares de usuários simultâneos entrasse na sua frente e estragasse sua festa —segundo o site Vox, o contador nunca chegou a um número menor que 27 segundos.

Os usuários que apertavam o botão então ganhavam uma espécie de selo em seus nomes de usuário, variando de cor dependendo da contagem de segundos que conseguiam alcançar, sendo os amarelos aqueles que tinham as contagem menores e os que davam mais "status" ao usuário —algo mais ou menos semelhante à lógica de perfis verificados nas redes sociais. "The Button" brincava com vaidade e competição, sem que houvesse ali um objetivo claro.

À NBC, Wardle disse que preferia entender aquilo como um projeto de arte ou experimento social: "Eu não tinha nenhum objetivo ou expectativa. Só queria publicar aquilo e deixar a comunidade do Reddit decidir o que fazer".

Wardle hoje trabalha no coletivo de arte digital MSCHF, que tem em seu portfólio os tênis satânicos de Lil Nas X, além de campanhas de TikTok recheadas de críticas ao capitalismo —o Clube de Propagandas Antipropaganda, sob o slogan "seja pago para matar marcas", pagava usuários para achincalhar empresas, da Amazon à Tesla, inclusive o TikTok.

Embora supostamente despretensioso, o Wordle, filho de pai artista, acaba tendo em seu DNA um quê de experimento social. Uma das principais características do jogo é o fato de o usuário só poder jogar uma partida por dia.

Numa época de games de celular viciantes, sedentos por monetização e microtransações e que cospem propaganda na cara do usuário o tempo todo, um joguinho que proíbe que o jogador gaste mais do que cinco minutos por dia com ele é sem dúvidas um outlier em pleno 2022.

"Faz sentido pensar [o Wordle] como coisa meio happening anticapitalista, por um lado. Por outro, tem um componente diário, de você ter de voltar lá diariamente, de completude, de se adequar aos padrões", diz Thiago Falcão, que também é professor da Universidade Federal da Paraíba.

Além do jogo em si, é comum que os usuários publiquem nas redes sociais um mosaico mostrando a sua jornada para acertar a palavra do dia. Aí, o lado de experimento fica mais aparente.

"Tem uma dimensão social de fazer parte de um grande grupo, mostrar que você está jogando aquilo. Não é só jogar, você tem que postar no seu Twitter", diz o professor.

"Eles [Wordle e Termo] são quase brinquedos para fortalecer sua imagem na rede social, de gerenciamento de impressão mesmo, porque mostra que você tem um domínio da língua, parece uma coisa intelectual", completa.

"Esse fenômeno me parece o mesmo dos jogos de redes sociais das antigas. Todo mundo compartilhando seus convites e seus scores até que chegou a um ponto em que ninguém mais aguentava aquilo —e provavelmente isso vai acontecer com o Wordle e com o Termo", opina Falcão.

"Tudo passa, né?", diz o criador do Termo. "O joguinho está famoso agora, continua crescendo, mas eventualmente as pessoas vão cansar. E tudo bem", prevê o brasileiro.

Para ele, o que importa, para além do sucesso momentâneo, é que seu trabalho pode contribuir para que a lusofonia deixe de ser o patinho feio dos jogos de palavras. "Se a gente consegue deixar as coisas um pouco melhores do que antes, já valeu a pena."

'Place', obra idelizada pelo artista Josh Wardle, criador do Wordle, e feita de forma colaborativa no Reddit Reprodução/Reddit

Cena do game 'Age of Empires 4', que tenta reavivar a franquia de jogos Divulgação

Continuação da pág. C2

Isso porque aqueles jogos, produzidos pelo finado Ensemble Studios, se inspiravam em um período histórico diferente —"Age of Empires" ia da Idade da Pedra à Idade do Ferro e "Age of Empires 3" do início da Idade Moderna até meados do século 19.

Essa semelhança com "Age of Empires 2" também é vista em boa parte do gameplay e nas características das civilizações presentes no título, com pequenas, e gratas, novidades. A principal delas é a capacidade de esconder exércitos da vista dos inimigos em áreas de floresta, possibilitando a realização de emboscadas. Se bem empregada, a estratégia altera a maneira como as batalhas se desenvolvem.

Entre as oito civilizações presentes no jogo, destacam-se a mongol e a rus —representando o povo que daria origem à Rússia. Não por serem mais fortes que as demais, mas por introduzirem mecanismos que dão ares mais modernos ao jogo na comparação com outras civilizações.

Aldeões russos, por exemplo, ganham bônus quando caçam animais selvagens para obter comida. Já os mongóis recebem recursos extras ao destruir construções inimigas e, inspirados em suas raízes nômades, podem desmontar e mover algumas de suas principais construções, ganhando uma mobilidade sem igual.

As duas campanhas protagonizadas por essas civilizações são bem mais interessantes do que as outras duas disponíveis no jogo, nas quais o jogador assume o controle dos ingleses do período da conquista normanda (1066) até o fim do Império Angevino (1217) e dos franceses durante a Guerra dos Cem Anos (1337-1453) —essas funcionam quase como uma continuação do tutorial.

O modo campanha é um dos pontos fortes. Os objetivos são diversos e incentivam o jogador a explorar diferentes mecânicas do jogo. Além disso, cada novo capítulo completado libera um minidocumentário sobre a vida na Idade Média, explicando, por exemplo, como era a fabricação de armas medievais ou os desafios de se construir um castelo com a tecnologia da época. Prato cheio para quem gosta de história ou quer aprender.

Após tanto tempo sem um novo grande lançamento da franquia para saciar o apetite dos fãs, é compreensível que os responsáveis por "Age of Empires 4" tenham se preocupado em continuar fiéis às origens da série. As boas novidades introduzidas pela Relic, porém, deixam a impressão de que um pouco mais de ousadia poderia elevar o game de patamar e realmente revitalizar a série.

Protagonistas dúbios podem estar por trás da queda de audiência das novelas

Heróis dos folhetins dão maus exemplos nas telas e podem explicar recordes negativos na Globo

ANÁLISE

Tony Goes

Não é de hoje que a Globo vê sua audiência cair. Ao longo dos últimos 20 anos, os números no Ibope da teledramaturgia da emissora foram reduzidos à metade do que eram. Em 2012, "Avenida Brasil", o último grande fenômeno na faixa das 21h, chegava tranquilamente aos 40 pontos. Hoje, "Um Lugar ao Sol", atual ocupante do horário, alcança por volta de 22 pontos e olhe lá.

A trama de Lícia Manzo não é a única a apresentar um desempenho insatisfatório. "Quanto Mais Vida, Melhor!", às 19h, luta diariamente para superar a marca dos 20 pontos. Na faixa das 18h, "Nos Tempos do Imperador", gira em torno dos 16, 17 pontos. São números inéditos para um canal que se acostumou a patamares muito mais altos.

Não faltam explicações para essa queda. Muitos espectadores deixaram de ver a Globo, mas não migraram para as outras emissoras abertas, cujos índices também vêm caindo. O público brasileiro migrou primeiro para os canais pagos, e agora se divide entre as inúmeras plataformas de streaming.

Também há o desgaste do gênero novela. Produto dominante da nossa televisão há mais de 60 anos, elas se tornaram repetitivas e previsíveis, com seus inevitáveis finais felizes. As novas gerações preferem as séries.

Sabendo disso, a própria Globo já deu carta branca a alguns autores para que eles desenvolvam histórias fora do padrão habitual, sem se preocupar em conquistar de imediato a audiência. É uma iniciativa mais do que bem-vinda.

Mas também pode ser bastante arriscada. Há sinais de que o público que se mantém fiel às novelas ainda prefere tramas convencionais, com personagens sem muitas contradições. Os bons têm que ser ótimos e os maus, péssimos; estes serão exemplarmente punidos, enquanto a felicidade absoluta aguarda pelos primeiros.

Acontece que nenhum dos protagonistas masculinos das três novelas em cartaz atende a esses quesitos. São figuras dúbias, às vezes com graves defeitos de caráter. Fica difícil para o espectador tradicional torcer por eles.

Em "Um Lugar ao Sol", Christian é um mentiroso contumaz. Vivido com brilhantismo por Cauã Reymond, o rapaz assume a identidade de seu irmão gêmeo depois que este morre. Também fica com a mulher do morto, Bárbara, papel de Alinne Moraes. Mas não quer perder a namorada que deixou para trás, Lara, feita por Andréia Horta. Passando-se por Renato, o irmão que morreu, Christian se reaproxima de Lara, que fica confusa —ela está casada com outro.

Tanto o jogador Neném quanto o cirurgião Guilherme, de "Quanto Mais Vida, Melhor!", têm vidas pessoais complicadas. Interpretados, respectivamente, por Vladimir Brichta e Mateus Solano, ambos misturam amores do passado com novos relacionamentos, sem se decidir por ninguém.

O mais interessante de todos talvez seja o dom Pedro 2º de Selton Mello, em "Nos Tempos do Imperador". Nosso segundo monarca é retratado como um governante sábio e bondoso, mas sem muito poder real.

Isso acaba se traduzindo como passividade diante de problemas terríveis, como a escravidão ou a Guerra do Paraguai. Sem poder fazer muita coisa, Pedro chora em seu gabinete, rodeado por livros e antiguidades. Uma figura muito distante da imagem viril e heroica com que seu pai, Dom Pedro 1º, entrou para a história.

Para piorar, Pedro 2º ama duas mulheres ao mesmo tempo. Sua grande paixão é a condessa de Barral, vivida por Mariana Ximenes. Mas ele também nutre um carinho visível, além de um enorme respeito, pela imperatriz Teresa Cristina, papel de Letícia Sabatella. É um complexo relacionamento triangular, comum na vida real, porém raríssimo nas novelas.

Tanto "Um Lugar ao Sol" como "Nos Tempos do Imperador" são produções acima da média de suas antecessoras. Ambas ostentam diálogos burilados, situações inusitadas e ritmo ágil. Já "Quanto Mais Vida, Melhor!", é apenas correta, sem maiores novidades.

Obviamente, tantas qualidades não estão se revertendo em audiência. Por isso, não é de se espantar que a próxima grande aposta da Globo para reerguer seus números seja "Pantanal", remake de uma novela exibida pela primeira vez há mais de 30 anos.

O público mais velho parece estar garantido, mas será que a emissora conseguirá reconquistar os jovens?

Cauã Reymond caracterizado como os dois personagens que interpreta na novela 'Um Lugar ao Sol' Fábio Rocha/Divulgação

Bastidores de Faustão na Band têm gafe, pizza e bronca no filho

Leonardo Volpato

SÃO PAULO A famosa frase "quem sabe faz ao vivo", dita por mais de 30 anos por Fausto Silva, ainda faz algum sentido no retorno dele à Band.

Apesar de o novo programa na emissora ser gravado, as filmagens ocorrem como se fossem ao vivo, sem interrupções e acolhendo as gafes do apresentador. Esse é só um dos detalhes dos bastidores do Faustão na Band que este repórter acompanhou durante uma tarde e uma noite no estúdio do programa, localizado no bairro do Morumbi.

Ao chegar à emissora para acompanhar as gravações da Pizza do Faustão, que deverá ir ao ar nesta segunda-feira, foi possível notar que, pelo menos nesse dia, os protocolos sanitários foram seguidos à risca. Todos os jornalistas tiveram de passar por testes de Covid. O mesmo ocorreu com as bailarinas e com quem trabalha no palco.

Antes de a atração começar, uma pessoa da produção tem como função aquecer a plateia para deixá-la na vibração ideal para o início do programa. E no momento do "valendo", quem começa a interagir com o público são as bailarinas em uma série de coreografias bem ensaiadas antes da entrada de Fausto Silva no palco principal.

A gravação nesse dia começou por volta de 17h35. Faustão já havia gravado, pela manhã, a estreia que foi ao ar naquele mesmo dia 17.

A atração começa com as Cassetadas, nome adaptado das Videocassetadas que ele apresentava na Globo até o começo de 2021. Porém, como ainda é difícil dissociar uma coisa da outra, até o apresentador acabou chamando o quadro pelo antigo nome uma vez. A musiquinha ("sorria, tire a tristeza dessa cara...") segue sendo a mesma já conhecida dos telespectadores.

Depois, Faustão deu um puxão de orelha no filho, João Guilherme, que divide com ele a apresentação do Faustão na Band. Após o jovem de 17 anos sem querer passar em frente à câmera numa transição de posicionamento, o pai deu uma dura no menino que levou na esportiva —ele está aprendendo ainda a lidar com a TV e diz não achar ruim receber toques do pai no ar.

Pouco antes de chamar o primeiro comercial, Faustão disse por duas vezes que a atração voltaria após os "reclames do plim plim", algo que era acostumado a falar em referência ao sinal das chamadas televisivas da Globo.

Ele pareceu perceber a gafe e na sequência repetiu que a atração retornaria após "os reclames da Band", o que fez com que a plateia, bastante animada e participativa durante todo o tempo, fosse ao delírio.

O programa que este repórter acompanhou teve como maior atração a primeira reedição da Pizza do Faustão, quadro em que os participantes comem pizza enquanto conversam com o apresentador, com a presença do casal Klebber Toledo e Camila Queiroz, ambos ex-Globo.

Durante o papo, eles falaram sobre seus trabalhos na antiga emissora, do dia em que se conheceram, dos novos projetos na Netflix —Camila filmou "De Volta aos 15" ao lado de Maisa Silva, e o marido fez "Maldivas", ambas com estreias marcadas para este ano— e, claro, do relacionamento, que já dura mais de cinco anos. Eles se casaram em 2018.

Enquanto o casal conversava com Faustão, Anne Lottermann e João Guilherme, ia recebendo as fatias de massa fina feitas pelo pizzaiolo que acompanha o apresentador há anos. Havia mais de 30 ingredientes disponíveis para ele rechear a massa. O casal comeu não mais do que quatro ou cinco pedaços cada um enquanto respondia dúvidas da plateia e de telespectadores pelo telão.

Em determinado momento da gravação, Faustão deu uma bronca na produção, que não estava entregando pizza para os integrantes do Roupa Nova. O grupo cantava seus hits no palco com direito a ajuda do "maior coral do Brasil", como dizia Silva a cada nova música entoada pela galera.

Depois da bronca, até vinho tinto um dos músicos pediu e recebeu. "Das próximas vezes temos de melhorar isso, pois se for nessa rapidez o Roupa Nova vai se alimentar com Roupa Velha", disse Faustão naquele tom conhecido entre a piada e o puxão de orelha.

A gravação ainda contou com o novo vocalista da banda, Fábio Nestares, no meio da galera para dançar com Mary Jo Jackson, que imita Michael Jackson nas coreografias e há anos é figura carimbada na plateia de Faustão. Também houve tempo de fazer uma homenagem a Paulinho, antigo integrante do Roupa Nova que morreu após complicações da Covid em 2020.

As filmagens terminaram às 19h45, 2h10 após seu início, como se fosse ao vivo. No fim, Faustão prometeu que todos da plateia poderiam comer as pizzas que eram preparadas por dois profissionais do lado direito do palco. Ele também agradeceu "pela audiência e pela paciência", outro bordão que levou para o novo programa e se despediu de todos.

Dias depois da gravação, Faustão foi diagnosticado com Covid, assim como Anne Lottermann. De acordo com a Band, eles permanecem sem sintomas e os programas já filmados garantirão material inéditos na grade de programação pelo menos até o dia 26.

Ao final das gravações, quem apareceu para bater um papo com a imprensa no salão nobre da emissora foi João Guilherme, cujo resultado do teste de Covid não foi revelado nem por ele nem pela Band. No papo, pouco tempo antes da estreia do primeiro programa, ele contou que vem sendo treinado pelo pai há pelo menos três anos e que não caiu de paraquedas na TV.

"Não foi de um dia para o outro que fui para o ar. Ele plantava essa semente. Claro que não sabia que a estreia seria ao lado dele, mas agora é um momento especial", afirmou.

Recentemente, João Guilherme completou o ensino médio na Suíça e retornou ao Brasil disposto a pôr o sonho de trabalhar com comunicação em prática. Agora, ele também almeja entrar na faculdade de rádio e TV para aprimorar o que já sabe.

"Minha única preocupação é enfrentar comparação. Tem gente que vai apoiar e outros vão olhar de jeito ruim. Estou aqui para aprender com o tempo. Mas fiz a decisão certa. Todos têm direito de falar o que quiserem, não vou ficar bravo, mas estou me esforçando e vou dar resultado", disse.

Ricardo Cammarota

O antimarketing

Raramente pessoas incomuns que valem a pena na vida parecem tão incomuns

Luiz Felipe Pondé

Escritor e ensaísta, autor de 'Notas sobre a Esperança e o Desespero' e 'Política no Cotidiano'. É doutor em filosofia pela USP

Nem tudo muda na velocidade dos comerciais de banking. Ofereço aqui algumas ideias que podem parecer, à primeira vista, estranhas. São verdades ancestrais —logo, o antimarketing— e que as pessoas sabem que funcionam como modo de conduta. São verdades banais, cotidianas.

Não se deve meter a colher na briga de marido e mulher. Disclaimer: refiro-me aqui a brigas que não são violência doméstica, antes que algum inteligentinho de plantão venha encher o meu saco.

Não se meta em briga de casal porque a relação entre duas pessoas tem inúmeras camadas superpostas que não autorizam uma interpretação simplista do tipo que melhores amigas costumam dar. E mais, é muito provável que o casal se resolva, e você fique com cara de idiota intrometida, e, quem sabe, sua amiga, que você achou que estava ajudando, comece a suspeitar que você está mesmo é interessada no homem dela.

Cão que ladra não morde. Batata!, como diria Nelson Rodrigues. Quem muito fala nada faz, quem é silencioso é mesmo o perigoso. Para o bem e para o mal. Como se dizia no tempo em que homens se interessavam por mulheres —antes que muitas delas se tornassem um tanto tóxicas—, quem come quieto come duas vezes. Na era do marketing, todo mundo é cão que ladra, mas não morde.

Quem com porcos se mistura farelo come. Frase típica de pais quando ter filhos valia a pena. A frase sempre era recebida pelos filhos como uma forma de preconceito. Claro, nem sempre os pais acertavam, mas, suspeito, inúmeras vezes acertavam, até hoje. Seu amigo come de boca aberta, anda sujo, não dá bom dia, parece não ter em casa e não consegue dizer no que o pai trabalha? Batata! Rolo à vista.

Aliás, quando alguém não consegue dizer no que trabalha numa frase curta e com verbos e substantivos claros, e, ao contrário, usa muitos adjetivos e advérbios, você está diante de dois casos prováveis. O primeiro é que a pessoa quebrou, já passou da idade de começar de novo —e hoje essa idade é cada vez mais jovem— e ela está te enrolando por vergonha ou porque quer achar um otário— ou otária— para investir nela.

A outra possibilidade é pior ainda. O cara é um bandido, picareta, corrupto. Fuja. Não existe nenhuma forma de atividade humana tão interessante ou peculiar que não caiba numa frase curta com, no máximo, um verbo e dois substantivos.

O pior é sempre o mais simpático. Ou numa forma diferente: o picareta é sempre o mais simpático, divertido, falante e, aparentemente, tem a capacidade de dominar o salão. Uma das verdades mais antigas em termos de caráter é que a virtude é tímida e discreta, nunca se anuncia ao entrar no ambiente. Raramente pessoas incomuns que valem a pena na vida parecem tão incomuns.

Deus ajuda a quem cedo madruga. Outra verdade dura de engolir. Acordar cedo, ter disciplina, força de vontade, foco, saber que na vida a felicidade é uma raridade, é para os melhores. Temperamento é destino. Diga o que quiser, a fisiologia pode decidir o futuro da sua vida em grande medida.

Se você tem um vizinho que nunca tem os mesmos carros na garagem, caras as mais diferentes saem da casa dele o tempo todo e se, a princípio, ele se mostra excessivamente simpático, cuidado. Se você prestar atenção, provavelmente, descobrirá que sua área de atividade é um tanto ilegítima.

Os filhos da minha filha meus netos são —os do meu filho serão ou não. A relação que se tem com os netos depende fundamentalmente da mãe deles. Nunca brigue com a sua nora ou ex-nora porque a chance de você ser uma mera visita na vida dos seus netos será enorme. Quem negar esse fato é um mentiroso.

Todo mundo tem seu preço. E quem diz que não tem, é o mais barato de todos. A vida é dura, injusta, imprevisível, brutal, cruel, grande parte de todos os adjetivos opostos aos que acabei de citar se compra com dinheiro. A desgraça nos põe todos à venda em algum momento.

Enfim, como dizem os franceses, procure a mulher e você encontrará onde o rolo começou. Dinheiro, poder e sexo movem o mundo desde sempre. Não são as virtudes que movem o mundo, mas os vícios.

|SEG. Luiz Felipe Pondé |**TER. João Pereira Coutinho** |QUA. Marcelo Coelho |QUI. Drauzio Varella, Fernanda Torres |SEX. Djamila Ribeiro |SÁB. Mario Sergio Conti

A peruca do Doutor Vizeu

Debaixo dos caracóis sintéticos dos seus cabelos, uma busca por felicidade

Bia Braune

Jornalista e roteirista, é autora do livro 'Almanaque da TV'. Escreve para a TV Globo

Na minha imaginação de criança, era uma cena digna de filme com cientista maluco. As vizinhas fofoqueiras chegavam a esbugalhar os olhos, para contar com mais emoção e riqueza de detalhes. Só que ao invés do monstro do Dr. Frankenstein ("It's alive!"), a criatura era o Doutor Vizeu ("Tá cabeludo!").

"Eu vi, sim, com meus próprios olhos. Num dia em que estava calor e ele tirou... Parecem uns colchetes, sabe? Só que costurados na pele, bem no cocuruto! Ai, que nervoso. É ali que se encaixa a peruca."

O médico era a figura mais discreta da rua. Educado o suficiente para os padrões de convívio, mas misterioso o bastante para atiçar a falação alheia. Ninguém sabia exatamente o que lhe passava pela cabeça, mas bastava uma festa com bebida liberada para alguém gritar "Peruuucaaa!", puxando de novo o fio dessa história.

Anos 1980, sabe como é. Muitas revistas vinham com um encarte que mostrava um sujeito perfeitamente felpudo ao lado de um leão. "Use a cabeça para estancar a queda dos seus cabelos! Basta enviar uma mecha dentro de um envelope e um cheque no valor de Cr$ 15 mil."

Atualmente, o sonho da cabeleira 2.0 anda bem mais acessível e menos estigmatizado. Vários amigos e parentes estão se investindo de coragem e parcelando procedimentos. Comediantes calvos e cáusticos vêm jogando fora suas piadas autodepreciativas em favor de publis sorridentes de xampu. Tem até apresentador que viaja escondido à Turquia, a meca da pujança capilar a preços módicos. Tudo para acordar careca e ir dormir com a juba do Elvis Presley em Las Vegas.

Implantes, transplantes, apliques, não importa. Apoio sem distinções todos os neocabeludos. Afinal, se eu mesma já usei madeixas de todas as cores e tamanhos, por que não eles? A única questão é que, agora, uma nova regra de etiqueta se impõe. Como reagir sem magoar ninguém?

Se finjo que não reparei para ser casual, o impacto tão esperado da novidade se perde. Se faço estardalhaço e dou parabéns, podem achar que não ficou realista o bastante. Então, pra simplificar, digo apenas: "Nossa, você tá tão bem!". O que não deixa de ser sincero, pois botar cabelo é sempre um investimento na própria felicidade.

Pena que o Doutor Vizeu não pensasse assim. Um dia, talvez por causa da pressão popular, reapareceu definitivamente careca. Um silêncio culpado se instaurou entre as vizinhas.

Marcelo Martinez

| DOM. Ricardo Araújo Pereira | SEG. Bia Braune | **TER. Manuela Cantuária** | QUA. Gregorio Duvivier | QUI. Flávia Boggio | SEX. Renato Terra | SÁB. José Simão

É HOJE EM CASA

Tony Goes

tonygoes@uol.com.br

Nicolas Cage vai em busca de sua porca raptada em filme elogiado

Pig – A Vingança

Telecine Play, 14 anos

Segundo alguns críticos, Nicolas Cage dá a melhor performance de sua carreira neste filme inusitado. O ator faz um homem que vive nas florestas do estado americano do Oregon, e sua única companhia é uma porca, que o ajuda a colher trufas. Quando o animal é roubado, ele precisa voltar à civilização para encontrar os responsáveis pelo rapto.

Inimiga Perfeita

Netflix, 16 anos

Nesta produção espanhola falada em inglês, um arquiteto conhece uma jovem no aeroporto de Paris. À medida que ela vai contando sua vida, ele percebe que as coisas estão tomando um rumo perigoso.

Ode ao Choro

Sesc Digital, livre, grátis

A cineasta Cecília Engels perdeu sua melhor amiga na tragédia de Brumadinho, três anos atrás. Neste documentário, disponível na plataforma até o dia 26, ela conta sua luta para superar o trauma.

Trava Bruta

YouTube do CCSP, 20h, 18 anos

A atriz Leonarda Glück escreve e interpreta este monólogo sobre sua experiência como artista transexual. Direção de Gustavo Bittencourt. Os ingressos são gratuitos, mas é preciso reservar pelo Sympla. Até 30/1.

Roda Viva

Cultura, 22h, livre

O piloto de Fórmula E Lucas Di Grassi é o entrevistado da semana. Além de se dedicar ao automobilismo, ele também é embaixador da ONU para a qualidade do ar.

Sacco e Vanzetti

Arte1, 23h15, 14 anos

Lançado em 1971, o clássico de Giuliano Montaldo conta a história de dois imigrantes italianos anarquistas condenados à morte nos Estados Unidos pelo assassinato de um policial. Ambos eram inocentes, e o caso repercute até hoje.

O Falcão Manteiga de Amendoim

Globo, 23h30, 14 anos

Um rapaz com síndrome de Down foge da instituição em que vive para se matricular em uma escola de luta livre. No caminho, ele fica amigo de um fora da lei. Comédia dramática com Shia LaBeouf e Dakota Johnson.

QUADRINHOS

Piratas do Tietê *Laerte*

Daiquiri *Caco Galhardo*

Níquel Náusea *Fernando Gonsales*

A Vida Como Ela Yeah *Adão Iturrusgarai*

Não Há Nada Acontecendo *André Dahmer*

Viver Dói *Fabiane Langona*

Péssimas Influências *Estela May*

SUDOKU

texto.art.br/fsp

FÁCIL

		4		5				
3	2		9			8	7	
9	1							3
	5		4		1			7
8			5		2			9
1			8		3		4	
2							1	5
	7	1			9		3	8
				3		7		

O Sudoku é um tipo de desafio lógico com origem europeia e aprimorado pelos EUA e pelo Japão. As regras são simples: o jogador deve preencher o quadrado maior, que está dividido em nove grids, com nove lacunas cada um, de forma que todos os espaços em branco contenham números de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grid

SOLUÇÃO

CRUZADAS

HORIZONTAIS

1. Ter o comando absoluto **2.** (Pop.) Voz do gato / (Em) Diz-se da clara de ovo batida até adquirir a consistência leve e espumosa **3.** Popular / Que existe no presente **4.** (-final) Trabalho gráfico pronto para ser reproduzido / Greta Thunberg, ativista sueca **5.** (Ingl.) Rio / Efetuar um movimento corporal **6.** Pontilhado quase imperceptível destinado a trabalhos de fotogravura **7.** Arrecadar **8.** (Ingl.) United Nations / Cortar completamente os cabelos **9.** O pedido do público para repetição de uma música / Cosmético para colorir cílios e supercílios **10.** Uma das cores da bandeira do Reino Unido / (Neol.) Postagem que se multiplica facilmente **11.** Um órgão muito atingido pela gripe / O período entre Out e Dez **12.** Vento brando e fresco / (Pop.) De acordo! **13.** Comer uma leve refeição entre o almoço e o jantar

VERTICAIS

1. Um número como o 7 ou o 25 / Mulheres nascidas no país de Fidel Castro **2.** Prefixo: músculo / Usar de sarcasmo velado **3.** Que pode ser comido / (Anat.) Relativo à barriga da perna **4.** O sujeito de escrevo ou leio / Guardar, conservar alguma coisa / União homogênea resultante da mistura de duas ou mais substâncias **5.** Desentender-se com alguém / (Pop.) Tranquilo **6.** Como consequência de / (-gordura) Uma erva forrageira / Megaciclo **7.** Diz-se do imputado reconhecido culpado / A parte interior, mais compacta e escura, do tronco das árvores **8.** (Gír.) Pessoa que não tem ocupação / Muito antiga **9.** Estofar / (Pop.) Ser alvo de algum castigo, físico ou não.

HORIZONTAIS: 1. Imperar, **2.** Miau, Neve, **3.** Pop, Atual, **4.** Arte, GT, **5.** River, Dar, **6.** Retícula, **7.** Coletar, **8.** Un, Rapar, **9.** Bis, Rímel, **10.** Azul, Meme, **11.** Nariz, Nov, **12.** Aragem, Tá, **13.** Lanchar. **VERTICAIS: 1.** Ímpar, Cubanas, **2.** Mio, Ironizar, **3.** Papável, Sural, **4.** Eu, Reter, Liga, **5.** Atritar, Zen, **6.** Ante, Capim, Mc, **7.** Réu, Duràmen, **8.** Vagal, Remota, **9.** Feltrar, Levar.

Manifestante confronta policiais em Minnesota, nos EUA, em ato contra a morte do jovem Daunte Wright por uma agente Stephen Maturen - 11.abr.2021/Getty Images/AFP

Violência policial é associada a parto prematuro em negras americanas

Pesquisa de cientistas mostra que risco de doença cardiovascular nas mulheres também é maior

SAÚDE

Reinaldo José Lopes

SÃO CARLOS (SP) A violência policial pode ser uma das explicações para o aumento de problemas de saúde entre mulheres negras dos Estados Unidos, com efeitos como maior incidência de partos prematuros e doenças cardiovasculares nesse grupo.

A associação entre esses fatores, detectada a partir da análise de milhares de registros médicos e de reclamações contra policiais na cidade de Chicago, traz novos indícios sobre como circunstâncias sociais são capazes de afetar indiretamente o organismo —uma possibilidade que tem aparecido em cada vez mais estudos nas últimas décadas.

Os resultados da pesquisa sobre o tema estão na mais recente edição do periódico especializado Science Advances. Assinam o estudo Alexa Freedman e Gregory Miller, da Universidade Northwestern, entre outros cientistas.

Embora o trabalho apresente, por enquanto, associações estatísticas entre a violência policial e o aumento de problemas de saúde das mulheres, Miller disse à **Folha** que a análise de registros médicos poderia ser usada para investigar com mais detalhes como uma coisa pode desembocar na outra.

"Seria possível, por exemplo, usar informações sobre testes laboratoriais feitos pelas pacientes, envolvendo checagens de pressão arterial, níveis de glicose e lipídios [gorduras] no sangue. Obviamente seria uma abordagem mais limitada do ponto de vista biológico, mas ao menos não seria necessário um grande investimento para coletar novos dados", explica ele.

Diversos dados indicam que a polícia americana é muito mais severa no trato com a população negra do que com outros grupos raciais dos Estados Unidos. Em Chicago, onde o estudo foi realizado, a probabilidade de que um policial faça uso da força contra um suspeito negro é dez vezes maior do que quando o suspeito é um branco. A probabilidade de que uma pessoa negra desarmada seja baleada por policiais na cidade é quase seis vezes maior.

A hipótese dos pesquisadores é que esse clima de insegurança para quem não é branco pode ter efeitos múltiplos sobre a saúde, em geral associados a níveis constantemente mais elevados de estresse, mesmo quando as pessoas não estão diretamente envolvidas em ocorrências violentas, mas apenas vivem numa vizinhança na qual elas são recorrentes.

Ao afetar questões como padrões de sono e processos inflamatórios, esses eventos poderiam se traduzir em risco aumentado de diversos tipos de doenças.

Para tentar verificar se associações desse tipo ocorriam, os pesquisadores usaram duas grandes bases de dados, ambas com dezenas de milhares de registros. De um lado, vasculharam informações sobre nascimentos e atendimentos médicos de um hospital de Chicago entre 2008 e 2018; de outro, tiveram acesso às reclamações formais feitas por moradores de Chicago contra o uso excessivo da força por parte de policiais no mesmo período.

As reclamações contra policiais foram catalogadas com base nos bairros dos moradores que as fizeram. O mesmo foi feito no caso das mulheres atendidas no hospital, das quais 2.203 (no caso dos partos) e 439 (no caso das doenças cardiovasculares) eram negras e provinham de vizinhanças consideradas "expostas", ou seja, com reclamações por violência policial.

No que diz respeito às gestantes, os pesquisadores decidiram focar sua análise nos partos prematuros (aqueles realizados com menos de 37 semanas de gestação) porque já se sabe que negras dos Estados Unidos estão particularmente sujeitas a essa situação, que pode ter impacto sobre uma série de parâmetros de saúde dos bebês conforme se desenvolvem.

A análise revelou que as mulheres negras "expostas" da amostragem tinham probabilidade 19% maior de darem à luz bebês prematuros, 16% mais chances de que seus filhos nascessem abaixo do peso normal e probabilidade 42% maior de desenvolverem doenças cardiovasculares.

Os três índices podem estar relacionados, já que problemas cardiovasculares tendem a tornar as gestações mais arriscadas para os bebês.

Segundo Miller, outro caminho para entender melhor o fenômeno seria realizar um estudo longitudinal, ou seja, um levantamento que acompanhe as variáveis da violência policial e da saúde feminina ao longo de anos ou mesmo décadas.

Doenças crônicas, como a obesidade e a diabetes, crescem no país e atingem mais a população pobre

ANÁLISE

Bruno Gualano

É professor da Faculdade de Medicina da USP, especialista em fisiologia do exercício clínico e conduz estudos sobre promoção de estilo de vida saudável para populações clínicas

SÃO PAULO Se o Ministério da Saúde falha categoricamente em monitorar uma epidemia aguda como a da Covid-19 que nos mata aos montes a olho nu, imagine só, caro leitor, a quantas anda a prevenção de doenças crônicas não transmissíveis no país.

Como alerta a OMS (Organização Mundial de Saúde), essas condições, a despeito de evoluírem insidiosamente, são responsáveis por nada menos do que 71% dos óbitos globais, podendo chegar a 85% nos países não desenvolvidos.

Sem a vigilância adequada das doenças e seus determinantes —o que envolve coleta de dados e análises técnicas sistemáticas— não se podem implementar políticas públicas preventivas baseadas em evidência.

Chama-se Vigitel (Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas) o nosso principal estudo de abrangência nacional que monitora anualmente a prevalência de condições crônicas e seus fatores de risco.

Como a divulgação dos resultados do Vigitel 2020 atrasou (assim como a conclusão da pesquisa de 2021), pesquisadores do Instituto de Estudos para Políticas de Saúde (IEPS) debruçaram-se sobre os dados disponíveis e publicaram uma breve nota técnica para balizar políticas públicas.

Em dezembro de 2021, finalmente o Ministério da Saúde divulgou o relatório completo.

Com base em ambos os documentos, faço um apanhado dos principais resultados, que, adianto, não são nada animadores.

Em 2020, 16 capitais apresentaram prevalência de obesidade acima de 20%. Há dez anos, nenhuma delas superava essa marca.

Manaus, Cuiabá e São Paulo lideraram o ranking, com cerca de 25% de obesos. A proporção de pessoas com hipertensão arterial e diabetes do tipo 2 —ambas associadas com o excesso de peso corporal— manteve-se estável na série histórica, com cerca de 25% e 7%, respectivamente.

Em cidades como Belo Horizonte e Rio de Janeiro, três em cada dez pessoas reportaram ser hipertensos; ao lado de Maceió, a capital fluminense também encabeça o ranking de diabetes, com 11% da população acometida.

Há um pequeno punhado de fatores de risco que predispõem às doenças crônicas: tabagismo, inatividade física, abuso de álcool e alimentação inadequada. E no quesito hábito de vida, também caminhamos mal.

Na comparação entre 2019 e 2020, portanto dos períodos pré e pós-pandemia de Covid-19, com exceção do tabagismo, praticamente todos os fatores de risco comportamentais se deterioraram, ainda que discretamente.

A inatividade física avançou de 14% para 15% (considerado o critério da OMS de 150 minutos semanais de atividades moderadas a vigorosas, o incremento foi de 45% para 47% da população).

O consumo excessivo de álcool saltou de 19% para 21%. O consumo de ultraprocessados —os alimentos de mentira— também cresceu. Destaque para Porto Alegre, onde cerca de dois a cada dez habitantes relataram consumir cinco ou mais grupos desse tipo de alimento diariamente.

Esses dados do Vigitel 2020 reforçam as conclusões de estudos internacionais e nacionais feitos na pandemia.

Entre eles, um de nosso grupo da Universidade de São Paulo, que apontara importantes mudanças nos comportamentos alimentares da família brasileira, como o aumento do hábito de "beliscar" alimentos ultraprocessados entre as refeições e a maior demanda por serviços de entrega de fast foods.

A tendência de agravamento da inatividade física identificada pelo inquérito brasileiro também é global, provavelmente como consequência do uso mais frequente de telas para o trabalho, estudo e lazer, bem como das necessárias medidas de restrição de circulação por conta da Covid.

O dado mais preocupante do inquérito refere-se à associação entre determinantes sociais e a prevalência de doenças e fatores de risco. Entre as pessoas menos escolarizadas, as prevalências de hipertensão e diabetes foram mais de duas vezes maiores do que as observadas entre os mais escolarizados.

O grupo com menor escolaridade também apresentou piores taxas de obesidade, inatividade física, consumo de frutas e tabagismo.

Se não bastasse ter de passar a conviver com a insegurança alimentar, que atingiu a obscena marca de 55% dos lares brasileiros em 2020, o pobre também trava luta contra a obesidade e suas mazelas.

O cenário que se descortina é característico de uma sindemia —a sobreposição de várias pandemias (Covid-19, obesidade, doenças crônicas, etc.) que sobrecarregam sistemas de saúde e golpeiam com mais intensidade pessoas dos andares de baixo.

Enquanto gestores públicos mundo afora se mobilizam para ampliar o guarda-chuva de proteção dos vulneráveis contra a tormenta que se avizinha, por essas bandas, o Congresso Nacional aprovou a proposta de gastos encaminhada pelo Ministério da Saúde mais enxuta em relação ao orçamento total da última década, o que certamente minará a já combalida capacidade de resposta do SUS (Sistema Único de Saúde).

Como se pode antecipar, sofrerá primariamente o pobre, alimentando assim a lista ímpar de iniquidades que somente este país é capaz de produzir.

[...]

Entre as pessoas menos escolarizadas, as prevalências de hipertensão e diabetes foram mais de duas vezes maiores do que as observadas entre os mais escolarizados

Xinhua - 01.set.2021

Fotos Divulgação

Penélope Cruz vive papel da sua vida em novo filme de Pedro Almodóvar

Atriz fala de sua relação com o criador de 'Madres Paralelas', que estreia na Netflix em 18/2

F5

Kyle Buchanan

THE NEW YORK TIMES Não é difícil imaginar que o primeiro telefonema de Pedro Almodóvar para Penélope Cruz tenha surgido como uma manifestação da vontade da atriz.

Desde menina, em Madri, ela assistia a filmes do diretor repetidamente, em vídeo Betamax, sempre com a esperança de que o cineasta espanhol viesse a encontrar um espaço para ela em seu mundo brilhante e ousado.

Ela sonhava com isso tão frequentemente que, no dia em que ele telefonou a fim de convidá-la para um papel, a sensação não foi a de uma primeira conversa —parecia mais um diálogo com alguém que ela já conhecia muito bem.

O elo entre os dois se mostrou ainda mais intenso quando Almodóvar a convidou para uma visita ao seu apartamento, para a leitura de um roteiro que ele escrevia.

Cruz ainda era uma atriz principiante. Era 1992, e seus dois primeiros filmes, "Jamon Jamon" e "Belle Époque", tinham acabado de estrear. Mas ao trocar linhas de diálogo com o cineasta, um nome muito mais estabelecido, na cozinha da casa dele, a conexão entre os dois não poderia ter parecido mais natural.

"É difícil explicar sem parecer estranha", afirma a atriz, "mas conhecíamos um ao outro, sentíamos um ao outro, éramos capazes de ler os pensamentos um do outro".

Quando se trata de Almodóvar, Cruz afirma ter uma intuição quase mística. O cineasta não a escalou para um papel depois daquela primeira reunião —ela tinha 18 anos, e a personagem 35—, mas nos anos seguintes a atriz continuou a sonhar com Almodóvar.

Ela imaginava onde ele estaria em Madri, ia até o teatro ou a casa noturna no qual pensara e lá, entre tantas outras silhuetas muito mais convencionais, ela via de longe seu topete característico.

O que se deve fazer quando você sente uma conexão que parece natural e sobrenatural a um só tempo? Se estamos falando de Cruz e Almodóvar, a resposta é que chega o momento em que você se rende a ela, e o resultado disso foram os sete filmes que eles já fizeram juntos.

O mais recente deles, "Mães Paralelas", é uma de suas melhores colaborações, e traz Cruz como uma mãe que luta para manter oculto um terrível segredo.

O desempenho finamente calibrado da atriz lhe valeu o Troféu Volpi no Festival de Cinema de Veneza e o prêmio de melhor atriz da Associação dos Críticos de Cinema de Los Angeles e da Associação Nacional dos Críticos de Cinema dos Estados Unidos. O filme também pode valer para Cruz, que ganhou um Oscar por "Vicky Cristina Barcelona", sua quarta indicação a um prêmio da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas.

Questionado sobre as visões sobrenaturais de Cruz, Almodóvar inicialmente parecia tentado a zombar da ideia. Na época em que se conheceram, os movimentos dele em Madri eram bem conhecidos de todos, e encontrá-lo não era uma tarefa difícil. Ainda assim, ele disse, o poder da crença de Cruz provou ser essencial para o relacionamento de trabalho entre eles.

"Penélope tem uma fé cega em mim", escreveu Almodóvar em um longo email. "Está convencida de que sou um diretor e roteirista melhor do que realmente sou."

"E essa fé cega me dá a confiança de que preciso para pedir qualquer coisa a ela, enquanto a confiança que ela deposita em mim permite que faça durante as filmagens coisas que não ousaria com outros diretores, porque ela sabe que estou olhando para ela como se por meio de milhares de olhos", explica o cineasta, que acrescenta: "Ela com certeza tem um pouquinho de bruxa".

Hoje em dia, quando o assunto é a intuição de Cruz, as pessoas sabem que o melhor é não discutir com ela, e "Mães Paralelas" oferece um exemplo instrutivo.

Quando Almodóvar falou inicialmente com a atriz sobre o projeto, em 1999, os dois tinham acabado de fazer dois filmes juntos, "Carne Trêmula" e "Tudo sobre Minha Mãe", nos quais Cruz tinha interpretado mulheres grávidas.

"Mães Paralelas" teria completado um trio de papéis de gestantes: Almodóvar descreveu a história à atriz explicando que ela interpretaria a jovem Ana, uma das duas mães solteiras cujos filhos são trocados na maternidade.

Mas a intuição de Cruz se manifestou de imediato, e ela descobriu que a personagem que a interessava mais era Janis, a mãe mais velha, uma fotógrafa determinada que estava lidando com uma gravidez inesperada e com um momento sombrio da Espanha.

O projeto demoraria duas décadas para entrar em produção. Em 2020, Almodóvar disse a Cruz que tinha ressuscitado "Mães Paralelas" e agora a imaginava como Janis.

É difícil mesmo imaginar qualquer outra atriz no papel, porque, de muitas formas, Cruz praticamente passou a vida toda se preparando e amadurecendo para ele.

Como Janis, Cruz ama fotografia, um hobby para a atriz desde que ela era adolescente. É divertido vê-la por trás da câmera, na primeira cena de "Mães Paralelas", dando instruções a um modelo masculino, porque a imagem que tornou Cruz famosa foi a de uma jovem inocentemente sedutora, e a tornou a musa de muitos homens.

Ela é elegante e cosmopolita, como Janis, e mistura jeans e roupas de grife de uma maneira chique, mas jamais exagerada. E agora também é mãe (casada com o ator Javier Bardem, Cruz tem dois filhos).

Mas não demora para que surja uma virada perpendicular na trama de "Mães Paralelas", quando Janis descobre a verdade sobre a criança que presumia ser sua.

Ao decidir manter a situação em segredo, Janis se divide em duas: precisa agir como uma mãe feliz e despreocupada, mas sua culpa vai se acumulando e um desfecho repleto de angústia parece se tornar cada vez mais inevitável.

Essa sensação de dualidade provou ser a coisa mais desafiadora para Cruz, o ponto mais difícil para que ela encontrasse uma conexão com a personagem, segundo o diretor.

"Ser capaz de expressar dois sentimentos opostos ao mesmo tempo é incrivelmente difícil, e Penélope consegue fazê-lo, mesmo que isso não esteja em sua natureza", disse o cineasta Almodóvar.

A atriz solicitou um processo de ensaio incomumente demorado, de alguns meses de duração, para tentar chegar ao cerne de uma personagem que vive em conflito constante com seus sentimentos.

Janis precisa se manter sob controle rigoroso, mas Cruz não. Em uma conversa por vídeo de Madri, ela se mostrou calorosa e efusiva, e, mesmo confinada a uma janela do Zoom, provou ser capaz de usar o quadro todo, gesticulando expressivamente como se estivesse jogando mímica.

"Como é que posso falar sobre um filme como esse sem soar coitadinha demais, 'pobrezinha, que sofrimento interpretar um personagem como aquele'?", ela ponderou. "Mas também não quero mentir para você e dizer que não tive problemas, e que foi tudo muito fácil."

Almodóvar filma seus trabalhos cronologicamente, e por isso, embora Janis não saiba que tragédias estão por acontecer, Cruz estava completamente consciente de quando viriam as suas cenas mais duras. "Sabia que seria adrenalina total, provavelmente a filmagem mais intensa de minha vida —e foi", ela disse.

Mas, ainda assim, Cruz manteve todos esses sentimentos sob controle, como Janis faz.

Continua na pág. 3

> É difícil explicar sem parecer estranha, mas conhecíamos um ao outro, sentíamos um ao outro, éramos capazes de ler os pensamentos um do outro

Penélope Cruz
atriz, sobre o primeiro encontro com Pedro Almodóvar

> Penélope tem uma fé cega em mim. Está convencida de que sou um diretor e roteirista melhor do que realmente sou

Pedro Almodóvar
cineasta

1 A atriz Penélope Cruz posa ao lado do cineasta Pedro Almodóvar em sessão de divulgação da mais recente obra da dupla, 'Mães Paralelas', no 78º Festival Internacional de Cinema de Veneza, na Itália; 3 no filme, Cruz interpreta Janis, uma mãe com um grande segredo; 2 a longeva parceria dos dois inclui 'Tudo Sobre Minha Mãe', de 1999; 4 a atriz, em sessão de retratos em Nova York

Camila Falquez - 18.nov.21/The New York Times

Continuação da pág. 2

Até que um dos momentos culminantes da história se provou tão difícil de filmar que Almodóvar teve de ajudar a atriz, devastada, a se erguer do chão, no final da cena.

"Eu preferiria que você pudesse fazer esse trabalho sem sofrer tanto", disse Almodóvar a ela naquele dia. Mas não é assim que Cruz trabalha.

"Não vejo aquilo como sofrimento", disse Cruz, "porque o que fiz foi por ela, foi por Janis, ou por todas as mulheres que pudessem estar em situação parecida, a de perder o que mais amam".

"Para mim, ela estava viva. É uma criatura real, criada por ele [Almodóvar]", completa.

Por isso, quando Cruz declara que "Mães Paralelas" foi o trabalho mais difícil que já fez, ela o diz no bom sentido.

Ainda que Janis e Cruz inicialmente pareçam ser semelhantes, interpretar aquela mulher distanciou Cruz de si mesma mais do que poderia imaginar. "Tenho um sorriso no rosto porque o papel me deu muito, e me fez sentir viva demais, criativamente. Foi exaustivo em termos emocionais, mas ao mesmo tempo curti cada segundo."

Se você pedir às pessoas que a conhecem que descrevam Cruz, um adjetivo sempre aparece. "Passei a vida inteira ouvindo como eu sou teimosa. Não sei se isso acontece porque sou do signo de touro."

Qualquer que seja o motivo, a teimosia a serviu bem. Quando Cruz tinha 14 anos e queria se tornar atriz, ela se candidatou a um programa de busca de talentos dirigido pela agente Katrina Bayonas, em Madri. Os candidatos precisavam ter pelo menos 16 anos de idade e, por isso, Cruz mentiu.

Bayonas desconfiou da mentira, e por causa disso deu à jovem uma cena cínica de "Casablanca" como teste, sabendo que ela teria dificuldade para entender o contexto. Cruz tentou fazer a cena, mas foi rejeitada duas vezes.

Na terceira, improvisou uma cena que permitiu que liberasse toda a raiva e frustração que estava sentindo por não ser levada a sério.

A agente ficou impressionada com seu talento e sua persistência e mais tarde telefonou para dizer que, entre os 300 candidatos, ela tinha escolhido representar Cruz.

Décadas mais tarde, Bayonas continua a ser a agente da atriz na Espanha.

Talvez Cruz tenha se tornado tão determinada, tão segura de si, por ser do signo de touro, ou talvez por alguma outra coisa que ela aprendeu com enorme disciplina durante os anos de sua infância em que estudou balé clássico, às vezes praticando por até quatro horas ao dia.

"A sensação de que os dedos de seu pé estão sangrando, mas você precisa continuar a dançar e a sorrir é algo que realmente persiste em você", relembra ela.

Foi mais ou menos a mesma coisa quando sua carreira começou a ganhar impulso, e Cruz passou a receber convites para trabalhar em papéis em filmes americanos.

Mesmo que Hollywood às vezes a tenha colocado em situações desconfortáveis, ela sempre manteve o sorriso no rosto. Os diretores de língua inglesa nem sempre sabiam o que fazer com ela, e era frequente que a atriz fosse escalada como um par romântico insípido, em filmes como "Terra de Paixões" e "Espírito Selvagem".

Alguns de seus filmes brilharam mais, como "Profissão de Risco" e "Vanilla Sky", os dois de 2001, mas foi só quando voltou a trabalhar com Almodóvar, em "Volver" (2006), que ela conquistou sua primeira indicação ao Oscar e mostrou a Hollywood o tipo de desempenho marcante do qual era capaz.

"Vicky Cristina Barcelona" veio dois anos mais tarde, seguido por outra interpretação que valeu indicação ao Oscar, no musical "Nine". De lá para cá, Cruz se alterna entre grandes filmes de Hollywood, como "As Agentes 335", e produções de dimensões mais humanas filmadas na Espanha.

E a intervalos de uns poucos anos, ela volta a trabalhar com Almodóvar, que parece sempre disposto a ajudá-la a subir mais um degrau.

"Nos papéis espanhóis em que ela atua, é fácil perceber seu crescimento e sua extrema versatilidade", escreveu Almodóvar. "Embora eu soubesse que Hollywood viria a se interessar por seu trabalho, ela ainda não desenvolveu plenamente sua capacidade nos papéis em inglês."

Embora ele acredite que Cruz tenha feito seu melhor trabalho americano até o momento na minissérie "The Assassination of Gianni Versace: American Crime Story", em 2018, interpretando uma inabalável Donatella Versace, Almodóvar acrescentou que "o melhor de Penélope ainda está por vir no mercado americano".

Cruz não sente qualquer arrependimento. "Jamais vi minha carreira em Hollywood e minha careira na Europa como coisas separadas."

"Sinto ter muita sorte nas ofertas que consegui, desde o começo. Algumas tiveram resultados melhores do que outras, mas não posso olhar para o passado e julgá-las apenas por seus resultados, ou pelos prêmios ou críticas. Cada passo conta", afirmou.

Ela admite que, por algum tempo, enquanto se alternava entre Madri e Los Angeles e fazia até quatro filmes por ano, teve de aceitar um nível de estresse que sabia ser insustentável para manter a carreira.

"Era um ritmo insano, e comecei a pagar por isso", ela disse. "Dedicava todo o meu tempo àquelas personagens, mas não à minha própria história, nem mesmo à minha família, naquela altura."

E a família importa muito para Cruz, porque, desde que se lembra, ela queria ser mãe. Quando menina, ela brincava com as seringas de insulina de sua avó, fingindo dar injeções em suas bonecas.

Ela sabia que não queria ter filhos antes dos 30 anos, quando estava concentrada obsessivamente em sua carreira.

Mas ao se aproximar dos 40, depois de se casar com Bardem, um ator com quem contracenou muitas vezes, e de poder se tornar mais seletiva quanto aos papéis que aceitava, ela desacelerou e teve seu primeiro filho, Leo, seguido por uma filha, Luna.

"A natureza lhe dá alguns meses para que você se prepare, mas no segundo em que você vê seu filho ou filha pela primeira vez, tudo muda", disse Cruz. "Até o seu ego. Você imediatamente é levada para um lugar mais saudável."

Bem, a menos que você seja Janis, de "Mães Paralelas", que na verdade encontra uma série de novos problemas para resolver. Mas a maternidade ajudou Cruz a compreender por que Janis se deixa levar a tamanhos extremos de sigilo a fim de proteger seu filho

"Eu não teria feito algo de muito diferente do que ela fez", disse Cruz. "Muita gente me diz que sabe que ela teve um grande dilema moral a enfrentar, mas que mesmo assim o que fez não foi muito ético. E eu pergunto se a pessoa é pai, se a pessoa é mãe. Porque talvez, se for, seja capaz de imaginar aquela situação."

Em dezembro, o Museu de Arte Moderna de Nova York fez uma homenagem a Cruz por sua carreira.

Almodóvar enviou um tributo em vídeo. "Você me disse que, quando eu envelhecer, tomará conta de mim", ele declara no final do vídeo. "Ainda não estou tão velho, mas espero que cumpra o que prometeu. Quando eu for velho, espero que você venha e se torne, no caso, minha mãe."

Questionada sobre aquele momento, Cruz continua incrédula. "Você imagina como foi assistir àquele vídeo logo antes de chegar minha vez de discursar?", ela indagou. "O que é engraçado em Pedro é que ele não me diria aquilo em uma conversa pessoal, nós dois sozinhos. Prefere me dizer em um vídeo que talvez milhares de pessoas verão."

A conversa a que o cineasta estava se referindo ocorreu 18 anos atrás. Cruz disse a ele o quanto o amava e que os dois poderiam contar um com o outro para sempre. Ela se lembra de como o rosto dele mudou quando ela disse aquilo.

"Ao retribuir agora, ele está me colocando em um lugar de valor muito grande em sua vida, em um lugar de grande confiança. É uma maneira de dizer que ele quer que nos mantenhamos ligados pelo resto de nossas vidas", disse ela.

Pode parecer incomum que um homem mais velho peça a uma amiga mais jovem para se tornar sua mãe, mas a maneira pela qual Almodóvar encara a maternidade sempre desafiou alegremente as convenções.

As mulheres de "Mães Paralelas" não esperavam ter filhos e, às vezes, lutam contra aquilo que a sociedade espera delas por causa disso. Mas a maternidade só se torna uma limitação para aqueles que permitem que isso aconteça. O filme culmina com uma cena de vínculos maternais quase insuportavelmente comovente.

Para Cruz e Almodóvar, a maternidade envolve mais do que o papel de cuidadora: se você tem a sorte de servir como mãe para alguém que importa para você, ela pode ser a expressão definitiva de empatia e devoção.

Nesse contexto, todas aquelas visões que Cruz teve sobe Almodóvar não parecem tão sobrenaturais. Talvez elas estivessem simplesmente expressando, desde o começo, uma intuição materna.

Tradução Paulo Migliacci

Milena Smit e Penélope Cruz em cena de 'Mães Paralelas', novo filme de Pedro Almodóvar Divulgação

Mais recente produção do cineasta tinge sua obra de uma misoginia inédita

OPINIÃO

Helen Beltrame-Linné
Roteirista e consultora de dramaturgia, foi diretora da Fundação Bergman Center, na Suécia, e editora-adjunta da Ilustríssima

SÃO PAULO A matemática define linhas paralelas como traços que se prolongam lado a lado sem nunca se encontrar. Não é o caso das mães de "Mães Paralelas", último longa de Pedro Almodóvar, que não só cruzam mais de uma vez, como chegam a coincidir numa mesma linha quando formam o núcleo familiar homoafetivo de duas mulheres que criam uma criança.

Talvez a falta de precisão do título explique parte da minha antipatia ao filme de Almodóvar, mas há muito mais por trás do desalento que senti ao ver o 23º longa-metragem do autor de clássicos como "Mulheres à Beira de um Ataque de Nervos", de 1988, "Carne Trêmula", de 1997, e "Fale com Ela", de 2002, para citar alguns.

O cineasta espanhol construiu sua filmografia com um estilo inconfundível que vai muito além da direção de arte e de seu vermelho característico. Almodóvar se consagrou como o mestre do melodrama com alta voltagem sexual e nós, espectadores, nos habituamos a apreciar suas personagens neuróticas envoltas em novelos de reviravoltas, revelações e coincidências, desvendadas com agilidade narrativa e humor.

"Mães Paralelas" tem alguns desses elementos: nos primeiros oito minutos de filme, a trama já avançou meses, duas mulheres já tiveram suas vidas viradas de ponta-cabeça e outras duas estão para nascer (tomo a formulação emprestada de Anthony Lane em sua crítica para a New Yorker).

Com sua usual habilidade, o diretor constrói rapidamente um terreno de personagens femininas que renderia um filme ótimo de Almodóvar: Janis (Penélope Cruz), a mulher independente menos bem resolvida do que imagina; Ana (Milena Smit), a jovem vítima de abuso que confia em quem não deveria; sua mãe, Teresa (Aitana Sánchez-Gijón), a personagem clássica da atriz narcisista; a amiga estranha e segura (pela inconfundível Rossy de Palma); o marido ausente.

Mas é justamente ao descartar tudo isso que "Mães Paralelas" deixa a desejar. A facilidade com que Almodóvar se desfaz dos dramas dessas personagens para engatar num desfecho político de denúncia sobre a Guerra Civil Espanhola parece, no mínimo, oportunista.

Atenção para o spoiler. O romance de Janis e Ana é resolvido num telefonema, o luto de Janis (que na mesma tacada perde a parceira e a filha de criação) é soterrado com a pá de cal de uma gravidez oportuna —isso sem falar no luto de Janis pela filha biológica morta, solenemente ignorado pela trama, e no estupro coletivo de Ana, pincelado como um mero detalhe de sua biografia.

Almodóvar parece agir como o pai de Ana, que se calou diante da tragédia da filha ("para evitar escândalo"), e com muita facilidade evitou ou descartou os dramas femininos que não lhe interessavam.

Vi em "Mães Paralelas" —e digo isso com pesar— uma misoginia até então inédita para mim no cinema de Pedro Almodóvar.

Do que mais podemos chamar um cineasta que usa os dilemas de suas personagens femininas como pretexto para fazer um filme de justiça social? Um filme que tem mães no título carrega em si uma questão política inevitável, especialmente ao passear por temáticas poderosas como a maternidade biológica, a de criação, aquela que é escolhida e a outra imposta por estupro.

Fazer desse filme veículo para uma questão política de memória me parece leviano.

Chama a atenção que esta insensibilidade a questões violentíssimas como estupro, maternidade e o luto feminino (amplamente disseminada em obras assinadas por homens) não seja sequer mencionada na massa de críticas laudatórias feitas nos principais veículos na língua inglesa —New Times Times, LA Times, Guardian, New Yorker, Time Out, Variety, Hollywood Reporter, Indie Wire, Screen Daily— todas assinadas por homens. Todos satisfeitos com a lição histórica de Almodóvar.

Nesse sentido, acho revelador o tom condescendente de Janis ao tomar sua consciência histórica como virtude e disparar para a jovem Ana: "É hora de você conhecer o país onde vive".

Janis, como veículo da visão do diretor, se limita a olhar para trás e não se pergunta sobre o país que Ana poderia lhe apresentar.

Falta em "Mães Paralelas" a curiosidade, o senso de humor e de perigo que sempre marcaram o cinema de Almodóvar. Aqui, ele soa como um velho careta fascinado pela sua própria consciência histórica, mais preocupado com seu discurso do que com a matéria bruta humana que tinha em mãos.

[...]

A facilidade com que Almodóvar se desfaz dos dramas das personagens para engatar num desfecho político de denúncia sobre a Guerra Civil parece, no mínimo, oportunista

Marwa Atik, fundadora da Vela Scarves, e Khadija Sillah, ex-estagiária e recém-contratada da empresa, na Califórnia Jessica Chou - 10.jan.22/The New York Times

Jovens buscam ganhar experiência em estágios com influenciadores

Jornadas não remuneradas exigem atenção dos prestadores e fiscalização dos empregadores

FS

Jennifer Miller

THE NEW YORK TIMES Em setembro de 2020, Audrey Peters, que tinha ganhado fama há pouco tempo como influenciadora no TikTok, assinou sua primeira parceria com uma marca.

Uma conta chamada @Overheard pediu que ela recitasse trechos de conversas escandalosas alheias durante as caminhadas por Manhattan que ela filmava com seu smartphone. Mas não demorou muito para os amigos de Peters perdessem a paciência com a ideia de andar alguns passos atrás dela segurando o celular para gravar as cenas de seus passeios pela cidade.

Um colega criador de conteúdo sugeriu que, ao invés disso, Peters, 24, procurasse um estagiário não remunerado —alguém que a ajudasse em seu trabalho em troca da experiência adquirida.

A ideia parecia perfeita. Peters tinha sido estagiária não remunerada, em seus anos de universidade, e a experiência a beneficiou. Por isso ela postou um story no Instagram no qual anunciava uma vaga para um estágio não remunerado e de tempo parcial.

O anúncio não foi bem recebido. Os comentários se acumularam, definindo-a como classista e acusando-a de exploração. Em retrospecto, ela diz, a descrição do trabalho que ela fez no anúncio era incompleta. Ela tinha a intenção de cobrir as despesas do estagiário com transporte e refeições, e de apresentá-lo aos representantes das marcas com quem tem parcerias.

Mas ainda assim, disse Peters em uma entrevista por telefone em novembro, "mesmo depois que encontrei problemas e comecei a receber críticas pesadas, continuei a receber emails e mensagens de pessoas que diziam que adorariam trabalhar para mim". E mais de um ano depois de ela postar o anúncio, candidatos continuavam a se apresentar.

Depois de uma década de batalhas trabalhistas, processos judiciais coletivos e leis cujo foco era tornar os estágios empresariais menos abusivos, pode ser difícil compreender que interesse alguém teria por ocupar um posto como esse (remunerado ou não) junto a uma celebridade de internet que trabalha por conta própria.

Mas para pessoas que cresceram online e passam a maior parte de seu tempo conectadas, compartilhando vídeos cuidadosamente editados e trocando recomendações de produtos, a oportunidade de aprender a ganhar a vida com o conteúdo que criam pode ser atraente.

Em uma pesquisa conduzida pela Morning Consult em 2019 com 2.000 pessoas da Geração Milênio, 54% delas disseram que se tornariam influenciadoras se pudessem. Agora, depois de quase dois anos que mudaram radicalmente a maneira pela qual as pessoas trabalham e vivem, o apelo da liberdade e flexibilidade criativa pode ter se tornado ainda mais forte.

"As pessoas mais jovens não querem viver uma vida corporativa. Querem se divertir, estar em algo relevante, integradas à cultura", disse Gabe Feldman, 26, diretor de desenvolvimento de negócios da Viral Nation, que representa influenciadores em todo o mundo.

Há muitas maneiras de se tornar influenciador. Às vezes isso acontece por conta de um acaso feliz: um vídeo faz sucesso viral e marcas começam a procurar parcerias.

Algumas pessoas gastam dinheiro em cursos de treinamento ou com "bots" que ajudem a expandir seu número de seguidores, na esperança de que isso as ajude a ganhar influência. Outras vão diretamente à fonte, e enviam mensagens a um influenciador que admiram, pedindo emprego.

É claro que arranjos como esses podem ter lados negativos, como é o caso de horários de trabalho inoportunos, trabalho não estruturado, proteção limitada pelas leis trabalhistas e dificuldades na prestação de contas. Para não mencionar a instabilidade dos seguidores.

"Digamos que você trabalhe com um influenciador que estava se saindo incrivelmente bem em 2021, mas em 2022 a audiência dele deixa de crescer", disse Feldman. "Isso significa a perda daquilo que fazia o trabalho valer a pena."

E há também a questão do dinheiro. Feldman estima que apenas 40% dos clientes da Viral Nation remunerem seus estagiários com base em uma escala fixa de pagamento por hora de trabalho, salários regulares ou bonificações por trabalhos entregues. Para muitos jovens, que saem endividados da universidade e estão diante da inflação mais alta em 30 anos, trabalhar de graça se tornou insustentável.

Hoje em dia, a maior parte das grandes empresas remunera os estagiários, depois que diversas companhias de mídia e entretenimento foram condenadas por violações das leis trabalhistas.

Mas estágios não remunerados não são considerados ilegais por definição. Em 2015, um tribunal de recursos decidiu que eles eram admissíveis se o estagiário for o "beneficiário primário" do estágio.

O Departamento do Trabalho americano agora trabalha com uma lista de sete critérios que um empregador precisa cumprir se deseja contratar estagiários não remunerados, entre as quais um componente educativo claro no trabalho e uma descrição de funções que signifique que o estagiário "complementa, em lugar de substituir, o trabalho de empregados pagos".

Nova York e a Califórnia também têm critérios rigorosos para empregadores que desejem oferecer estágios não remunerados. Uma empresa precisa pagar salário mínimo e horas extras aos seus estagiários caso eles estejam executando tarefas que usualmente caberiam a um empregado.

"Isso acontece porque o número de abusos é muito grande", disse Anita Sharma, advogada cujo escritório tem grande número de influenciadores entre seus clientes.

"No mundo dos influenciadores, os negócios ganham escala muito rápido", ela disse. "Se estou sobrecarregado, minha audiência está crescendo e preciso de ajuda, e pessoas me mandam mensagens dizendo que querem trabalhar para mim e aprender comigo, é uma combinação perfeita".

Diversos advogados que contatamos para este artigo e se especializam em trabalho relacionado à mídia social disseram não conhecer nenhum caso de estagiário que tenha aberto processo contra um influenciador.

Mas, disse Sharma, "um estagiário insatisfeito sempre tem a opção de se queixar às autoridades trabalhistas do estado, e elas agirão, o que garante que haja prestação de contas".

Lauren Berger, presidente-executiva e fundadora da Intern Queen, uma empresa de consultoria sobre estágios e desenvolvimento de carreira, recomenda que os influenciadores sejam cuidadosos. "As diretrizes são ambíguas" ela disse. "O que os influenciadores vão fazer quando um dos estagiários voltar depois de alguns anos e disser que 'eu a ajudei mas ela não me pagou'? Há um processo judicial à espera, ali."

Kalyn Johnson Chandler, que comanda a Effie's Paper, uma marca de produtos de papelaria, disse que quando sua empresa era pequena, os estagiários recebiam um vale-transporte e dinheiro para alimentação. Quando o negócio cresceu, ela começou a pagar US$ 15 (R$ 80) por hora.

Hala Taha, por outro lado, vê a experiência que o estagiário adquire como a forma mais valiosa de remuneração. Ela construiu sua companhia, a Young and Profiting Media, com a ajuda de 40 estagiários e voluntários, de 2018 para cá.

"São ouvintes de podcasts que perguntam como podem ajudar, ou dizem que me admiram, ou desejam começar no ramo dos podcasts", disse.

Ela tinha sete estagiários, no final de 2021, que ajudavam a redigir textos, administrar comentários e editar vídeos. A maioria deles recebia um estipêndio de US$ 300 (R$ 1.600) por mês em troca de 15 horas de trabalho por semana —o equivalente a cerca de US$ 5 por hora (R$ 27).

"Sou uma excelente redatora e uma excelente produtora de vídeos", disse Taha. "Por isso, quando comento em tempo real o trabalho que eles fazem, minha estimativa é que eles dobram sua competência técnica em um mês de trabalho. Não acho nem um pouco estranho não pagar pelo trabalho deles", ela acrescentou.

Depois de quatro meses, disse Taha, ela oferece à maioria de seus estagiários um trabalho de período integral com salário de entre US$ 35 mil (R$ 189 mil) e US$ 48 mil (R$ 260 mil) anuais, exatamente porque eles adquiriram muita experiência prática.

Caitlyn Saw, 21, foi estagiária de Taha no terceiro trimestre de 2020, sem remuneração. Ela trabalhava cerca de 15 horas por semana e pôde arcar com o estágio porque ainda vivia com os pais e trabalhava em tempo parcial para uma agência de publicidade.

"Eu fiz dois estágios não remunerados antes da Young and Profiting Media. Estava acostumada a não receber pagamento", disse Saw. "Obviamente não é a situação ideal, mas acho que um estágio com ela tem um valor incrível."

Katie Welch, 44, vice-presidente de marketing da Rare Beauty, oferece conselhos sobre carreira no TikTok e disse que um estágio com um influenciador pode ser "um ótimo lugar para começar uma carreira", especialmente para quem quer trabalhar com marketing ou relações públicas. "O que eu diria a um estagiário é que ele precisa determinar se está sendo pago de maneira justa e também tratado com o devido respeito."

Antigos estagiários dizem que apreciam a orientação que receberam. Sara Naqui, que começou tirando fotos como voluntária para Chandler, da Effie's Paper, agora tem um contrato com a companhia e um canal próprio no YouTube. "Ela me apoiou em meus esforços criativos de uma maneira que eu nunca tinha visto outro adulto apoiar", disse.

A Vela Scarves, uma marca de "hijabs" para mulheres interessadas em moda moderna, e sua fundadora e diretora de criação, Marwa Atik, fazem questão de convidar seguidoras para trabalhar como voluntárias em sessões de fotos e para se candidatar a estágios. "Você está se dirigindo a um conjunto de pessoas selecionadas que já apoiam, acreditam no seu trabalho e se veem usando o produto", disse Atik, 31. "É uma conexão muito mais forte quando trazemos nossas meninas."

Khadija Sillah, 23, ex-estagiária da Vela Scarves, disse que "Marwa se esforçou para me orientar e me ajudou a me conectar com marcas e desenvolver ideias de conteúdo". Ela foi recentemente contratada pela marca.

Chandler disse que seus estagiários ajudaram a construir a presença da Effie's Paper nas redes sociais, começando do zero. "Uma década atrás, eu era advogada e estava tentando me tornar empresária", ela disse. "Não tinha tempo de pensar sobre mídia social".

Mais tarde, Chandler solicitou a ajuda de uma antiga estagiária da empresa, Chloe Helander, que tinha criado uma consultoria de mídia social. Helander sugeriu que Chandler fosse a estrela das contas de mídia social da Effie's Paper.

Chandler inicialmente recebeu a ideia com ceticismo. "Agora, é por causa dela que meu rosto aparece em tudo".

Tradução Paulo Migliacci

O que eu diria a um estagiário é que ele precisa determinar se está sendo pago de maneira justa e também tratado com o devido respeito

Katie Welch
vice-presidente de marketing da Rare Beauty